

PAULO FREIRE
O MENINO QUE LIA O MUNDO
uma história de pessoas, de letras e de palavras

Carlos Rodrigues Brandão

NOTA PRÉVIA

Esta é a versão sem imagens de um livro que originalmente foi escrito para os/as “sem-terrinha”, crianças e jovens das escolas itinerantes do acampamentos e das escolas dos assentamentos do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Foi publicado no Cadernos Fazendo História n. 7, do MST.

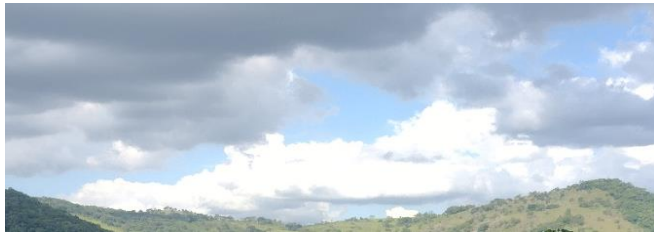
Depois saiu a presente versão, republicado pela Editora da UNESP, de São Paulo.

Finalmente o mesmo livro, na versão original do MST, foi de novo republicado em 2014 pela Editora Expressão Popular, com o nome: A HISTÓRIA DO MENINO QUE LIA O MUNDO.

Nesta versão eletrônica o livro está sem as belas imagens de desenhos que saíram nas edições impressas. Aqui estão apenas as minhas indicações ao ilustrador.

Há duas versões eletrônicas. Uma com os jogos cooperativos e outra sem eles.

Escrito entre as Nuvens



As únicas coisas eternas são as nuvens.

Mario Quintana

Desde os “anos sessenta” até quase agora livros meus foram publicados por diferentes editoras.

Seis décadas em que eu vivi a ventura de ver os meus livros sendo publicados “em papel”. Agora os tempos são outros, e também os recursos de leitura.

Resolvi então que a maior parte dos meus escritos recentes, e alguns de anos passados, deverão ser “atirados entre as nuvens”.

Assim, de uma forma livre e gratuita, quem os queira ver ou ler poderá ter acesso a eles.

Lembro o site: www.apartilhadavida.com.br, onde boa parte do que escrevi ao longo da minha vida pode ser livre e solidariamente encontrado, acessado e compartilhado.

ROTEIRO DO LIVRO

Um (ou 1, ou primeiro)

A HISTÓRIA DE PAULO – O MENINO QUE LIA O MUNDO

Onde se conta, pouco a pouco, a história da vida de um menino que nasceu no Nordeste do Brasil, que viveu em muitos lugares e que inventou um jeito novo de ler e de escrever. Este capítulo está dividido assim:

O menino da sombra das mangueiras

De Recife ao Jaboatão

De menino a gente grande, de aluno a professor

De Angicos para muito longe

Dois (ou 2, ou segundo)

VIVENDO E PENSANDO, APRENDENDO E ENSINANDO, LENDO E ESCRREVENDO

Onde se explica, passo a passo, como foi criado e como é o método de ler e aprender que o menino do capítulo um inventou, quando ele já era “gente grande”. Este capítulo do nosso livro está dividido em cinco passos, assim:

Primeiro passo no caminho:

Descobrimo as palavras, recriando as idéias

Segundo passo:

Das palavras geradoras para os círculos de cultura

Terceiro passo:

Das palavras geradoras para os temas geradores

Quarto passo:

Aprendendo a ler e a escrever idéias com as palavras

Quinto passo:

Do círculo para o mundo, da escola para a vida

Três (ou 3, ou terceiro)

BRINCANDO E JOGANDO, PARTILHANDO OS OUTROS E CRIANDO COM PALAVRAS E COM IDÉIAS

Onde se pode aprender a construir e a jogar três jogos com palavras, inspirados nas idéias do menino que nasceu, cresceu e viveu tal como se conta no capítulo um, e que inventou um jeito novo de se aprender a ler e a escrever, tal como se conta no capítulo dois. São três jogos, mas vocês podem inventar outros.

Primeiro jogo

O JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE

Começa assim

Continua assim

Vai indo assim

Acaba assim

Segundo jogo

QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?

Primeiro momento: construindo o jogo juntos

Segundo momento: construindo quem sou eu

Terceiro momento: somos iguais, somos diferentes

Terceiro jogo

O JOGO DA CARTA DA VIDA

Começo do jogo: conhecendo algumas coisas antes do começo do jogo

Meio do jogo: proposta do jogo da carta da vida

Meio do fim do jogo: o trabalho em equipe

Fim do jogo e começo da vida: a CARTA DA VIDA escrita e pronta

Quatro (ou 4, ou quarto)

A CARTA DE PAULO FREIRE A TODAS AS CRIANÇAS DO MUNDO

Onde se escreve uma carta parecida com as que o menino que lia o mundo gostaria de escrever a todas as crianças do mundo inteiro

um (ou 1, ou primeiro)

A HISTÓRIA DE PAULO - O MENINO QUE LIA O MUNDO

o menino da sombra das mangueiras

Vamos chamá-lo de PAULO... PAU – LO.

Todo o mundo tem o seu nome próprio. O seu nome. Tem um nome que é dele e tem ainda outros nomes, que são os nomes da sua família. Nosso Paulo também.

Quando ele nasceu, no começo do século XX, um século que acabou de acabar. E o nome dele ficou sendo assim: Paulo Reglus Neves Freire. Mas desde quando ele era menino, ele era chamado mesmo de: Paulo Freire ... PAU – LO FREI – RE. E foi com esse nome de dois nomes que ele acabou ficando muito querido e muito conhecido.

E ele era um menino que aprendeu a ler e a escrever riscando palavras no chão.

Será que foi por isso que ele virou depois “o menino que plantava palavras?”

Mas ele era também “um menino que lia o Mundo”. Vejam vocês!

Paulo Freire nasceu no Recife, em Pernambuco, “lá no Nordeste” ... ou “aqui no Nordeste”, se você, que está lendo este livro agora, mora “aí no Nordeste”, não é mesmo?

Pois é a história desse menino que cresceu, que brincou muito, que estudou muito e depois virou um professor, que vai ser contada aqui.

Contada no papel, com letras, com palavras e com frases e com desenhos. E no caso da história da vida do menino Paulo isto tudo vai ser muito importante. E por que? Ora, porque vocês vão ver que ele dedicou a vida dele quase toda a lidar com as letras, os fonema (mais adiante quem ainda não sabe vai ficar sabendo o que é isso: “fonema”) as palavras e as frases.

E vocês que aprenderam a ler e estão lendo o que está escrito aqui, pouco a pouco vão descobrir porque é que o nome deste livro ficou sendo “o menino que lia o mundo”. Sabem? Os livros também têm nomes e de vez em quando eles têm até apelidos. E vocês vão descobrir porque é que ele se chama também: “uma história de pessoas, de letras e de palavras”.

Vamos lá então. Vamos aonde? Vamos até Recife, em Pernambuco, no Nordeste do Brasil.

O menino Paulo Freire nasceu lá, no dia 19 de setembro de 1921. Como nós Já estamos em 2003, é fácil ver que mais de oitenta anos e alguns dias terão se passado.

Os primeiros anos da vida dele, o menino Paulo viveu em uma casa no Recife. Uma casa dessas com os quartos grandes, as paredes altas sob um telhado onde do lado de fora dormiam pombas e andorinhas. Uma casa com quintal e com grandes mangueiras de frutas doces, galhos altos e uma sombra amiga. Foi lá que antes mesmo de entrar na escola, ele aprendeu a ler e a escrever.

Ora, em 1981, uns 55 anos depois de haver subido pela primeira vez numa árvore, o professor Paulo Freire escreveu num livro chamado **a importância do ato de ler**, como era a velha casa e como ele viveu ali momentos felizes e inesquecíveis. Vamos ler o que ele escreveu?

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras.

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá, na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as

“palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims – no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. ...

Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda a vez que um dos gatos incautamente se aproximava demasiado do lugar em que se achava comendo e que era – “estado de espírito” o de Joli, em tais momentos, completamente diferente do de quando quase desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó.

Daquele contexto – o do meu mundo imediato – fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus receios, os seus valores.

(estes escritos do professor Paulo Freire estão nas páginas e3 e 14 do livro)

*E a natureza viva do Nordeste principalmente as árvores foram sempre uma coisa muito forte na vida do menino e, depois, do homem chamado Paulo Freire. Quando muitos anos depois do Recife ele começou a achar que estava ficando velho, ele escreveu um livro de memórias, chamado: **à sombra desta mangueira**. Na capa ele aparece desenhado, sentado numa cadeira, de óculos e barbas brancas, com uma mangueira bem copada por detrás dele. Vejam como ele fala das árvores e da saudade que tinha delas.*

As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função da resistência ao vento. As boas vindas que suas sombras sempre dão a quem chega, inclusive os passarinhos multicores e catadores. A bichos, pacatos ou não, que nelas repousam.

Nascido no Recife, menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não podia deixar de estar repleta de experiências de sombras, que as gentes nascidas nos tópicos cedo incorporam e dele falam como se tivessem nascido com ele. **(está na página 15 do livro).**

E já na página 24 do mesmo livro ele volta a falar das árvores. Assim:

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares.

E Ana Maria Freire, que algumas folhas mais na frente vai entrar na nossa história, lembra também isso sobre as saudades do menino Paulo a respeito de suas árvores da infância.

Enfatizando “cores, cheiros, frutos”, Freire se refere às qualidades maiores das árvores e arbustos que até os anos 50 - antes de os arranha-céus inundarem de apartamentos a cidade – enchiam os quintais das moradias de qualquer bairro, independentemente da classe social que nele morasse, atraindo assim os pássaros. Coisas dos tempos que trazem saudade. Também habitam as lembranças de Paulo Freire, o cajá, a pitanga, carambola, araçá, mamão, umbu, graviola, pinha, sapoti, ingá, pitomba, mangaba, goiaba, banana, jabuticaba, romã, abacaxi...

cujas polpas, refrescos e sorvetes até hoje deliciam a que não cedeu ao marketing dos refrigerantes.

Quem de vocês já viu um pé destas frutas? Quem já comeu de uma delas, catada ali mesmo, “no pé”? Quem já comeu uma carambola ou um araçá ao natural?

Ora, toda a criança que um dia fica “grande” e vira “uma pessoa adulta”, carrega pela vida afora a menina ou o menino que ela foi antes. E pela vida afora a gente esquece tanta coisa! Será que esquece mesmo, ou será que “aquilo esquecido” fica apenas guardado em algum lugar da gente, esperando o lugar e a hora de voltar, de ser lembrado de novo? De ser vivido outra vez, revivido? Mas quem é que consegue esquecer a criança que foi um dia?

Quanta saudade do “menino Paulo” o Paulo Freire professor haveria de sentir, para falar desse jeito. Para falar de bichos e de mangueiras, quando o que ele queria mesmo era contar por escrito como foi que ele aprendeu a ler as palavras ante de ir para a escola!

Vejam bem. Como é que Paulo Freire lembra os lugares onde ele foi criança?

*Primeiro a casa lá dentro, depois o grande quintal. E no quintal, primeiro as árvores grandes e as sombras delas, e os galhos e os frutos. Foi quando já era um avô de alguns netos que o professor Paulo Freire escreveu o livro **à sombra dessa mangueira**. E antes e depois ele escreveu outros livros, vocês ainda vão ver.*

Nesse livro das mangueiras, quando ele lembra do seu “tempo de crianças”, primeiro ele fala dos bichos do mato, da natureza: os pássaros e os seus cantos. Depois ele lembra os “bichos da casa”: os gatos e o cachorro Joli. E então depois chega a vez dele falar com saudade das pessoas, dos “mais velhos”. Para uma criança que mal ainda aprendeu a subir nos primeiros galhos de uma mangueira, quase toda a gente do seu mundo é um alguém “mais velho”.

Depois chegou a vez dos medos. Isso mesmo! Pois, menino ou menina, qual é a criança que não tem lá os seus medos? Mas os medos dele não eram bem como os das crianças de hoje. Sabem do é que ele tinha mais medo? De alma penada. Vejam só! E eram as pessoas grandes que ensinavam as crianças esses medos. Vejam como ele fala disso, na mesma página 14 do mesmo livro das mangueiras.

Me refiro a meu medo das almas penadas cuja presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos nos tempos da minha infância.

...

Não havia melhor clima para peraltices das almas do que aquele. Me lembro das noites em que, envolvido em meu próprio medo, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse, que a madrugada semi-clareada viesse chegando, trazendo com ela o canto dos passarinhos “manhecedores”.

Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, nas manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites.

*Noutro livro, **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**, ele diz sobre esse medos de criança, quase sempre provocados pelos adultos:*

Muitas dessas histórias me fizeram tremer de medo, já deitado para dormir. Olhos fechados, coração batendo, encolhido ao máximo sob o lençol, esperava, a cada momento, chegada de uma alma penada, falando fanhosamente(...) Os primeiros sinais da manhã que chegavam afugentando as almas --- o sol filtrando-se pela tenha de vidro de meu quarto e os passarinhos madrugadores --- me devolviam a completa tranquilidade. O meu medo, contudo, não era maior do que eu. Começava aprender que, embora manifestação de vida, era preciso estabelecer limites a nosso medo. No fundo, experimentava as primeiras tentativas de educação de meu medo, sem o

que não criamos a coragem.”(**isto está entre as páginas 45 e 47 do mesmo livro, na sua primeira edição**).

Aquele era um tempo parecido com agora. Mas era também muito diferente. Não havia luz elétrica em muitas cidades. Mesmo nas grandes. O menino Paulo fala dos acendedores de lampiões de gás que vinham pela rua no final das tardes, acendendo o pavio de cada lampião. Pouca gente tinha rádio e telefone. Televisão? Nem pensar! Quem de vocês vive em um lugar de roça bem distante vai saber bem do que é que o menino Paulo Freire está falando

As noites longas, escuras, silenciosas. Noites compridas, longas noites cheias de escuro e de mistério. Noites que misturam um silêncio fundo com os ruídos da casa e os barulhos do mundo. Barulhos como o vento “lá fora”, como os ratos correndo no sótão da casa velha ou como o pio triste da coruja.

E o relógio das manhãs era o canto da passarada. Então pessoas se acostumavam a saber das horas pelo barulho dos bichos e a posição do sol no céu.

Os brinquedos não vinham prontos das lojas e as crianças desde cedo aprendiam a “brincar de fazer brinquedo”: papagaio, pião, arapuca, casa de “finge” e caminhãozinho de madeira velha e de lata usada.

Tudo se aprendia, tudo se criava, tudo se inventava naquele tempo.

Mas não parecia um tempo triste. De jeito nenhum. Ao contrário. Pois todas as pessoas “antigas” quando falam “daqueles tempos” parece que sentem muita saudade deles. Ou será que é porque a gente sempre lembra com saudade o tempo em que um dia foi criança?

E criança aprende.

Aprende desde muito cedo e aprende muito. Quando a gente vai para a escola alguns adultos dizem: “vai estudar pra ver se você aprende alguma coisa!” Não é mesmo? Mas elas esquecem que quando uma criança chega na escola ela já sabia muita coisa, aprendido muito e muito. Aprendeu com um mundo. Aprendeu de olhar, tocar e ver o mundo onde ela vive. Aprendeu com os outros: a mãe-e-o-pai, os irmãos e as irmãs mais velhas, os primos e os outros parentes. Aprendeu com as amigas e os amigos de mesma idade. Aprendeu com os vizinhos e vizinhas. Aprendeu com a vida. Pois a vida que a gente vai vivendo um pouquinho cada dia, é a melhor professora de cada uma e de cada um de nós.

Vejam vocês, quando a gente chega na escola e é o primeiro dia de aula, já aprendeu tanta coisa! Já aprendeu a subir nos galhos da mangueira e a saber qual é a diferença entre um gato e um galo. Já aprendeu a conviver com pai-e-mãe, com os irmãos e as primas. Já aprendeu a falar e já aprendeu e entender uma língua chamada “o português”, que depois a gente vai estudar para aprender a ler-e-escrever com as professoras na escola. Não é assim?

Mas o menino Paulo não. Pois até a escrever-e-ler ele aprendeu antes de ir à escola. Aprendeu a ler palavras da língua dele e nossa. E aprendeu a “ler o mundo”.

Vejam como ele escreve sobre essas coisas. Ele começa dizendo que o bom de se aprender a ler-o-mundo em que se vive é que aos poucos os nossos medos vão desaparecendo. Pois a gente só tem medo mesmo é do que não entende.

Na medida, porém em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com ele, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra.

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. **(isto está na página 15 do livro: A importância do ato de ler)**

Viram? Parece meio difícil o que Paulo Freire escreveu. É que ele escreveu isto quando já era “bem grande”, não esqueçam. E é também porque ele escreveu para outras pessoas grandes. Ele que sempre gostava de dizer que tinha uma “alma de menino”, mesmo quando já era gente grande há muito tempo.

Ele quis lembrar que antes de aprender e ao mesmo tempo em que aprendemos a compreender as palavras faladas e as palavras escritas, estamos sempre aprendendo e re-aprendendo a ler as outras “línguas do nosso mundo”. Gente! O que é que é isso?

Na verdade, são as línguas dos “mundos” do nosso mundo. Isso não quer dizer que uma pessoa acaba aprendendo a entender e a falar a linguagem das flores, a linguagem das borboletas, as línguas dos cantos dos passarinhos, a dos latidos dos cachorros e a dos miados dos gatos. Seria até bom, não é mesmo? Mas não é isso.

Ele quer dizer que o MUNDO ensina e que se aprende com a VIDA. Se aprende sempre, um pouco por dia, vivendo com carinho e com atenção cada momento de cada minuto de cada hora de cada dia da vida da gente. É bem isso que as crianças aprendem sem precisar estudar na escola. E elas aprendem convivendo com os outros: com as plantas, com os bichos e com as pessoas, com tudo e com todos com quem a gente reparte momentos alegres e momentos tristes da nossa vida.

Na escola aprendemos, os números e as contas da matemática e as letras, as palavras e as frases do português. E isto é muito importante. Aprendemos a dar nomes e a por números nas coisas do nosso mundo. E isso às vezes é bom e outras vezes não é. Mas antes da ESCOLA a VIDA ensina o escuro e o claro, o alto e o baixo, o frio e o quente, o grande e o pequeno, o muito e o pouco, o bonito e o feio, o alegre e o triste. E o que mais? E muito, muito mais ainda!

O menino Paulo aprendeu a ler um pouquinho do mistério do mundo e foi ficando com menos medo das coisas: das que existem e das que não existem.

E mais na frente, usando com carinho os gravetos como giz e o chão do quintal como se fosse a lousa (o quadro-negro), ele foi aprendendo a rabiscar as letras, a formar as sílabas. Foi aprendendo a inventar por escritos as palavras que ele já sabia, falando.

... O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

*E quando ele conta o que aconteceu quando ele foi para a primeira escola da sua vida, ele inventa uma palavra: **palavramundo**, vejam vocês. Foi assim:*

Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos ... já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”.

Palavramundo. *Vejam vocês! Se alguém for procurar esta palavra em um dicionário, não vai encontrar nada. Nada mesmo. Bem, na “letra m” vai encontrar a palavra “mundo” e, depois, na “letra p”, vai encontrar a palavra: “palavra”. Mas as duas juntas não. Foram a professora Eunice e o menino Paulo que inventaram essa palavra.*

E ele conta que quando chegou na escola e já sabia “ler muita coisa” do mundo das coisas, das pessoas, da vida e do mundo das palavras, ele aprendeu algo muito importante. Aprendeu que para aprender os “ensinos” da ESCOLA – a “escolinha-de-primeiras-letras” - ele não precisava deixar de aprender as lições do MUNDO e as lições da VIDA.

Ao contrário, quanto mais ele aprendia de novo a ler letras, a ler fonemas, a ler palavras, a ler frases, a ler histórias e a ler livros inteiros, cada vez mais ele queria seguir aprendendo a ler as outras leituras da VIDA e do MUNDO.

Afinal, os sabiões continuavam cantando de manhã. as mangueiras continuavam repetindo dia a dia, ano depois de ano, a mesma maravilha de renovar as folhas que secam, de florir as flores e dependurar depois nos galhos as mangas que nascem, que crescem, que amadurecem e são uma delícia de setembro a dezembro, às vezes até mesmo no mês de março, na boca das crianças.

Quantas perguntas! Quantos mistérios! Quanta vontade de encontrar respostas! As respostas escritas nos livros e as respostas escritas no mundo.

Quem sou eu? De onde é que eu vim? E o mundo onde eu vivo, de onde ele veio? Para onde ele vai?

Porque se vive e porque se morre? Porque?

Porque a Terra é assim e não é como nos livros de contos de fadas?

Porque as pessoas do mundo fizeram o mundo como ele é? Será que podia ser de outro jeito: mais feliz ... mais em paz?

Quando já era um homem de cabeça branca e de barbas longas, Paulo Freire voltou um dia na mesma casa onde morou até completar os dez anos de idade. Ele conta como foi.

Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei, aprendi a ler. O mesmo mundo – primeiro mundo que se deu à minha compreensão pela “leitura” que dele fui fazendo.

Lá reencontrei algumas das árvores da minha infância. Reconheci-as sem dificuldade. Quase abracei os grossos troncos – os jovens troncos da minha infância. Então uma saudade que eu costumo chamar de “mansa” ou de “bem-comportada”, saindo do chão, das árvores, da casa, me envolveu cuidadosamente. Deixei a casa contente com a alegria de quem reencontra gente querida. **(está no livro *A Importância do Ato de Ler*, na página 16).**

Vejam que quando ele escreveu sobre a sua infância na casa da cidade do Recife, ele falou em: “letra”, em “sílabas”, em “palavra” e em “frase”.

Ora, toda a gente que já estudou um pouco na escola sabe o que é isto. E tudo isto mesmo que vocês estão lendo aqui e agora é formado de letras, como o “l” e o “m”. E é formado de sílabas, como “le” ou como “mun”. É formado de palavras, como “letra” ou como “mundo”. E é formado de frases, como: “aprendendo a ler palavras eu aprendia a ler o meu mundo”.

Mas ele fala também em “textos” e em “contextos”. Não fala?

E essas são palavras mais difíceis ... mas nem tanto. Vejam. Palavras e frases juntas formam períodos que compõem os “textos”. Um “texto” é aquilo que a gente escreve ou lê, e se entende. E faz sentido.

Tudo o que vocês leram neste livro até aqui, é parte do texto que nós escrevemos. Tudo o que veio até aqui e junto com o que vem daqui pra frente, criou este livro chamado: “o menino que lia o mundo”.

E este livro é um texto que cada uma de vocês, que cada um de vocês escrevem de novo quando vocês lêem um pedaço deste livro, ou quando alguém leu ele inteiro. Sempre que a gente lê com cuidado alguma coisa que alguém escreveu, a gente de alguma maneira está escrevendo um novo texto.

E “contexto”?

CONTEXTO é o MUNDO onde a VIDA vive a sua HISTÓRIA.

Opa! E isso aí, o que é que é?

Vamos lá: “contexto” é onde as pessoas estão juntas, vivem juntas e aprendem a viver juntas. É onde se planta e se colhe o milho e é onde está a “minha casa com a minha família”. “Meu contexto” é o lugar onde vivo eu e vive a gente com quem eu como a sopa de milho em volta de uma mesa. É onde

ficam os nossos vizinhos e a “nossa comunidade. E ela pode ser uma vila de roça, uma cidadezinha, uma cidade grande, um acampamento, um assentamento.

E assim o contexto da vida do menino Paulo Freire era a casa no Recife, na Rua do Encanamento, e o bairro onde ela estava, o de Casa Amarela e a Cidade do Recife e o Estado onde ela está: Pernambuco. E é o Nordeste do Brasil onde fica Pernambuco e é também o Brasil do Nordeste, de Pernambuco, do Recife, do bairro, da rua e da casa do menino Paulo, no tempo em que ele vivia a vida dele lá.

O contexto de nossas vidas abriga o MUNDO DE NATUREZA, como a TERRA e tudo o que nela há. Tudo mesmo, como as mangueiras do Paulo menino, os sabiás, os milhos, os rios e a noite e mais o sol e a chuva.

E dentro de um “contexto” está também o que SERES HUMANOS que vivem no mundo, fazem nele e com ele. Seres humanos somos todos nós.

Tudo o que nós pensamos, criamos e fazemos, quando transformando as COISAS DA NATUREZA em OBJETOS DO MUNDO HUMANO. Como o doce de goiaba feito com a goiaba madura e o de banana feito com a banana madura. Como uma poesia que uma menina escreve sobre um sabiá. Como a casa onde se mora. Como a cartilha onde se aprende a ler. Como o jeito de viver a vida de todos os dias. A viver essa vida convivendo uns com os outros: em nossa família, em nossa comunidade. E também este livro que nós escrevemos e vocês estão lendo, ou seja, re-escrevendo junto com a gente, de novo.

E foi pensando e lendo muito que quando já era “gente grande”, Paulo Freire aprendeu a chamar de CULTURA tudo isso que foi escrito aí em cima. Pois CULTURA é o mundo que as pessoas criam para poderem viver juntas.

Sabem? A palavra “contexto” lembra uma outra.

“Contexto” que dizer: “aquilo que está com o texto”. Aquilo que está ao seu lado.

Pois bem, a outra palavra é muito conhecida de todas e de todos nós. Ela é: “companheiro”.

Do mesmo jeito como aconteceu com a palavra “contexto”, a palavra “companheiro” chegou ao português, a nossa língua, vinda do Latim. O Latim é uma língua antiga que muitas pessoas de outros tempos usavam para falar e para escrever. E línguas como o Português, o Espanhol e o Francês nasceram do Latim. São as suas filhas, as suas herdeiras.

Pois bem, em Latim “companheiro” que dizer: “com o pão”.

Quer dizer: “aquele que come o pão comigo”. “Aquele que reparte comigo o pão”. Daí essa palavra foi mudando e mudando e veio a dar essa palavra tão linda: COMPANHEIRO.

Viram como as palavras nascem e se transformam, como os sabiás, como as mangas e como tudo o que existe e está vivo?

Do Recife para Jaboatão

Antes de crescer o tanto que faltava para virar “gente grande”, o menino Paulo foi viver numa cidade perto de Recife, chamada Jaboatão. Vejam o que uma pessoa que Paulo Freire amou muito escreveu sobre esta mudança. Mais adiante nós contamos o nome dela.

Aos 10 anos de idade foi morar nas vizinhanças da capital pernambucana, em Jaboatão, uma cidadezinha 18 quilômetros distante de Recife e que, para Paulo, tem sabor de dor e de prazer, de sofrimento e de amor, de angústia e de crescimento. Nela, aos 13 anos de idade, experimentou a dor da perda de seu pai, conheceu o prazer de conviver com os amigos e os conhecidos que foram solidários naqueles tempos difíceis, sentiu o sofrimento quando viu sua mãe, precocemente viúva, lutar para sustentar a si e aos seus quatro filhos, fortaleceu-se com o amor que entre eles aumentou por causa das dificuldades que juntos enfrentaram, sofreu a angústia devido às coisas perdidas e às provações materiais, espantou-se com o crescimento de seu corpo, mas, sem deixar que o menino o abandonasse definitivamente, permitiu que o adulto fosse conquistando espaço em sua existência. À medida que via seu corpo crescer,

sentia também sua paixão pelo conhecimento aumentar. **(isto está no livro chamado *Bio-bibliografia de Paulo Freire, onde tem muitos escritos dele, muitas fotografias, desenhos e escritos de outras pessoas, sobre o Paulo. Está na página, 28*)**

E foi assim. Vem um dia em que se aprende também com a tristeza. Se aprende com a dor no coração que a gente não quer que venha, mas que às vezes vem. E então é preciso aprender a viver com ela também.

Foi por isso que ele um dia escreveu que desde menino ele foi aprendendo que o Mundo onde nós vivemos é feito também por nós mesmos. Que se ele está como está e podia ser melhor, então somos nós, as gentes do nosso mundo, os homens e as mulheres, que podemos mudar esse mundo. Numa carta que ele escreveu um dia para uma sobrinha dele chamada Cristina, ele disse isto:

Pelo contrário, em tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar.

*Este pedacinho da carta está no **cartas a Cristina**, na página 31.*

Mas nem tudo foi triste neste tempo em Jaboatão, quando o “menino” Paulo foi virando o “moço” Paulo. A mesma pessoa que contava este pedaço da vida de Paulo Freire, conta de novo. Vamos ler com ela? Guardem o nome dela. É Ana Maria, que as pessoas amigas dela chamam de Nita.

Mas foi também em Jaboatão que sentiu, aprendeu e viveu a alegria no jogar futebol e no nadar no rio Jaboatão vendo as mulheres, de cócoras, lavando e “batendo” nas pedras a roupa que lavavam para si, para a própria família, e para as pessoas mais abastadas. Foi lá também que aprendeu a cantar e a assobiar, coisas que até hoje tanto gosta de fazer, para se aliviar do cansaço e das tensões da vida do dia-a-dia; aprendeu também a dialogar na “roda de amigos” e aprendeu a valorizar sexualmente, a namorar e a amar as mulheres e por fim foi lá em Jaboatão que aprendeu a tomar para si, com paixão, os estudos das sintaxes popular e erudita da língua portuguesa. **(Esta passagem a Nita Freire escreveu para a Nota no. 20 do livro de Paulo, chamado *Pedagogia da Esperança. Está na página 222*).**

Vocês já devem estar sabendo que o Paulo Freire de quem estamos contando a vida é um professor. Um professor que foi criança e foi um aluno estudioso da vida, dentro e fora da escola. Por isso, quando ele lembra o tempo de menino no Nordeste, ele gosta de narrar como foi aprendendo a ler-e-a-escrever, primeiro com gravetos, no chão do quintal e, depois, no quadro-negro da escola. Um dos primeiros “amores” da vida de Paulo foram as letras e as palavras. Foi o que ele ia descobrindo ao aprender a sua própria língua e a nossa: o Português. Vejam como ele escreve sobre isto e como ele conta os primeiros tempos de vida na escola.

Quando Eunice (a primeira professora dele, lembram?) me ensinou era uma meninota, uma juvenzinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: “Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!” É como se ela me tivesse chamado.

Eu me entregava com prazer à tarefa de “formar sentenças. Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma **(Depoimento de Paulo**

Freire na parte chamada: “Minha primeira professora, m dia publicada na Revista Nova Escola, em dezembro de 1994.

E ele nunca mais esqueceu dessa primeira “escolinha” e da sua primeira professora. Vocês vão ver adiante como as primeiras letras e as primeiras aventuras de Paulo Freire com o estudo – pois estudar e aprender é sempre uma grande e maravilhosa aventura – foram muito importantes na vida dele.

Nos tempos de Paulo Freire, quando uma menina ou um menino terminavam a “quinta série” na escola eles faziam um exame para passar para o “ginásio”, como se dizia então. Era uma prova difícil e se chamava: “exame de admissão”.

E esse era bem o tempo em que um menino começava a virar um rapaz, e a menina começava a virar uma moça. Vejam como o menino-rapaz Paulo fala desse tempo e de como foi difícil continuar estudando depois da escolinha da professora Eunice Vasconcelos.

Foram tempos duros para uma família de classe média como a dele, que foi ficando empobrecida por volta do ano de 1929. Neste ano foi quando houve no Brasil e no Mundo um tempo de muita dificuldade e foi onde algumas poucas pessoas ricas ficaram mais ricas ainda. E muita gente, muita gente mesmo foi ficando mais pobre ainda. E Paulo Freire conta isso dessa maneira.

Participando do mundo dos que comiam, mesmo que pouco comêssemos, participávamos também do mundo dos que não comiam, mesmo que comêssemos mais do que eles – o mundo dos meninos e das meninas dos córregos, dos mocambos, dos morros. Ao primeiro, estávamos ligados por nossa posição de classe; ao segundo, por nossa fome. **(está no livro Paulo Freire para Educadores, escrito pela professora Vera Barreto, na página 17)**

...

Eu fiz a escola primária exatamente no período mais duro da fome. Não da “fome” intensa, mas de uma fome suficiente para atrapalhar o aprendizado. Quando terminei meu exame de admissão, era alto, grande, anguloso, feio. Já tinha esse tamanho e pesava 47 quilos. Usava calças curtas, porque minha mãe não tinha condições de comprar calça comprida. E as calças curtas, enormes, sublinhavam a altura do adolescente. Eu consegui fazer, Deus sabe como, o primeiro ano de ginásio com 16 anos. Idade com que os meus colegas de geração, cujos pais tinham dinheiro, já estavam entrando na Faculdade.

Fiz esse primeiro ano de ginásio num desses colégios privados, em Recife; em Jaboatão só havia escola primária. Mas, minha mãe não tinha condições de continuar pagando a mensalidade e, então, foi uma verdadeira maratona para conseguir um colégio que me recebesse com uma bolsa de estudos. Finalmente ela encontrou o Colégio Oswaldo Cruz e o dono desse colégio, Aluizio Araújo, que fora antes seminarista, casado com uma mulher extraordinária, a quem eu quero um imenso bem, resolveu atender o pedido de minha mãe. Eu me lembro que ela chegou em casa radiante e disse: “Olha, a única exigência que o Dr. Aluizio fez é que você fosse estudioso”.

Eu, poxa, eu gostava muito de estudar e fui para o Colégio Oswaldo Cruz, onde me tornei, mais adiante, professor. **(Isto pode ser lido nas páginas da Revista Ensaio, no. 14, na página 5)**

E vocês bem podem imaginar a alegria de Paulo Freire!

Naquele tempo muita gente ficava sem estudar a vida inteira. No Nordeste mesmo, havia lugares onde só umas 10 de cada 100 pessoas iam para a escola aprender a ler-e-escrever.

As crianças pobres não iam aos colégios, e quando alguma delas conseguia entrar numa escolinha, ficava só um ano ou dois. Naquele tempo muito poucas crianças completavam a “quinta série”. E de uma cidade como Jaboatão dava para contar nos dedos das duas mãos os que conseguiam completar os estudos no colégio e entrar depois em uma Faculdade.

Eram poucos mesmo os que completavam um estudo de “Faculdade”. E quase sempre eram moças e rapazes das famílias mais ricas aquelas que conseguiam “formar para advogado”, “para médico”, “para farmacêutica”, “para engenheiro”, “para professora”.

Paulo Freire nunca esqueceu essas coisas. E então ele resolveu dedicar a vida toda a ajudar as pessoas do povo a aprenderem a ler-e-a-escrever. A ler e a escrever as PALAVRAS DO MUNDO e também OS MUNDOS DAS PALAVRAS. Ele não quis ser só um professor. Quis ser um educador que aprende-e-ensina, pensando muito sobre o que é ensinar e o que é aprender.

Vejam só como é que isso foi acontecendo.

De menino a gente grande, de aluno a professor

E aconteceu que as mangueiras da casa do Recife deram flores e mangas maduras durante muitos anos. E os sabiás e os sanhaços vieram e foram embora, e casaram e fizeram ninhos e tiveram ninhadas de filhos. E vieram outras e outros mangas e passarinhos, um ano depois do outros. E os anos passaram.

E o menino-que-lia-o-mundo cresceu e foi virando “gente grande”.

Do Colégio Oswaldo Cruz ele foi para a Faculdade de Direito da Cidade do Recife. E foi lá que ele começou a estudar “para advogado”.

Mas quando estava estudando na faculdade, antes de se “formar advogado”, ele se casou com Elza Maria Costa Oliveira. Elza e Paulo tiveram três filhas e dois filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim Temístocles e Lutgardes.

Paulo conheceu Elza quando ela se preparava para o concurso de magistério da rede estadual de ensino de Pernambuco e ele foi ser professor de português dando-lhe aulas particulares. Nesta ocasião ele já era professor de Português no mesmo colégio onde ele estudou.

Depois que ele acabou os estudos e se formou na Faculdade de Direito, ele acabou sendo advogado só por pouco tempo. É que ele queria mesmo era ser um professor, um educador. E isso ele foi a vida inteira, daí pra frente.

Depois do colégio ele foi diretor de educação e cultura do Serviço Social da Indústria, lá em Pernambuco. E foi lá que ele começou a trabalhar com a “educação de jovens e de adultos”. E vejam vocês o que aconteceu então. Ele mesmo conta.

Antes de mais nada, devo dizer que ser um professor tornou-se uma realidade, para mim, depois que comecei a lecionar. Tornou-se uma vocação, para mim, depois que comecei a fazê-lo. Comecei a dar aulas muito jovem, é claro, para conseguir dinheiro, um meio de vida; mas quando comecei a lecionar, criei dentro de mim a vocação para ser um professor.

Eu ensinava gramática portuguesa, mas comecei a amar a beleza da linguagem. Nunca perdi essa vocação.

...

Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso. Comecei a sonhar cada vez mais em ser um professor. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito (**está em um livro em que Paulo Freire conversa com a professora norte-americana Ira Shor. O livro se chama: Medo e ousadia, e esta passagem está na página 38**).

Foi quando o professor Paulo foi aprendendo a conhecer a diferença entre “falar **para** alguém” e “falar **com** alguém”. Ah, minha gente! E isso é tão bonito! Isso é tão importante! ... e é tão esquecido!

Uma coisa é falar como quem só fala, pensando que sabe tudo. Pensando que sabe tudo e dizendo o que pensa que sabe só para as outras pessoas ouvirem e pensarem que aprendem.

E outra coisa é saber falar ouvindo os outros. Falar como quem primeiro escuta. Como quem aprende primeiro, antes de dizer o que sabe... antes de ensinar. Paulo Freire foi aprendendo o que depois começou a ensinar a toda a gente: quem ensina como um professor primeiro aprende a aprender com outros professores e também com os seus alunos.

O professor Paulo trabalhava muito. Ao mesmo tempo cuidava da educação de crianças e de adultos no SESI e dava aulas e criava coisas novas no Serviço de Extensão Cultural da Universidade em Pernambuco. Ele passou então alguns anos da vida dele formando novas professoras e novos professores.

Em 1960 ele participou da criação do Movimento de Cultura Popular de Recife.

Viram? Olha a palavra “cultura” aparecendo aí de novo. Este “movimento” reuniu professores, estudantes, intelectuais e artistas. Ele não existia só nas escolas e nem era um trabalho só de educação. Não. Tinha teatro também, tinha cinema, tinha poesia.

Pois as pessoas que faziam o MCP (era assim que ele se chamava, só com as iniciais dos nomes) queriam que tudo o que é bom, e está nas palavras, e está nas cantigas, e está nas idéias que as pessoas criam, fosse levado para a gente pobre também.

Uma gente que às vezes passava uma vida inteira sem ir num cinema. Paulo ia muito ao cinema, sempre com Elza, eles gostavam muito desse “programa”. E, vocês se lembram? Naquele tempo não tinha ainda a televisão.

O professor Paulo Freire era uma dessas pessoas que vivia perguntando para ele mesmo e para os outros perguntas assim:

Se tudo o que existe de bom no Mundo deveria ser repartido entre todas as pessoas do Mundo, porque é que algumas pessoas têm tantas coisas e as outras têm tão pouco?

Se há tanta terra pra plantar e para viver nesse “mundão sem fim”, porque é que tem gente que tem muito mais terra do que precisa, enquanto tantas outras pessoas e tantas famílias não têm terra nenhuma?

Se todo o trabalho das mulheres e dos homens é bom e é útil, menos os das pessoas que trabalham só para fazer o que não presta: como as armas e os venenos que matam a terra, porque que tantas e tantas pessoas trabalham tanto e ganham tão pouco, enquanto outras trabalham tão pouco e ganham muito?

Se todas as pessoas – das criancinhas aos velhinhos – nasceram para serem livres e felizes toda a vida, porque é que tantas pessoas não podem fazer o que querem? Porque é que elas não podem viver como elas sonham? Porque é que elas não podem ser livres como os sabiás fora da gaiola e felizes como o menino Paulo foi, no alto das mangueiras do quintal da casa do Recife?

Se o destino de todos os seres humanos deveria ser uma vida cheia de amor, de paz e de solidariedade, onde todos são irmãos de todos e a felicidade reina entre todos, porque existe tanta guerra? Porque a gente vive tanto desencontro? Porque ainda tem tanta maldade e tanta injustiça? Quem ganha com isso? Em nome do quê tudo isso?

Se o aprender e o saber são coisas tão boas e se as escolas existem para ensinar o que é bom a todas as crianças, porque é que tantas crianças no Brasil crescem sem poderem ir para a escola? Porque é que elas vivem sem aprenderem a ler-e-escrever e sem saberem tudo o que de bom vem depois disto? Porque?

Se nós nascemos para sermos “companheiras” e “companheiros” uns dos outros, porque é que tem tanta gente que não quer repartir o pão com a gente?

Porque?

Porque?

Porque?

Paulo Freire era um professor de muitas perguntas. E às vezes ele era também uma pessoa de respostas difíceis de serem perguntadas. Vocês ainda vão ver.

O Movimento de Cultura Popular era uma grande “escola aberta de cultura”.

O sonho das pessoas do MCP era trazer as crianças e os adultos dos bairros pobres do Recife, das favelas, das beiras dos rios, tudo o que pudesse ser visto e se ouvido de bom e de bonito. Vejam como Paulo Freire comenta o trabalho deles.

*Os projetos do MCP se entrelaçavam, não havia departamentos estanques. Naquela época nós fizemos um circo que era um teatro ambulante. Nós fazíamos um levantamento nos bairros periféricos do Recife para saber em que terrenos colocar o circo, sem pagar imposto. Pesquisávamos o custo do cinema mais barato da área, para igualar ao preço do ingresso. Lotávamos os circos e o povo adorava (**está no mesmo livro escrito pela professora Vera Barreto, na página 28**)*

Mas não era somente isso.

Não era só levar para a gente dos bairros pobres aquilo que se podia assistir nos dos ricos. O pessoal do MCP sabia que todas as pessoas, todas as famílias, todas as comunidades e todo o mundo tinham a sua própria cultura. Você vai num “fundo do mundo”, vai lá num “oco do sertão” e lá vive uma gente. E vive como gente: as pessoas falam umas com as outras e se entendem. Elas criam famílias. Elas plantam na terra e colhem. Fazem comida e sabem orações que se reza antes de comer. Pintam potes de barro, criam canções bonitas e fazem lindas colchas de fiandeira e de retalhos de pano que diziam nem servirem para nada. Ai, Deus, quantas colchas de “fuxicos” lindas se faz por esse Brasil agora...

As pessoas “de lá” têm os seus conhecimentos sobre as plantas e os bichos e sabem tratar muitas doenças. Elas têm os seus muitos cantos e as suas alegres danças. Elas criam e possuem as suas crenças e os seus saberes. Isso mesmo. Povo nenhum, dos índios da Amazônia a São Paulo ou Rio de Janeiro, vive sem conviver com tudo isso. E é assim que se fala que cada gente, cada povo do Brasil e do Mundo possui uma CULTURA própria.

E sendo essa gente as mulheres e os homens das classes trabalhadoras do Brasil, os professores e os artistas do MCP começaram a conviver com as pessoas simples do campo e da cidade. Elas começaram a aprender como elas sentiam, como elas pensavam, como elas viviam, como elas faziam e criavam o dia-a-dia de suas vidas. Ao conjunto de tudo isto, eles foram dando o nome de: “cultura popular”. Começaram a aprender com eles e a ensinar algumas coisas a eles.

Começaram, assim, a fazer um trabalho de vai-e-vem. Um trabalho “cultural” de ida-e-volta.

De um lado o MCP queria “levar a cultura ao povo”. Mas, de outro lado, queria “aprender com o povo a sua cultura”. Era tudo o sonho de uma troca. Você leva e trás. Você ensina e aprende. Os outros aprendem e ensinam.

Era bem assim: você me mostra, você me ensina como é que você vive, como é que você sente, como é que você pensa, como é que você faz isso e aquilo. E eu mostro e ensino a você como é que eu sinto e penso, como é que eu vivo e faço aquilo e isso.

E assim é. Uma troca de tudo entre todos. Um diálogo, uma conversa entre pessoas onde cada um escuta o outro antes de falar, e onde cada um ensina ao que aprende, aprendendo com ele. E assim, quem sabe? Nós aprendemos juntos, você-e-eu, nós-e-vocês, a construir uma cultura mais nossa, mais verdadeira, mais feliz e mais bonita.

Assim, sendo todos iguais e sem ninguém se achar maior ou melhor do que os outros, nós podemos ser também diferentes. Podemos entrar na conversa-do-diálogo cada um pensando com a sua cabeça, tendo idéias que cada um criou e dizendo o que sente, o que acha e o que pensa para as outras pessoas, com toda a liberdade.

Aí então seria possível construirmos juntos uma maneira de ser e de viver, um jeito de sentir e de pensar, uma forma de fazer e de criar que sejam mais nossos de verdade. Que sejam mais criativos.

Paulo Freire chamava isso de uma verdadeira CULTURA POPULAR. E porque é que tinha este nome? Tinha este nome, CULTURA POPULAR, porque ela era criada por pessoas iguais em todas as coisas importantes da vida. Iguais nos direitos das crianças e dos adultos, das mulheres e dos homens, dos brancos, dos negros e dos índios a uma vida livre e feliz.

Uma vida cheia de amor e de justiça. Onde todas as pessoas possam conviver partilhando entre elas tudo o que é bom no nosso MUNDO. Todos os bens da TERRA, da VIDA e do TRABALHO. Uma vida de milho e feijão crescendo no chão molhada de dezembro, numa terra arada e cuidada pelas mãos de toda a gente. Com semente jogada numa terra de todos, e onde a colheita dos frutos vai ser também distribuída entre todos, sem que alguns poucos fiquem com tanto e tantas outras pessoas que trabalharam tanto fiquem com tão pouco.

Porque não sonhar com um MUNDO assim? Porque não trabalharmos juntos para que o nosso MUNDO seja assim?

E era com o sonho neste MUNDO que tudo se fazia nos “movimentos de cultura popular”.

E foi no Movimento de Cultura Popular que Paulo Freire começou a trabalhar com uma coisa chamada “alfabetização de adultos”. Vejam só! Parece uma coisa estranha, não é mesmo? Porque nós estamos acostumados a pensar que “alfabetização” é coisa para crianças. Uma coisa do estudo das meninas e dos meninos no comecinho da escola.

Mas vocês lembram o que nós escrevemos muitas linhas atrás?

Nos tempos de Paulo Freire menino, e mesmo muito depois, até hoje, muitas pessoas, principalmente os que viviam nos sítios e nas fazendas, não tinham como estudar quando eram crianças, e até mesmo quando já eram adolescentes. Resultado, elas chegavam a ser “gente grande”, elas viravam pessoas adultas, e eram pais e mães de família sem saber a diferença entre um “u” e um “m”.

Você acha que devia ser assim? Pois era assim e em muitos e muitos lugares do Brasil e do Mundo. E aqui no Brasil continua sendo assim em muitos lugares, principalmente no campo.

Então foi preciso criar um tipo de estudo especial. Um estudo que começava ensinando a ler e escrever os rapazes e as moças, e também as mulheres e os homens que não puderam estudar quando eram crianças. Ensinar para eles se alfabetizarem, com se diz. Isso era a “educação de jovens e de adultos”. E o Movimento de Cultura Popular começou a trabalhar com ela também.

Não era fácil. Vinha gente já quase velhinha, mulheres e homens acostumados com o trabalho no cabo da enxada. Era uma gente para quem um lápis às vezes pesava demais! Nem sabiam como se pegava num lápis para escrever! E também acontecia que todo o material que havia para ensinar as pessoas adultas a ler e a escrever, estava escrito e desenhado para ensinar das crianças.

E foi por isso que Paulo Freire e a sua equipe de educadores começaram a pensar um jeito diferente de ensinar as pessoas a escrever e a ler em Português. Ou vocês acham que eles iam gostar de aprender lendo uma coisa assim: “a boneca de Lili é bonita”?

No Recife Paulo Freire trabalhou com adultos analfabetos num casarão antigo de um bairro muito antigo, muito antigo mesmo, que se chama “Poço da Panela”. Nesse bairro muito bonito, bem na beira do Rio Capibaribe, numa casa muito grande e bonita se instalou o “Centro Dona Olegarinha” e foi aí que Paulo fez as suas primeiras experiências com o Método.

Do Recife o professor Paulo Freire e os seus companheiros foram para um lugar pequenino, no interior do Rio Grande do Norte. Um lugar no Sertão, chamado Angicos. Quem tiver na escola um mapa do Brasil vá lá no Nordeste procurar onde está “Angicos”. Pois foi lá que pela primeira vez eles trabalham com muita gente um jeito novo de ensinar as pessoas adultas. E esse “jeito” virou um “método” de alfabetizar gente grande, que mais tarde ficou sendo chamado de: **Método Paulo Freire**.

Primeiro vamos contar a vocês o que aconteceu na vida de Paulo Freire, de Angicos em diante.

Depois, vamos mostrar, passo a passo, bem devagarzinho, como é que se aprende a ler e a escrever, e também a pensar com a própria cabeça e a dialogar com as outras pessoas usando o “método Paulo Freire”. Mas antes, vamos conhecer outros momentos da vida do professor Paulo.

Vamos lá!

De Angicos e do Recife para muito longe

Os trabalhos do professor Paulo e seus companheiros estavam dando o que falar.

De um lado muita gente via neles uma esperança muito boa. Viam que tinha sido descoberta uma maneira especial de se educar pessoas adultas que não estudaram antes na escola. Viram que aquilo era tão bom que até podia servir também para as escolas das crianças. Viram que os professores e as professoras podiam lidar agora com um jeito de trabalhar na sala de aulas, em que as pessoas aprendiam a ler e a escrever mais depressa e bem melhor. Porque elas não aprendiam só a ler-e-escrever as palavras, mas elas aprendiam a escrever-e-ler pensando, refletindo. Ah! Agora elas podiam aprender a ler palavras aprendendo a pensarem cada vez mais com a própria cabeça. Aprenderem a ler aquilo que já sabiam falar! E isso é uma das coisas mais importantes da vida, vocês não acham?

Mas do outro lado tinha gente que achava o “Método Paulo Freire” e todas as idéias dele um perigo. Vejam só!

E porque é que achavam “um perigo” o que o professor Paulo tinha inventado? Porque ele e a sua equipe eram professores e eram professoras muito preocupadas com tudo o que ele viam acontecer à sua volta. Havia tanta pobreza por toda a parte! Tanta desigualdade entre as pessoas de um mesmo povoado, de uma mesma cidade, como Angicos, de um mesmo Pernambuco, dentro de um mesmo Brasil e em todo o Mundo!

Será que a escola e a EDUCAÇÃO não deviam ser um lugar onde as pessoas pequenas e as pessoas grandes pudessem conversar entre elas, aprendendo a ver o Mundo onde elas vivem como ele é de verdade? Aprendendo a procurar os motivos que fazem o mundo delas ser como é agora? Aprendendo a buscar juntas os caminhos para mudar o Mundo de todos nós?

Muita coisa que é como não devia ser pode ser mudada pra melhor, não é mesmo?

Paulo Freire e muitos outros educadores brasileiros sabiam que a EDUCAÇÃO não muda o MUNDO. Mas a EDUCAÇÃO ajuda a mudar as PESSOAS. E ela muda as PESSOAS ensinando elas a saberem ler melhor, a saberem pensar melhor, a saberem julgar melhor o que está acontecendo, a saberem agir melhor, juntas, uma ao lado das outras.

E, assim, PESSOAS que sabem ler palavras lendo o MUNDO, haveriam de saber mudar o MUNDO. Saberiam como fazer um MUNDO melhor para a vida de PESSOAS mais felizes.

Afinal, felicidade é uma coisa tão boa que ninguém no Mundo devia viver sem ela!

Isso tudo a gente poderia dizer num versinho assim:

A escola não muda o mundo.

A escola muda as pessoas.

As pessoas mudam o mundo.

Então, naquele tempo dos anos 60 essas idéias cresceram e se espalharam pelo Brasil todo. De Norte a Sul tinha gente participando de algum “movimento de cultura popular”.

Muitas pessoas pela primeira vez resolveram dedicar as suas vidas a ajudar as pessoas do povo. Mas de uma maneira diferente, pois só “ajudar” ainda é muito pouco.

Então elas resolveram trabalhar junto com as mulheres e os homens do povo. Resolveram “somar” com elas, estar junto delas, lado a lado. Estar como “companheiro”, como quem reparte o pão junto com as outras pessoas, ao invés de dar para elas o restinho do pão que sobrou. E assim, estudar junto com as pessoas do povo e pensar junto com elas como seria possível mudar este Brasil tão grande ... com tantos pobres.

E um dos trabalhos mais fortes daquele tempo foi o de EDUCAÇÃO POPULAR. E dentro dela estava a alfabetização de mulheres e de homens, de jovens, de adultos e até mesmo de gente bem velhinha, com o “Método Paulo Freire”. Pois da pequenina experiência dos Angicos e de Recife, a idéia se esparramou por todo o Brasil.

Chegou o momento em que o próprio governo lá em Brasília resolveu começar um Programa, que era nacional, assim em todos os cantinhos do País. Um trabalho de “campanha de alfabetização”, usando o método de ensino de ler-e-escrever do professor Paulo Freire. Seria uma campanha enorme, do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, de São Paulo ao Acre, do Rio de Janeiro ao Amapá.

Mas não foi.

Pois as pessoas que achavam que era muito perigoso educar as mulheres e os homens pobres do campo e da cidade proibiram os professores de trabalharem com a EDUCAÇÃO POPULAR. Eles não queriam mesmo gente ensinando as mulheres e os homens pobres do campo e da cidade a pensarem com as suas próprias cabeças. Não queriam ver os lavradores e os operários pensando juntos, “lendo” o mundo em que eles viviam e se unindo para fazer alguma coisa. Unindo cabeças e corações para dar um jeito de mudar o Brasil em um País justo e feliz.

E assim proibiram qualquer tipo de trabalho com esse nome: EDUCAÇÃO POPULAR. Foi quando ficou proibido em todo o Brasil alfabetizar pessoas usando o “Método Paulo Freire”.

Foi um tempo muito triste aquele tempo!

Muita gente foi presa em muitos lugares do Brasil e isto aconteceu também com o professor Paulo. Ele foi preso e depois precisou ir embora para bem longe daqui. Junto com a mulher dele, a Elza, e junto com filhas e filhos, ele viajou para outros países e passou mais de 15 anos longe do Recife, longe de Pernambuco e longe do Brasil que ele amava tanto. Ele foi na frente e a Elza e os filhos foram depois.

Primeiro ele viveu algum tempo na Bolívia. Depois foi para o Chile, onde morou com a família durante alguns anos. Bolívia e Chile são dois países da América do Sul, como o Brasil e muitos outros.

Pois bem, lá no Chile ele conseguiu fazer um bom trabalho de alfabetização de adultos, usando o seu “método”. Foi lá que ele escreveu um livro com este nome: **Pedagogia do Oprimido**.

Mas também lá os homens que são contra as pessoas que pensam por conta própria e que se reúnem para mudar o destino do Mundo, proibiram de novo o trabalho do professor Paulo e dos seus amigos brasileiros e chilenos que ensinavam a gente do povo. A mesma história que aconteceu antes no Brasil. Aconteceu depois no Chile, mas Paulo já morava na Suíça.

Paulo Freire era então um exilado.

Vocês sabem o que é um “exilado”? É uma pessoa proibida de viver no seu próprio País, de morar em sua casa, de conviver com a sua gente. Uma pessoa que tem que ir para um país dos outros e viver lá. Paulo viveu como um exilado por quase 16 anos.

Muitas vezes quando ele escrevia cartas para os amigos e os parentes do Brasil, ele falava da enorme saudade que sentia. Se a gente sente saudade de um lugar onde foi feliz, um lugar onde a gente não está, mas pra onde pode voltar, imaginem a saudade que Paulo Freire sentia do seu Recife, de Pernambuco e do Brasil, pra onde ele foi proibido de voltar por muitos anos. Eis o que ele escreveu uma vez sobre a saudade do Brasil.

Saudade é exatamente a falta da presença. Saudade era a falta da minha rua, a falta das esquinas brasileiras, era a falta do céu, da cor do céu, da cor do chão, o chão quando chove, o chão quando não chove, da poeira que levanta no Nordeste quando a água cai em cima da areia, da água morna do mar. Eu tinha que reprimir essa saudade. E mesmo para criar, eu precisava Ter essa saudade comportada (**Está no livro da Vera Barreto, Paulo Freire para educadores, na página 42**)

Do Chile ele viajou com Elza e os dois filhos homens para os Estados Unidos da América do Norte. E de lá ele foi para a Suíça, onde ele morou muitos anos. Longe do Brasil o professor Paulo nunca deixou de ser um educador. Ele vivia pensando e vivendo a educação quase todas as horas de cada dia. Vejam o que ele escreveu sobre isto.

Eu me acho professor mesmo numa esquina de rua. Eu não preciso do contexto da universidade para ser educador. Não é o título que a universidade vai me dar que me interessa, mas a possibilidade de trabalho (**está na página 37 do livro da Vera Barreto**).

Quando Paulo Freire viveu na Europa, ele viajou pelo mundo todo ... menos pelo Brasil. Ele trabalhou ajudando pessoas da Europa, das Américas e da África que estavam pensando em trabalhar com a educação de jovens e de adultos analfabetos. E o "Método Paulo Freire" espalhou-se por todo o mundo. Vejam vocês, um professor proibido de voltar na sua Terra e querido e procurado por pessoas de todo o Mundo.

Os livros que ele escreveu sobre educação foram traduzidos em línguas de muitos povos. Uma vez ele ficou emocionado ao ver um dos seus livros, o **pedagogia do oprimido** em japonês. É claro que ele não entendeu uma palavra do que ele mesmo tinha escrito, quando ele olhava aquelas letras tão diferentes das nossas.

Paulo aprendeu muito (a gente está sempre aprendendo de novo, mesmo depois de adulto, mesmo depois de velho) com os povos da África. Ele conviveu com educadoras e educadores de países africanos que foram antes colônias de Portugal, como o Brasil.

Vocês conhecem estes nomes: Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe? Pois bem, nestes países que acabavam de ficar livres e onde também se fala o Português, quase todas as pessoas adultas não sabia ler-e-escrever. Havia escolas para muito poucas crianças.

Paulo foi convidado a ajudar nas "campanhas de alfabetização" e ele aceitou o convite com muita alegria. Um dos seus livros mais conhecidos é o **Cartas de Guiné-Bissau**, e nele estão as cartas que ele enviava aos educadores desse país africano, do outro lado do mar, bem longe daqui.

O tempo passou e entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80 a democracia começou a voltar ao Brasil. Na verdade, ela está começando a voltar ainda até hoje. Parece que ela está sempre recomeçando de novo. A cada dia ela está sendo recriada outra vez, sendo construída por todos nós, o tempo todo. E foi quando Paulo Freire pode também voltar de novo ao Brasil. Ele saiu daqui com 43 anos de idade e voltou com 58. Era o ano de 1979.

E logo, sem perder tempo, ele voltou ao seu trabalho de professor com o mesmo carinho de sempre, com o mesmo amor pelo estudo e pelos seus alunos. Ele, Elza e Lutgardes, seu filho, foram então morar em São Paulo, a cidade do santo que tem o mesmo nome que ele.

O professor Paulo foi dar aulas em duas universidades, uma em Campinas e outra em São Paulo. E voltou a trabalhar com os "movimentos de educação popular".

Ele já era um educador conhecido no mundo inteiro. Já havia recebido vários prêmios pelos seus trabalhos de alfabetização.

Mas parecia um professor começando de novo: simples, humilde, cheio de perguntas, atento a ouvir os seus alunos. A dialogar com eles, a ensinar-aprendendo e a aprender-ensinando, como ele mesmo sempre gostava de dizer.

E um dia ele foi convidado por uma mulher também do Nordeste, Luiza Erundina, a prefeita de São Paulo, para ser o Secretário da Educação da cidade. Uma das muitas coisas importantes que ele criou foi o Movimento de Alfabetização da cidade, o MOVA. Foi tão bom este trabalho que foi depois vem sendo copiado por prefeituras de várias outras cidades de todo o Brasil.

No mês de outubro de 1986 Paulo Freire perdeu Elza, a sua esposa. Eles haviam vivido juntos durante 42 anos, e vocês bem podem imaginar a tristeza dele. Elza era uma professora, como ele e muitas vezes Paulo lembrava o quanto ele aprendeu com ela.

Algum tempo mais tarde ele casou com Ana Maria Araújo Hasche, mas ela trocou seu último sobrenome para Freire. Agora vamos ver se vocês vão lembrar. Foi ela quem escreveu o pedaço da vida de Paulo quando ele, menino ainda, mudou do Recife para Jaboatão. Ela era uma das filhas daquele professor e diretor do Colégio Oswaldo Cruz, lá do Recife. Aquele professor que deixou Paulo estudar sem pagar, desde que ele fosse "um bom estudante". E isso nem era tão difícil para um menino que amava tanto os livros e as letras. Quando Paulo casou com Nita ele tinha 66 anos de idade e uma longa barba começando a ficar branca.

E então agora é a professora Ana Maria Araújo Freire, a Nita Freire, quem conta como foi que tudo aconteceu.

Eu conheci Paulo quando eu tinha 4 anos de idade e ele com 16 anos começava a 2ª série da escola secundária. Isso tudo vocês já sabem: a morte do pai dele, a pobreza da família, a possibilidade de

estudar num dos melhores colégios do país,... mas não sabem que desde esse ano de 1937 eu me lembro de Paulo. Que tenho uma memória muito boa e por isso guardei coisas lindas da minha infância na minha vida de adulta. Vou contar um pouco disso para vocês, mas não precisam guardar segredo! Coisa boa é para se contar para os amigos e amigas, para a família e para nossos professores e professoras. Para os vizinhos e vizinas também.

Desde pequenininha eu achava Paulo uma pessoa muito especial para mim, eu o achava fascinante e ele também gostava muito de mim porque eu era curiosa, queria saber tudo. Tudo perguntava! Gente grande perde a paciência com meninos e meninas assim, não é mesmo? Mas, Paulo não perdia! Respondia tudo sorrindo e passando a mão na cabeça da gente! Nunca esqueço disso: gente assim marca gostosamente a vida da gente. Paulo sempre teve um olhar bonito que “fala” de dentro, uma mirada que diz quando nos vê ou conosco fala, que gosta da gente!

Depois ele foi meu professor de Língua Portuguesa quando eu cursava, com 11 anos de idade, o 1º. ano ginásial. Gostava dele como professor, mas me preocupava porque ele fumava demais.

Lembro-me de quando me escondi atrás de uma porta do colégio de meu pai para ele não me ver chorando e vir me perguntar: “Nita, por que choras?”. Teria eu coragem de dizer a meu pai, com os meus 9 ou 10 anos “Porque tenho medo de que Paulo morra e eu não possa mais vê-lo?” Paulo estava muito doente e todos temiam que ele não se recuperasse. Meu pai o ajudava trazendo carne e leite de uma cidade do interior, Carpina, porque era tempo de guerra e havia racionamento de comida. Também pagava o salário dele como professor embora ele estivesse de cama, bem quietinho, para ficar bom. E ficou, graças a Deus, aos cuidados de sua mãe e à ajuda de seus amigos, como meu pai Aluizio Pessoa de Araújo. E uma coisa muito importante para se dizer e pensar: Paulo quis, permitiu e recebeu com alegria tudo isso porque dentro dele habitava também a generosidade. Como é importante a solidariedade! A amizade! O amor! O cuidado! E o carinho! A gratidão! São coisas que nem toda gente tem para dar para os outros. E Paulo as tinha e as dava com alegria. Como seria bom trocarmos tudo isso com as outras pessoas, com muita gente, com todo o mundo. Viveríamos mais felizes e em Paz, como gente de verdade, que devemos e precisamos ser!

Quando eu tinha 16 anos foi Paulo quem garantiu por mim assinando um termo de responsabilidade para que eu tivesse uma “Carta de Motorista” e dirigisse um enorme carro de meu pai. Ele sabia que eu seria prudente e que não faria nem bobagens e nem coisas proibidas no volante! Recordo-me de tantas coisas importantes ele fez por mim quando eu já era grande, uma adulta. A maior delas foi ter ido me esperar no aeroporto do Recife num dia de uma dor enorme: a morte, num acidente, de meu irmão Paulo de Tarso. Nem quero lembrar dessa coisa terrível que às vezes a gente tem que viver. Mas, se nessas horas não recebemos cuidados e amor, fica mais difícil de agüentarmos a perda da vida de quem amamos. Paulo me ajudou nesse dia, foi solidário na minha dor que era também dele, a perda de meu irmão.

É melhor voltarmos a pensar em coisas boas, bonitas e alegres. Acho, às vezes, que existe uma “força misteriosa”, que me uniu a Paulo desde que eu nasci. Vejam só, nos batizamos na mesma Igreja, a Matriz de Casa Forte, do Recife, onde nós dois tínhamos nascido, e com o mesmo padre celebrante. O pároco era irmão de meu padrinho que me levou, em 1933, para me batizar no bairro onde Paulo vivia e tinha se batizado em 1921 ! Que coincidência, ein? A primeira coincidência não foi, pois, em fins de 1936, quando a mãe de Paulo vagueando pelas ruas do Recife procurava uma escola para seu filho estudar e entrou justamente no Colégio Osvaldo Cruz tendo recebido no primeiro instante o **sim** de meu pai, foi outra coincidência...Coincidência ou não, força de Deus ou não, não importa, eu e Paulo sempre tivemos como uma bênção termos nos conhecido e nos amado!

Mas, quero dizer também umas coisinhas sobre **Paulo menino**, enquanto ele era mesmo um menino, e **Paulo menino**, quando ele já era um professor e já tinha barbas brancas. Vejam um pedacinho de um texto que escrevi num livro que eu chamei: **Nita e Paulo, crônicas de amor**, e que conta a história do intenso e profundo amor que vivemos um pelo outro.

As idas ao cinema do bairro de Casa Forte eram parte essencial das lembranças de Paulo. Sobretudo os filmes de Tom Mix, seu herói predileto, com um chapéu grande, montado num cavalo branco. Fiel amigo, o animal cavalgava conforme a necessidade do dono. Tom Mix era um **cowboy** acima de qualquer suspeita, salvando mocinhas indefesas, homens humilhados, pronto para agir em qualquer situação de injustiça.”

Quando Paulo já era um homem famoso, conhecido em tantas partes do mundo, tinha até escrito num livro que o cavalo de Tom Mix era branco e que os seus filmes eram longos, reviu um desses filmes e ficou “... perplexo. Foi um golpe duro perceber que o cavalo não era branco. Branco era só o enorme chapéu do herói!(...) O seu lado menino, que nunca perdeu, ficou inconformado. E concluiu: -- Nita, prefiro continuar com o Tom Mix de minha infância montado no belo e elegante cavalo branco!”

Isso é muito bonito, muito legal mesmo, um grande pensador que não quer deixar a razão ficar acima de suas emoções-criança.

Sabem, depois que nos casamos vi como Paulo gostava de curtir mesmo essa de ser menino. Adorava as piadas bem ingênuas do tipo que gente grande não gosta: ria muito com Didi, Dedé, Muçum e Zacarias, acreditam? Escondia-se atrás das portas e assobiava para eu o encontrar. Mudava de uma porta para outra porta da casa onde vivíamos até que eu o alcançasse e o segurasse para o abraço desejado. Isso era muito divertido e deixa a gente mais amiga do outro, deixa a gente mais feliz com a vida!

Seus sonhos de criança, que ele nunca abandonou, eram como o de todas as crianças, de crianças pobres ou ricas, cheios de fantasias, de imaginação que traduziam sua curiosidade de conhecer o mundo e a realidade: furar um grande túnel que saísse do Recife e chegasse em Tóquio ou Osaka (que idéia “maluquinha”, não é mesmo?); conhecer Londres, que os granfinos de Recife diziam ser o “mundo civilizado” (imaginem: logo a cidade dessa gente que está fazendo guerra contra um povo pobre, mas que já foi, esta sim, a grande civilização: os iraquianos é que inventaram a escrita!!!); ser padre (desistiu da idéia porque padre não casa e ele “adivinhou” que não saberia viver sozinho); ganhar uma bola de “capotão”, pois só jogava com as bolas feitas de meias velhas e rotas (agora fui eu que adivinhei seu desejo e o presenteei com uma de couro, lindona, no Natal de 1995, que ele apenas acariciou lembrando de sua meninice pobre); possuir uma bicicleta para sair livremente correndo pelas ruas (naquele tempo as crianças podiam fazer isso, os carros eram poucos e os motoristas respeitavam mais os outros, mas a família dele não tinha dinheiro nem para comer, quanto mais para comprar “uma máquina importada”; e “Ter um par de tênis para calçar, que na época em nada se assemelhava aos de hoje.(...) Ganhou um par de seus pais e ficou agarrado no presente, dia e noite. Dormia com os tênis na cama ou calçado com eles. Jamais esqueceu esse dia”. Outro sonho que nunca esqueceu: presenciar a virada do século e do milênio, o qual, infelizmente não pode realizar. Partiu bem pouquinho antes de realiza-lo. (vejam essas coisas no meu livro Nita e Paulo: crônicas de amor, p. 20-21).

Paulo quando jovem desejou aprender as danças de salão, andar de bicicleta e dirigir um automóvel, ser cantor profissional ou professor da “língua brasileira” (raras vezes Paulo dizia língua portuguesa). Sonhos simples, legítimos, mas que sua condição de pobreza não o permitiu realizar. Só esse de ser professor, foi professor do mundo! Foi mais do que professor, foi um mestre ao compreender e nos ensinar como deve ser um professor que quer ensinar aos seus alunos e alunas e com eles e elas aprender! Os outros desejos ele nunca conseguiu realizar. Nos domingos ou fins de tarde quando estava cansado de pensar dizia como qualquer menino num tom de voz entre perguntando se eu podia e pedindo para eu estar disposta a enfrentar o trânsito de São Paulo:

“Nita, me leva para passear de carro?!”

Nunca deixou de brincar com as nuvens do céu! Parece um carneirinho..um pastor atrás dele...crianças brincando de roda...cavalos correndo em lindos prados!, dizia observando no céu as andanças das nuvens...

Adorava ver e torcer discretamente, sem gritar nem brigar com ninguém, os jogos de futebol. Quando o Brasil jogava, ai, meu Deus, ficava como um menino mesmo! Vocês imaginam que ele não quis olhar os penalties cobrados na decisão da Copa do Mundo de 1994? Não queria ver o Brasil perder para a Itália! Na verdade ele não queria ver o Brasil perder para nenhum time que disputasse conosco, ainda mais numa final de Copa do Mundo!!! É duro a gente perder logo numa final, lembram-se da final contra a França em 1998? Paulo não estava mais aqui, mas imagino o que ele iria sofrer. Sofria muito, pois o gosto pelo futebol “estava no seu sangue de brasileiro”, mas logo passava, pois não ressentia as coisas, não se queixava das coisas! Paulo teve em toda a sua vida “coisas de criança”, não é mesmo?(vejam também no meu livro Nita e Paulo, p. 110-112).

Tem gente grande que fica azeda, sisuda, mal humorada...um horror! São pessoas que se zangam por tudo e com todo mundo, dá até compaixão! Ficam rabugentas e velhas antes de terem muita idade. Paulo não! Assim, se perdesse no futebol ou qualquer outra coisa no dia seguinte nem se lembrava. Não guardava rancor, que bom! Sempre foi bem humorado, alegre, não se lamuriava por nada, que virtude, ein?. Tinha gosto pela vida e sabia vivê-la bem! Não falava mal da vida alheia, era tolerante com os diferentes dele. Os respeitava mesmo quando pensavam muito diferente dele! Virtudes ainda maiores....

E ainda é a Nita Freire quem deixa esta mensagem para nós:

Gente, em nome da verdade preciso dizer duas coisa a vocês. Primeira, em nome da verdade tenho que confessar que eu já tinha entrado no texto de Carlos para dar algumas informações...A segunda, quero dizer a vocês, meninos e meninas, que amar e ser amada é a melhor experiência da vida! Desejo isso a vocês todos e todas: amar os pais, amar os irmãos e irmãs, amar os professores/as, amar os parentes para aprenderem a amar seus maridos ou mulheres e os filhos e filhas que virão depois. Amar os rios, os pássaros, as árvores e as pedras.

Amar gentes, as coisas boas que as gentes fazem. Amar a natureza. Amar a Vida!

“Meu abraço, meninada!”, NITA

No mês de maio de 1997, o jornal Diário de Pernambuco publicou um desenho muito bonito. Muita gente ficou mesmo emocionada quando viu. Era o desenho de um velho de poucos cabelos e barbas brancas, compridas. Um velho de olhar doce e longas mãos brancas de giz. Ele estava sentado numa imensa poltrona de nuvens. De nuvens bem do alto do céu. Ele tinha sentado numa de suas pernas um anjinho, atrás dele outro anjinho. Um de cada lado. E, querendo chegar aos três um anjinho bem pequeno de olhar curioso, quase de súplica. Seu olhar dizia: “Também quero aprender a ler-e-escrever!”. O velhinho com um livro na mão, ensinava os anjos a ler.

É que no dia 2 de maio o menino Paulo Freire nos deixou e foi ser professor em outros mundos. Ele tinha 75 anos, faria 76 poucos meses depois, em setembro. Parecia que tinha muito mais e vivia como quem tinha muito menos. Pouco antes de ele nos deixar, ele disse a alguns amigos assim:

***Eu gostaria
de ser lembrado
como alguém que amou o mundo
as pessoas, os bichos
as árvores
a água, a vida!***

dois (ou 2, ou segundo)

PENSANDO, VIVENDO, ENSINANDO E APRENDENDO, LENDO E ESCRREVENDO

É O SEGUNDO CAPÍTULO

VALE O MESMO QUE PARA O PRIMEIRO. EM FOLHA BRANCA A PARTE E COM UM DESENHO PEQUENO DENTRE UM DOS DO CAPÍTULO.

Vocês sabem como quê que aprender-a-ler-e-a-escrever é parecido?

Como chegar numa horta e saber o que é cada planta e pra que ela serve. Quem não sabe nada de “ler a horta” entra dentro dela e só vê um punhado de mato. Um monte de plantas diferentes, mas tudo igual. Não sabe o que é cada uma, como é que se prepara cada uma, com o que é que se come.

Quem sabe “ler a horta” pelo menos um pouco, sabe o que é que é “planta” e o que é “mato”. Sabe separar a alface do repolho, a cenoura da berinjela, o tomate da cebola, o jiló da salsa e a salsa da cebolinha. Sabe qual o uso de cada planta: as que se come e as que não se come. As que servem de comida e as que servem de remédio. As que são de salada e as que se cozinham e misturam com a comida. Não é mesmo?

E quem sabe “ler a horta” mais ainda, sabe qual é o tempo de plantar cada uma. Sabe como é que se cuida de cada tipo de planta, sabe o que é melhor para cada uma delas, quais as de sombra e quais as de sol. Sabe quais as que gostam de mais chuva e as de menos.

Assim, além de saber o que é cada planta da horta e saber como é que se prepara na cozinha cada planta, ele sabe cuidar do terreno, sabe semear, sabe tratar e sabe colher. Sabe “lidar com a terra”, sabe tornar a terra fértil e boa para as plantas. Sabe quais são os bichos do mato que fazem bem para as plantas da horta e quais as que atacam as plantas pelas raízes ou pelas folhas.

E para tudo é deste jeito. Pois sobre esses assuntos de “horta” de “palavra” e de “mundo” sempre se pode saber alguma coisa. E sabendo, sempre se pode saber mais ainda. Depois que a gente começa a aprender, pode ir mais adiante, sempre.

Saber é sem fim!

Dentro de cada um de nós sempre cabe mais um saberzinho. Antes se pensava que tinha uma idade para aprender e depois uma outra em que a pessoa só servia para trabalhar ou para “ter filhos”. Mas hoje nós sabemos que aprender pode ser por toda a vida. Eu sempre posso ser alguém melhor do que eu já sou. Eu sempre posso aprender com os outros, com os livros, com o mundo, e saber melhor o que eu já sei. E eu sempre posso aprender o que eu não sei. E muita coisa de tudo isso a gente aprende quando aprendeu bem a ler-e-escrever.

Lembram da Cristina? Pois numa outra carta para ela ele escreveu assim:

As coisas mudam e nós também.

E nesse mesmo livro ele escreveu que a gente aprende até mesmo com a criança que foi um dia. Parece estranho, mas é isso mesmo. Muitas vezes a criança que nós fomos e não somos mais é a nossa melhor professora. A gente cresce e parece que o menino ou a menina que nós fomos foi embora. Acabou.

Mas não é assim. As pessoas estão sempre lembrando quem foram. Estão lembrando como foi que elas viveram quando eram “pequenas”, antes de serem “gente grande”. Estão sempre recordando como era a vida “naquele tempo”.

E tem vez que a gente aprende de novo, quando lembra. É como se a criança que viveu em nós antes de a gente ter virado “gente grande” viesse lembrar de longe lembrar alguma coisa que quando a gente re-lembra, aprende com ela. E foi por isso que ele escreveu assim:

Quanto mais me volto sobre a infância distante, tanto mais descubro que tenho sempre algo a aprender com ela (*Isto aqui está no livro: **Cartas a Cristina**, na página 31*)

Eis aí uma lição para toda a vida!

*E foi assim que o professor Paulo, que andava sempre aprendendo e sempre querendo saber um pouco mais, para ser um tanto melhor a cada dia, resolveu criar um jeito de as pessoas do campo no Brasil aprenderem a ler-e-a-escrever. Uma maneira diferente daquelas como se aprendia no tempo em que ele foi criança, com as famosas **cartas de ABC**. A professora séria, repetindo letras, falando e escrevendo no quadro-negro, com a mesma cartilha aberta nas mãos: A-E-I-O-U ... BA-BE-BI-BO-BU, e os alunos repetindo com ela. Repetindo falando feito máquina. Repetindo escrevendo, cada um no seu caderno.*

Então, Paulo Freire começou a imaginar um “método de alfabetização” para as pessoas grandes que não tinham aprendido a escrever e a ler quando eram crianças. Depois junto com outras professoras e outros professores ele aperfeiçoou o jeito de ensinar-aprender, criando um jeito novo, uma compreensão nova, absolutamente nova, da educação.

*Eles estudaram muito, conversaram com outras professoras, pensaram ... pensaram muito, e começaram a criar o: **Método Paulo Freire de Alfabetização**.*

E agora vocês vão aprender como ele é.

E nós vamos aprender isso juntos nas páginas do nosso livro que vêm daqui em diante, de duas maneiras.

Primeira: nós vamos contando como foi que o professor Paulo e os outros professores amigos dele foram inventando o “método” de ler-e-escrever palavras e o mundo.

*Segundo: nós vamos convidar todo mundo para uma brincadeira com as palavras. Essa parte vai se chamar: **idéias pra gente inventar**. E isso vai ser um jeito de vocês irem lendo e fazendo por conta de vocês mais ou menos como ele e seus amigos fizeram. O que eles foram inventando quando criaram o “Método Paulo Freire”.*

Método quer dizer “caminho”. Um método serve para dizer como é que a gente pode sair de um lugar e caminhar, com as palavras e com as idéias, para chegar em um outro lugar.

Vamos lá?

Vamos juntos?

primeiro passo do caminho: descobrimo as palavras, revelando as idéias

Ora muito bem! Todo mundo que aprendeu a ler e a escrever sabe que se aprende a ler se e aprende a escrever com as letras, com as sílabas e com as palavras que existem por toda parte nesse Mundo.

Então, se isso é mesmo assim, porque não aprender com as palavras que já são as nossas? Com as palavras que são “do nosso mundo”. As palavras que falamos em casa, que a gente lembra delas e fala quando conversa com os amigos. Palavras dessas que todo mundo fala e que todo mundo entende “aqui no lugar onde a gente vive?” Não é mesmo?

Vamos ver como é que isso é!

Muito bem., em todo o Brasil as LETRAS são as mesmas por toda a parte. “A” é “A” e “B” é “B”. “M” é “M” e “X” é “X”, mesmo que no Rio de Janeiro se fale “xizzz” e no Paraná se diga “xis”.

E a mesma coisa também acontece com as SÍLABAS, que de vez em quando se pode chamar também de FONEMAS. “BA” é “BA” na Bahia e no Mato Grosso.

Menos quando uma SÍLABA, um FONEMA, já tem vontade e jeito de ser uma PALAVRA. Igual como acontece com o “DO”, que é uma nota musical, antes do “RÉ”, do “MI” e do “FA” e é aquilo que a gente sente quando tem pena de alguém ou de algum bicho de casa ou do mato. Mas, será que bicho não é “alguém”?

Bem, mas as PALAVRAS não!

Quer dizer, muitas palavras são as mesmas em todo lugar do Brasil. Como a própria palavra: BRASIL. Uma palavra que é nome do nosso País e é nome de uma árvore alta e bonita ... e que quase que não existe mais nossas florestas.

Mas, e as outras? Como é que acontece com muitas palavras quando se fala ou quando se escreve por esse Brasil afora? A mesma planta que se come pela raiz se chama “aipim” em alguns lugares, “mandioca” em outros, e “macaxeira” no Nordeste. E aquele brinquedo de papel fino, colorido, que os meninos empinam nos meses de vento? Ele se chama “pandorga” no Sul do Brasil, e se chama “pipa” em outros, e é chamado ainda de “papagaio” em outros. E será que não tem lugar do Brasil onde os meninos chamam “pandorga”, “pipa” e “papagaio” de outro nome?

Pois bem, vamos perguntar a vocês de novo a mesma coisa que Paulo Freire perguntou aos seus alunos. Se a gente vai aprender a ler e a escrever usando LETRAS, SÍLABAS, FONEMAS, PALAVRAS E FRASES, porque não começar com as letras e os fonemas das palavras que vivem com a gente todos os dias? Aquelas que são “as palavras do nosso mundo”, “as palavras da nossa cultura?”

Essa não é uma boa pergunta?

Pois Paulo Freire pensou essa pergunta muitas vezes quando ele começou a pensar um jeito mais interessante e mais criativo de se ensinar a ler-e-a-escrever as pessoas adultas.

Ao invés de começar logo ensinando a ler com uma dessas cartilhas que já chegam prontinhas e são a mesma em todo o canto, a equipe do professor Paulo pensou diferente. Ela imaginou que um primeiro passo das pessoas que iam aprender a ler-e-escrever, podia ser mesmo um “levantamento” das palavras faladas do lugar.

Uma PESQUISA DO UNIVERSO VOCABULAR.

E o quê que é isso? Vocês já imaginam a resposta, não?

Pesquisa do Universo Vocabular é uma procura daquelas palavras que as pessoas do lugar onde elas moram costumam falar quando elas pensam ... que é quando a gente às vezes fala pra gente mesma. É a procura das palavras mais usadas quando elas conversam umas com as outras: mulher com mulher, homem com homem, mulher com homem, criança com criança, gente grande com criança, velho com menino e até papagaio com gente.

Se esse nome: “pesquisa do universo vocabular” é difícil, podemos chamar isto também de: PROCURA DAS PALAVRAS DA NOSSA GENTE!

Nós aprendemos a dizer que a terra “gera” a vida.

Ela gera a vida porque dela nascem as plantas, dela sai a água. Dela sai a vida que se regenera entre cada tempo de plantar e cada tempo de colher. Ou no verde perene das florestas. E dela vem tudo o que nós precisamos para viver. A terra gera a vida de cada um de nós, todos os dias. Olhando o mundo à nossa volta aprendemos que uma semente “gera” uma planta, não é assim?

Pois então, essas PALAVRAS que “geram” PENSAMENTOS e geram CONVERSAS são as PALAVRAS GERADORAS. E elas são “geradoras” também porque vão ser aquelas que irão servir e que iam servir para criar o trabalho de aprender a ler-e-escrever. Guardem esse nome. Palavras que geram outras, palavras que geram conversa, palavras que geram idéias.

E como elas são palavras que depois de “partidas” irão gerar a vida de outras palavras, vamos chamar essas palavras também de: PALAVRAS SEMENTE. Que tal este nome?

As palavras simplezinhas de todo o dia. Mas as palavras que a gente aprende para pensar com elas o nosso Mundo de cada dia tal como ele é. Para aprender a pensar com a nossa própria cabeça. E não como às vezes os outros querem que a gente pense. Principalmente quando esses “outros” não são companheiros. Não comem ao longo da vida o mesmo pão com a gente.

Então era assim que acontecia no começo do “Método Paulo Freire”.

As pessoas que iam formar uma “turma de alfabetização” não ficavam esperando o professor no primeiro dia das aulas. Na verdade nem tinha “um professor” como a gente está acostumado a ver. Tinha um alfabetizador, um monitor, um animador ou um coordenador de CÍRCULO DE CULTURA. Guardem bem esta outras palavras: “círculo de cultura”. Elas nos esperam logo ali adiante.

Então o “animador” e os “alfabetizados” saíam pelo povoado onde viviam, ou saíam pelo sítio, ou pela cidadezinha onde eles moravam. Saíam pelas casas visitando os vizinhos e iam conversar com eles e com outras pessoas do lugar. E a conversa era para falar dos assuntos da vida de toda a gente por ali. E como é a conversa de todo o dia? Como é que ela seria entre dois amigos que moram no campo e trabalham na agricultura?

“Oi, compadre! Como é que vai indo? E a família, como vai? Compadre, faz dias que não chove. Tava precisando chover!”

“A família vai bem, compadre, Graças a Deus! Mas a chuva, é mesmo, tava precisando chover!. A lavoura está precisando de água. De água e da labuta da gente”

E dessa beiradinha de conversa alguém já podia lembrar duas boas palavras geradoras: LAVOURA e LABUTA. E por aí vai. De conversa em conversa, de assunto em assunto, as pessoas que já estavam participando do começo da alfabetização, antes mesmo de aprender a ler a primeira palavra, já estavam lembrando palavras. Já estavam pesquisando palavras geradoras. Já estavam “levantando” o universo vocabular daquela comunidade. Da cultura popular daquela gente.

Quando a primeira equipe que trabalhou no “método” que o professor Paulo inventou formou as primeiras turmas de alfabetização em dois lugares lá (ou aí) do Nordeste do Brasil, vejam as palavras geradoras que eles levantaram:

Em Cajueiro Seco, perto do Recife, elas foram estas:

TIJOLO VOTO SIRI PALHA BISCATE CINZA DOENÇA
CHAFARIZ MÁQUINA EMPREGO ENGENHO MANGUE TERRA
ENXADA CLASSE

Já num lugar chamado Tititi, na cidade do Cabo, pertinho de Recife e também lá em Pernambuco, as palavras escolhidas foram estas:

TIJOLO VOTO ROÇADO ABACAXI CACIMBA PASSA FEIRA MILHO
MANIVA PLANTA LOMBRIGA ENGENHO GUIA BARRACÃO CHARQUE
COZINHA SAL

Quando as professoras e os professores juntaram as palavras geradoras que foram saindo das conversas do povo de alguns povoados, eles fizeram uma lista assim, das “palavras de Pernambuco”:

TIJOLO POVO FARINHA TERRA SECA CASA ENXADA
MÁQUINA TRABALHO CHUVA POBREZA CLASSE ELEIÇÃO

Num outro estado do Brasil, lá em Goiás, uma outra turma de professores que trabalhava do mesmo jeito, fez a coisa um pouco diferente. Eles pensaram em levantar as palavras geradoras em cima de uma situação que todo mundo vive lá no campo: a FAMÍLIA. Cada um de nós nasce em uma família, vive dentro de uma família e, quando casa começa, a formar uma família, não é assim?

Pois bem, então eles inventaram um casal. O homem se chamava BENEDITO e a mulher tinha o nome de JOVELINA. E essas foram as primeiras duas palavras. Quando a “pesquisa do universo vocabular” foi feita, as palavras geradoras que apareceram então foram estas:

BENEDITO JOVELINA MATA FOGO SAPATO CASA ENXADA ROÇADO
BICICLETA TRABALHO BEZERRO MÁQUINA SAFRA ARMAZÉM
ASSINATURA PRODUÇÃO FARINHA ESTRADA

Então. Olhem bem!

Se o trabalho fosse com gente da cidade grande, gente que não trabalha mais na lavoura ou que nunca trabalhou no cabo de uma enxada, então muitas palavras não iam aparecer nem nas conversas delas e nem na pesquisa do universo vocabular. Pras pessoas da cidade as palavras como: mata, enxada, roçado, bezerro, safra, produção, já não são tão importantes. Em lugar delas é possível que aparecessem palavras como: ônibus, edifício, favela, emprego, dinheiro, fábrica.

As palavras que vão sendo conversadas em cada lugar, são as que vivem com as pessoas todos os dias; com as mulheres e com os homens. Quem vai lembrar de “enxada” na cidade grande? E quem vai lembrar de “fábrica” lá no meio do sertão? Mas palavras como “família”, “trabalho”, “pobreza” vão ser faladas no campo e na cidade, porque elas fazem parte da vida das pessoas lá e aqui.

Junto com os “alfabetizando”, o animador da turma dos alunos vai fazendo uma escolha das “palavras geradoras”. De muitas palavras que foram sendo “levantadas” nas conversas da “pesquisa” eles escolhiam só algumas, como vocês bem viram nas quatro listas acima.

Todas as palavras geradoras são boas, porque são importantes na vida das pessoas que usam elas nas conversas e nos pensamentos. Mas na hora de escolher, as boas palavras geradoras são as que servem mais do que as outras nas conversas entre as pessoas do lugar.

E elas são também as palavras que têm dentro delas, quando se olha o conjunto que elas vão formar, todas as letras e todas as sílabas da nossa língua:

o A o E O I o O o U
o BA o BE o BI o BO o BU
o BRA o BRE o BRI o BRO o BRU

Viram só?

E assim vai. E assim vai indo. As palavras geradoras que foram “levantadas” vão ser escolhidas para o trabalho de ensino de ler-e-escrever. Elas vão sendo escolhidas entre as mais conhecidas e as mais faladas pela gente do lugar. E também as palavras que quando “desdobradas” mostram todos os “fonemas” da nossa língua. Logo na frente vocês vão ver porque é que é assim.

Viram só? Este é o primeiro passo do caminho: a descoberta do UNIVERSO VOCABULAR com o levantamento das PALAVRAS GERADORAS. Ou então, a PROCURA DAS PALAVRAS DA NOSSA GENTE para encontrar as nossas PALAVRAS SEMENTE.

idéias para a gente inventar

Pois se vocês quiserem, dá muito bem para fazer a mesma coisa. Dá até mesmo para fazer como se fosse uma brincadeira. Um jogo divertido entre amigos.

E quais seriam as **PALAVRA-SEMENTE** se as conversas da hora de “procurar” fossem entre as crianças? Vocês seriam capazes de conversar entre vocês e com outros colegas, e depois “levantar” as palavras mais interessantes das conversas? E as que apareceram mais vezes? Seriam capazes de fazer uma lista parecida com as que foram escritas aqui, mas com as palavras de vocês?

Vamos brincar de “achar palavras?” Vamos aprender a brincadeira da **“procura das palavras geradoras?”**

Primeiro vocês devem arranjar uma folha de papel em branco ou um caderninho, e um lápis ou uma boa caneta. Depois é só ir conversando uns com os outros, e com as amigas e os amigos de perto. Mas conversar prestando atenção nas palavras que vocês falam mais. As palavras que as crianças daí gostam mais de falar.

De vez em quando alguém de vocês que está fazendo o “levantamento das palavras geradoras das crianças” vai anotando na folha de papel aquelas palavras que vão sendo faladas mais. As palavras que as crianças do lugar acham mais bonitas, mais gostosas de se falar.

Que palavras apareceram mais nas conversas? Quais as que saíram mais?

Saiu “bola”? Saiu “brinquedo”? Saiu “carrapato”? Saiu “pipoca”? Saiu “acampamento”? Saiu “mãe” e saiu “pai”? Saiu “menina”? Saiu “menino”? Saiu “Sábado”? Saiu “futebol”? Saiu “trabalho”?

Como é a lista que a gente foi formando, até chegar numas 12 ou 15 palavras? Até mais, se aparecerem mais palavras bonitas e interessantes. Palavras que todo mundo conhece e fala. Guardem a lista com cuidado. Vocês vão ver quanta coisa dá pra fazer com ela depois!

Bom, vamos voltar de novo para junto do professor Paulo e a equipe dele.

Então, vejam só.

Ao invés de se começar a aprender a ler-e-escrever com um livrinho pronto, com uma cartilha que vem de longe e ninguém sabe quem fez, e nem conhece e sabe o que significa tantas das palavras ali escritas, os alunos e o professor de alfabetização foram fazendo o próprio livro deles. Um livro diferente, que começava com as palavras que eles foram achando nas conversas com as outras pessoas do lugar. Já sabemos bem que este primeiro trabalho era chamado de “pesquisa do universo vocabular”. E ele era isso: uma procura das palavras que a gente daquele “mundo” onde viviam, usavam nas conversas entre elas. Usavam para terem as suas idéias na cabeça e na conversa. Cada gente, de cada lugarzinho do mundo tem o seu “universo vocabular”. E isso já é uma grande riqueza de todos nós!

E assim caminharam o “primeiro passo”: o levantamento das palavras geradoras, a pesquisa do universo vocabular da gente do lugar.

Faltam muitos ainda. Vamos pro segundo passo?

segundo passo do caminho: das palavras geradoras para os círculos de cultura

Quando a gente estuda na escola quase sempre é assim: na frente ficam o quadro-negro e a professora, ou o professor. Depois tem as fileiras das carteiras com os meninos e as meninas sentados uns do lado dos outros, uns atrás dos outros.

Mas o professor Paulo Freire teve uma idéia diferente.

Em vez de colocar as pessoas em fila, ele preferiu colocar em uma roda. Colocar as pessoas sentadas uma do lado do outro, um do lado da outra, todo mundo. E como as mulheres e os homens que iam aprender a ler começavam o “segundo passo” conversando sobre a vida delas, sobre o trabalho de todos os dias, sobre a maneira de ser e de se viver naquele lugar, o professor Paulo chamava aquilo de CIRCULO DE CULTURA.

Sabem porque?

Bom, “círculo” porque é um círculo mesmo. Toda a gente sentada numa roda sem ninguém Ter um lugar mais importante do que os outros. Todos sentados num círculo onde todos são iguais e podem falar como quem aprende e quem ensina. Porque na cabeça do professor Paulo, mesmo que numa escola tenha professor e aluno, todo mundo aprende e ensina. Ele gostava muito de dizer uma frase assim:

Ninguém ensina ninguém,
mas ninguém aprende sozinho.
As pessoas ensinam umas às outras,
e elas aprendem umas com as outras” .

Isto poderia ser dito assim também:

Muita coisa o que não sei ainda está escondido também dentro de mim. Do mesmo modo como está também nos diálogos que eu vivo com as outras pessoas. Pessoas com quem eu aprendo enquanto ensino e a quem eu ensino enquanto aprendo.

Algumas coisas que eu não sei ainda eu posso aprender sozinho, por minha conta, mas elas são poucas e não são as coisas mais importantes.

Assim, muita coisa e as mais importantes para a minha vida eu só aprendo com a ajuda dos outros.

Só que as outras pessoas não podem me ensinar o que eu não sei.

Elas só podem me ajudar a pensar e aprender por minha conta, com o meu esforço e com a ajuda delas, o que não sei pensar ainda porque ainda não aprendi.

Assim, no que existe de mais importante para se ensinar-e-aprender as pessoas ensinam e aprendem ensinando umas às outras e aprendendo umas com as outras.

E, ao mesmo tempo, quem está ensinando está aprendendo também e quem está aprendendo está também ensinando.

Vamos em frente.

Todo o bom professor sabe que ele sempre tem muito o que aprender com os seus alunos. Não existe pessoa que sabe tudo e nem existe gente que não sabe nada. Cada uma de nós, de criança pequena a pessoa já bem velhinha, sabe o seu saber. Cada uma de nós aprendeu e está sempre aprendendo. E assim, cada um de nós tem alguma coisa a ensinar, e tem sempre alguma coisa a aprender.

E é muito bom a gente saber que ninguém no mundo já sabe tanto que não precisa mais aprender nada. E ninguém no mundo sabe tão pouco que não tenha nada pra ensinar aos outros. Tem uma outra frase boa pra gente conversar esse assunto num “círculo”. Ela é assim:

Nenhum de nós é melhor e nem é mais inteligente do que todos nós!

Nenhuma de nós é melhor e nem é mais inteligente do que todas nós!

Viram?

Por mais sabida que seja uma pessoa, sempre ela tem o que aprender com as outras pessoas. E se várias pessoas se reunirem para pensarem juntas, o pensamento de todas, com a parte pensada e falada por cada uma, é melhor do que o pensamento de uma sozinha. Não é mesmo?

Pois no CIRCULO DE CULTURA tem alguém que faz o papel de um professor. Já vimos que ele pode ser chamado de “animador do círculo de cultura”. Ele é uma pessoa que já sabe ler-e-escrever e vai ajudar as outras pessoas a aprenderem a ler-e-escrever. Mas não é só isso. Pois ele está ali no círculo para pensar com os outros, para participar da conversa, do DIÁLOGO com toda a gente e para ajudar o grupo a começar a pensar junto. Pra trazer idéias e puxar pelas idéias das outras pessoas.

E no círculo tudo o que é bom de ser conversado

de ser pensado

de ser aprendido

de ser sabido

vai saindo do fio da conversa de todos entre todos, de todas entre todas.

E cada pessoa deve ficar bem a vontade para dizer o que pensa “numa boa”, sem medo de errar. Pois tudo o que eu digo para pensar com os outros serve para o grupo inteiro pensar melhor. É até muito bom que as pessoas pensem de maneiras diferentes. É bom que eu tenha uma idéia e você tenha uma outra. Que eu pense “assim” e você pense “assado”. Pois é das muitas idéias diferentes que a gente acaba chegando até onde estão as idéias boas e profundas.

Tem até um homem que um dia disse isso:

*Quando todo mundo está pensando a mesma coisa
é porque ninguém está pensando nada.*

Olha aí uma outra frase pra gente “botar no círculo” e pensar juntos.

E agora tem uma outra pergunta.

*E porque será que se chama: **CIRCULO DE CULTURA?***

Vamos pensar juntos? Vamos lá ...

Porque antes de começarem a aprender a ler-e-escrever, as pessoas sentadas na roda em volta do círculo, vão pensar juntas sobre o Mundo onde elas vivem. Isso mesmo! Elas vão conversar sobre como é que começou o Mundo onde moram, onde se encontram agora as crianças e todas as outras pessoas, onde plantam, onde pescam, onde criam os filhos e as filhas, onde vivem, enfim.

Vão conversar e vão refletir juntas sobre o mundo da “mãe natureza” onde todos nós vivemos. “Refletir” é pensar “lá no fundo”, como quem quer descobrir alguma coisa importante por sua conta, ou dialogando com as outras pessoas. E vão conversar também os assuntos do “mundo de cultura”. Aquele MUNDO que as pessoas humanas criam com as idéias e as mãos delas. Criam com os diálogos (olha essa palavra de novo!) entre elas e entre elas e a natureza. Criam com o trabalho das mulheres e o trabalho dos homens. E de muitas crianças também, infelizmente.

Pois é pensando, dialogando com os outros e trabalhando a terra e tudo mais que existe no nosso Mundo, que nós criamos uma lavoura de milho, uma casa, um assentamento, uma vila e uma cidade. E criamos também as palavras escritas e os livros, as histórias e as poesias. E criamos a praça e a escola, e a enxada e o avião, a fartura de uns e a fome de outros.

Tudo isso junto ... tudo o que as pessoas como nós fazem e criam quando pensam juntas e quando trabalham juntas, nós chamamos de CULTURA.

E cada um de nós, desde o primeiro momentinho em que sai de dentro da mãe e começa a viver neste Mundo, vive a vida inteira dentro de um MUNDO DE NATUREZA e dentro de um dentro de um MUNDO DE CULTURA.

Agora mesmo é assim. O ar que vocês estão respirando, a água que alguém acaba de beber, o pedaço de pão que alguém acaba de repartir com um companheiro, tudo isso faz parte do mundo da “querida mãe natureza”, que nos gera, nos abriga e nos sustenta. E mais as florestas, e mais a terra, e mais as plantas que nascem sozinhas na mata ou que nascem nas roças onde as pessoas semearam o milho e o feijão. E mais o mar e toda a Terra. E os planetas que giram em volta do Sol como a Terra. E mais tudo e tudo, os cometas e as estrelas, as constelações que existem e vivem como nós nessa nossa casa também. Uma casa que nós chamamos de UNIVERSO.

Mas as palavras que vocês estão lendo agora neste livro. As palavras que vocês estão falando e estão ouvindo enquanto conversam com os amigos e as amigas. E a casa onde estão e o lápis que alguém tem na mão, e mais o caderno, e o lugar construído pelas pessoas onde vivem, tudo isso é parte da CULTURA. Todo isso saiu do trabalho dos homens e das mulheres, que sentiram e pensaram, que tiveram idéias e se reuniram, que falaram palavras e pensamentos uns aos outros, e que transformaram a água, a terra, o barro, a madeira, o ferro e o fogo em coisas do “mundo da cultura”.

E agora podemos voltar lá para o lugar onde estão os alunos do professor Paulo Freire: um círculo de cultura dentro de um sítio em um lugar do Sertão do Nordeste.

Vejam vocês a diferença.

Ao invés de ficar cada aluno sentadinho na carteira, quieto, olhando o que a professora escreve na lousa e aprendendo a escrever, todo mundo na sala começa conversando. Começa a aula pensando junto com os outros, buscando entender tanta coisa, buscando aprender no diálogo com os companheiros.

E como é que isso acontecia?

Era assim, o “coordenador do círculo de cultura” ia colocando na frente das pessoas uns desenhos. Ele pendurava em algum lugar uns cartazes com uns desenhos. Em cada figura tinha alguma coisa que as pessoas viam e que dava um bom assunto para se conversar.

Vamos contar quais eram esses desenhos, chamados de FICHAS DE CULTURA. Vamos mostrar como eram as “fichas de cultura” que eles desenharam pela primeira vez. Depois, vamos perguntar como é que vocês poderiam desenhar outras. Vamos lá.

1ª ficha de cultura:

o homem e a mulher **no** mundo onde eles vivem e **com o** mundo onde eles vivem e onde eles trabalham.

2ª. *ficha de cultura:*

os encontros e as conversas entre as pessoas no diálogo entre elas a natureza.

3ª *ficha de cultura:*

um índio com o arco e a flecha, caçando na floresta. Ele é o homem que não sabe e não precisa saber ler e escrever. A pessoa de uma cultura sem palavra escrita, “iletrada”.

4ª *ficha de cultura:*

um caçador vestido de roupa como a nossa, com uma espingarda, na beira da mata. Ele é o homem que precisa aprender a ler-e-escrever, porque ele vive em uma cultura onde se criou e se usa sempre a palavra escrita. Uma cultura “letrada”.

5ª. *ficha de cultura:*

um gato caçando um rato. Ele é um animal da natureza, ele mia, mas não fala. Qual a diferença entre viver só dentro do “mundo da natureza”, como a onça e o gato, e viver “no mundo da natureza e no mundo da cultura”, como a gente?

6ª. *ficha de cultura:*

umas pessoas trabalhando juntas. Elas estão transformando a “natureza” em “cultura” com o “trabalho” delas. Todo o trabalho bem feito transforma alguma coisa em outra coisa.

7ª *ficha de cultura:*

um jarro, um pote, um vaso de barro, coisas que eram do “mundo da natureza”, como o barro e a água, e que viraram coisas do “mundo da cultura”, como o vaso e o pote de barro.

8ª *ficha de cultura:*

uma folha de papel com uma poesia escrita nela.

9ª. *ficha de cultura:*

mulheres e homens conversando enquanto trabalham. É uma imagem da convivência das pessoas como nós, na sua vida de todos os dias.

10ª e última *ficha de cultura:*

uma porção de gente sentada em cadeiras ou em bancos de madeira, numa roda, num círculo de cultura mais ou menos igual ao das pessoas que se reuniram para aprender a ler-e-escrever, e estão trocando idéias sobre as imagens que elas vão vendo.

E era assim que acontecia. O “monitor do círculo de cultura” ia mostrando as “fichas de cultura”. E ia perguntando: “gente, o que é que vocês estão vendo nessa figura”? E as pessoas começavam a dizer: “eu estou vendo uma mulher e um homem”. E já uma outra pessoa dizia: “e parece que eles estão conversando”. E por aí ia. Cada um ia dizendo o que estava vendo. E todos iam formando juntos um pensamento de uma imagem sobre aquilo que estavam vendo na figura e aquilo que eles podiam imaginar”.

Ele não apresentava as “fichas” todas de uma vez. Quando o “animador do círculo” mostrava o cartaz com a primeira figura, podia acontecer de ela sugerir uma conversa tão boa e tão animada que toda aquela “aula” ficava por conta dela.

O importante é que todos participem. Que todos “entrem na roda”. Que toda a gente do círculo de cultura diga para os outros o que é que está vendo. E diga o que é que acha do que está vendo. Que

cada um conte para todos os outros as idéias que vêm na cabeça enquanto se vai vendo as imagens das “fichas de cultura” e a conversa vai indo em frente

Pouco a pouco, de uma figura para a outra, de um diálogo para o outro, as pessoas vão aprendendo muita coisa. Muita coisa que elas já sabiam e não lembravam. E muita coisa nova que elas iam aprendendo e sabendo pela primeira vez. O que já se sabe vai sendo descoberto de novo: junto com outras pessoas, com outras palavras, com novas idéias.

E assim se aprende o que é “estar no Mundo”. Do jeito como o professor Paulo imaginou.

Como é que as pessoas humanas estão no Mundo?

Como é que os animais do campo e do mato, dos rios e dos mares fazem para viver e como é que os homens e as mulheres fazem?

Quais são as diferenças entre eles e nós Como é que nós tivemos que aprender a usar a cabeça de uma maneira cada vez mais criativa?

Como é que os nossos primeiros antepassados, há muito e muito tempo atrás?

Como é que eles foram aprendendo a lidar com as “coisas do mundo”: o barro, a pedra, a madeira, os metais, os frutos, as raízes e até os bichos?

Como é que ao invés de a gente transformar o nosso corpo para se adaptar ao nosso mundo, nós começamos a transformar o nosso mundo para adaptá-lo à nossa vida?

Ou vocês acham que as primeiras mulheres e os primeiros homens já nasceram sabendo fazer um pote de barro, sabendo plantar uma roça de milho, sabendo fazer uma pamonha de milho verde? E também sabendo escrever as palavras, e sabendo construir uma casa, e sabendo tanta coisa, tanta idéia, tanta descoberta.

Tanto disso que nós chamamos: **AS CRIAÇÕES HUMANAS DA CULTURA.**

E as pessoas reunidas nos círculos de cultura iam reaprendendo a “ler o seu mundo”. Ia descobrindo o que já sabiam e o que não sabiam ainda, para entender melhor como o nosso Mundo é, como ele poderia ser ... e o que devia ser feito para ele ser um Mundo melhor. Um mundo mais humano, mais solidário e mais feliz.

E de fala em fala a conversa ia animando. E as pessoas procuravam o que é que aquela figura queria dizer. O que era - “lá no fundo” - que cada imagem queria sugerir. E por esse caminho, antes de começarem a aprender a ler-e-escrever, as pessoas iam aprendendo como é que a gente vive no Mundo. Como é que a gente trabalha e convive. E como é que desse jeito nós estamos sempre criando e recriando o NOSSO MUNDO. Um “mundo de cultura”, dentro de um “mundo de natureza”. Eis aí!

E de um passo para o outro, cada pessoa e toda a gente de um círculo ia refletindo, ia dialogando sobre como é a “sociedade” onde nós vivemos. Porque é que ela ficou assim? Porque é que ela é desse jeito e não de outro? Se ela está como está e podia ser melhor, será que as pessoas não podem se reunir e trabalharem juntas para mudar o mundo? Será que não pode? será que não deve?

Isso é uma parte do que se aprende quando se senta no “círculo de cultura” e se participa do “diálogo sobre a natureza e a cultura”. E as figuras do círculo iam sendo mostradas, uma a uma, até que na última o que aparecia era uma figura de algumas pessoas reunidas em um... CIRCULO DE CULTURA.

idéias pra gente inventar

Como é que vocês podiam fazer, se fosse o caso de se inventar umas FICHAS DE CULTURA feitas por crianças ou adolescentes?

Será que vocês seriam capazes de pensarem juntas e de desenharem 10 fichas parecidas com as que o professor Paulo Freire e a equipe dele criaram para começar as aulas de alfabetização nos “círculos de cultura”?

Vamos ver.

Se vocês fizeram aquela parte do: **idéias pra gente inventar** das palavras, então vocês têm uma lista das palavras que as meninas e os meninos do lugar onde vocês moram gostam mais de falar.

Agora, nessa segunda: **idéias pra gente inventar**, o desafio é criar as “fichas de cultura das crianças”. Vocês saberiam arranjar umas folhas de cartolina (pode ser branca ou de cor clarinha) e ir desenhando figuras como as que vocês viram aqui, só que representando “o mundo das meninas e dos meninos”.

Vocês podem começar lembrando como é a vida das crianças no lugar onde vocês moram.

Vamos dar algumas idéias.

A primeira podia ser formada com meninas e com meninos assim: alguns numa roda, conversando, alguns ajudando a mãe ou o pai num serviço, algumas brincando de alguma coisa (de roda, de empinar papagaio, de tanta coisa!), alguma balançando num balanço.

Tinha que ser um desenho com crianças, com coisas da natureza (mata, riozinho, árvore, passarinho, macaco, flores) e com coisas do mundo da cultura (balanço, brinquedo, casa, vaso de flor, prato de comida, bicicleta).

E a “segunda ficha de cultura”, como é que ela podia ser? Meninas e meninos em algum lugar, brincando de novo e conversando.

E a “terceira”? Como desenhar um menino indiozinho com o arco-e-flecha dele, no lugar onde ele vive? Ou então, uma idéia melhor ainda, um menino e uma menina de um povo de índios colhendo frutas em uma árvore.

E a outra? Ao invés de representar um menino com uma espingarda (que coisa mais triste uma criança com uma espingarda!) podia ser uma cena de dois meninos jogando semente na terra para semear uma planta qualquer. Ou que outra idéia vocês têm?

E todas as outras? Vamos desenhar? Vamos fazer?

E depois, como é que vocês podiam fazer um CÍRCULO DE MENINAS E DE MENINOS , e conversar sobre como é o MUNDO DAS CRIANÇAS no lugar onde vocês vivem?

Se estiver difícil, peçam à professora para ela ajudar vocês. Mas não deixem ela tomar conta da brincadeira. Nesse “jogo” todo mundo é “companheiro”. Todo mundo come pão e planta idéias!

terceiro passo do caminho: das palavras geradoras para os temas geradores

Todo mundo sabe: com letra, como o M ou o E a gente forma sílabas, como o ME. Forma fonemas com o som do NI. Com sílabas e fonemas a gente forma palavras, como ME-NI-NO, MENINO. E com palavras a gente forma frases, como: O MENINO VIVE NO CAMPO.

E com as frases a gente forma o quê?

Forma os temas, os assuntos, as idéias dos pensamentos, das imaginações e das nossas conversas. Mas para fazer isto o que é que a gente precisa ter antes?

É preciso ter idéias e pensamentos. Uma pessoa que chegou a ser “gente grande” e nunca aprendeu a ler-e-escrever, nem por isso deixa de saber usar as palavras. De construir frases. De ter idéias e ter pensamentos. Ah! Mas quando ela aprende a ler-e-escrever ela vai poder ler as idéias que os outros escreveram e escrever as suas idéias para os outros lerem.

Pois bem, as PALAVRAS GERADORAS reunidas na “pesquisa do universo vocabular” se reúnem para formar os TEMAS GERADORES.

E o que são os TEMAS GERADORES?

Podemos chamar também de TEMAS SEMENTE!

Eles são os assuntos que as pessoas pensam e usam para conversar quando elas têm idéias. Quando elas querem contar para elas mesmas ou para as outras pessoas os seus pensamentos, as suas opiniões, os seus sentimentos, os seus sonhos, os seus planos. Tudo isso e e tanta coisa mais que se vive, que se sente, que se pensa, que se acha, que se imagina, que se sabe, e que se quer ... comunicar.

Comunicar com o quê?

Com palavras faladas e com palavras escritas.

Comunicar o que?

Comunicar assuntos. Dialogar sobre temas!

E é por isso que o CÍRCULO DE CULTURA começa os estudos para aprender a ler-e-escrever com as pessoas na roda, conversando sobre nós e o nosso mundo de cultura e conversando sobre os assuntos dos TEMAS GERADORES.

Vamos ver um exemplo.

A palavra TRABALHO gera um “tema” que as pessoas gostam muito de “trabalhar com o pensamento”, no diálogo da roda do círculo de cultura.

Elas podem começar cada uma contando para as outras como é o seu trabalho. O que é que ela faz todos os dias. Como foi que aprendeu, como é que ela trabalha, o que é que tem de fácil e de difícil no trabalho dela ... e assim por diante.

Depois as pessoas podem começar a pensar sobre “os problemas do trabalho”. Sobre quanto elas ganham pelo trabalho delas e quanto elas acham que deviam ganhar. Falam sobre o “desemprego”, as pessoas que procuram, procuram um trabalho e não encontram nenhum.

Daí elas podem passar para o assunto da “terra e do trabalho”.

Como era antes o trabalho na roça? Como é que era o trabalho dos homens e das mulheres no campo? Como é que ficou como é agora? Podem conversar muito sobre a “reforma agrária”. Porque é que no Brasil algumas pouquinhas pessoas até hoje têm tanta terra e tanta gente que quer trabalhar não tem nenhuma?

Assunto puxa assunto, quando as pessoas são boas pra “botar os pensamentos em volta da roda”.

Do assunto do “trabalho” as podem ir para o assunto “família”. E como vocês teriam o que conversar sobre este assunto! E do assunto “família” se pode ir para o assunto “comunidade”. Por exemplo: as famílias, as pessoas e as crianças da rua onde vocês moram; as do edifício de vocês. As pessoas que junto com você e a sua família formam uma igreja: uma comunidade religiosa. E as colegas e os colegas de brincadeira da rua, ou na escola.

E do assunto “comunidade” se pode ir para o assunto: “nosso mundo”. E se pode pensar o que anda acontecendo com ele agora. E o que se pode fazer para ele ser mais justo, mais solidário, de mais paz e menos guerra. Não é mesmo?

Pois no “Método Paulo Freire”, quando os próprios alunos saem pelo lugar onde eles vivem buscando as PALAVRAS GERADORAS, ou as PALAVRAS SEMENTE eles já saem também encontrando os TEMAS GERADORES ... ou os TEMAS SEMENTE.

idéias pra gente inventar

Vocês já pensaram uma coisa?

Todo o dia, quando os meninos e as meninas se reúnem em casa, na rua, na escola, em qualquer lugar, sempre que eles estão brincando e conversando eles estão “trabalhando as palavras”. Eles estão usando PALAVRAS SEMENTE para conversarem. Para conversarem assuntos que eles querem conversar sobre as suas vidas de crianças no lugar onde vivem.

E acontece que eles estão também conversando assuntos que são os seus TEMAS GERADORES. Quando a gente combina com os amigos qual é a brincadeira que quer brincar, e como é que ela vai ser brincada, olha aí já um “tema semente de conversa!”

Pois bem, vocês seriam capazes de ir lembrando e escrevendo em uma folha de papel quais são os assuntos que vocês conversam mais quando estão juntos? Quais os “temas” que vocês gostam mais de conversar quando brincam, ou quando estão trabalhando pra ajudar alguém, ou quando estão lá na escola?

Se vocês forem capazes de fazer uma lista usando as PALAVRAS GERADORAS de outras palavras, então agora já podem ir formando a lista dos seus TEMAS GERADORES de boas conversas. Uma lista divertida dos assuntos que vocês conversam mais. Que vocês falam mais, usando as palavras e as idéias dos assuntos que vocês gostam de conversar quando estão juntos.

Vocês podem até pensar que isso é difícil. Mas não é não. Na verdade vocês vivem fazendo isso sem saber. Toda vez que vocês estão reunidos e alguém pergunta: “o que é que a gente vai fazer?”. Pronto, aí já está uma porção de PALAVRAS e de TEMAS ... GERADORES.

PALAVRAS e TEMAS SEMENTE.

É só pensar... e conversar.

Vamos lá?

quarto passo do caminho:

aprendendo a ler e a escrever idéias com palavras

Pronto!

E agora chegou a hora de começar a brincar E a pensar sério de verdade com as LETRAS e os FONEMAS, para aprender a ler e a escrever as PALAVRAS e as FRASES da nossa língua.

Mas será que não se “brinca” também a sério? Será?

Pois aquilo que a gente pensa conversando uns com os outros, a gente pensa escrevendo, uns para os outros.

E com o “método” do professor Paulo Freire as pessoas aprendem a ler e escrever assim. Vejam, só.

Já aprendemos de novo a ler um pouco sobre o nosso Mundo, agora vamos aprender a ler as letras e as palavras dele.

É como ele iria dizer se ele estivesse em cada círculo de cultura ensinando e aprendendo com o “método” dele.

Então, é assim. Primeiro o animador do círculo sozinho, ou então acompanhado de algumas alunas e alunos, que Paulo preferia chamar alfabetizandas e alfabetizandos, escolhe alguma das palavras geradoras mais fáceis, mais simplezinhas, e começa a fazer desse jeito:

Primeiro ele escreve a palavra, com uma letra grande, muito boa, numa cartolina.

Vamos fazer isto com a palavra “TIJOLO”?

Então ela fica assim, no cartaz:

tijolo

Depois ele escreve, para mostrar para as pessoas no círculo, a palavra dividida nos fonemas dela, nas suas sílabas. Assim:

ti jo lo

Depois vem um momento importante. A palavra “TIJOLO”, dividida nas sílabas dela, vai virar a FICHA DE DESCOBERTA. Vejam como:

ta te ti to tu

ja je ji jo ju

la le li lo lu

a e i o u

Pronto, aí está a FICHA DE DESCOBERTA da palavra TIJOLO.

E porque é que ela se chama “de descoberta? Vamos ver quem descobre ...

É porque nesse jeito de aprender a ler-e-a-escrever criado pelo professor Paulo Freire, você não aprende a ler vendo e reconhecendo letras, sílabas e palavras que já chegam escritas numa cartilha. Prontinhas. Nada disso.

Você aqui não aprende repetindo: “b-a, ba”, “b-e, be” e por aí vai. Você aprende a ler descobrindo, “descobrimo palavras”, “descobrimo frases”, “descobrimo idéias”. Descobrimo junto com os outros como é que a nossa língua “pensa” e como é que se pensa com a nossa língua. Isso mesmo! E por aí se vai pouco a pouco descobrimo como as palavras são feitas de partes. E se vai aprendendo a criar de novo as palavras juntando os pedaços das suas partes. Fazendo isso a partir de fonemas, como o “ti” e também de letras, como o “o”.

Você aprende a ir reunindo de novo os fonemas e as letras que aparecem separados na “ficha de descoberta”. Daí é uma viagem só: vai viajando nas idéias, vai “assuntando”! o jeito das palavras na cabeça e depois na lousa (que também se chama “quadro-negro”) e vai juntando os “pedaços” e formando as palavras.

Pode ser uma pequenina, como TIO, formada quando a gente junta o fonema “ti” com a letra vogal “o”. Não é isso?

Ou pode ser uma palavra maior, mais completa, como “tela” formada quando a gente casa o “te” com o “la”. Ou “jiló”, que sai da soma do “ji” com o “lo”. E quem é que gosta de comer jiló? E ainda se pode escrever, vejam só: “tatu”, “loja”, “tato”, “tala”, “luta”.

Tem a história de um homem no Nordeste que olhou bem os fonemas da palavra ti-jo-lo, e juntou e formou a frase: “tu já lê”.

Vejam vocês que idéia: “Tu já lê!” Pode ser que a frase dele não esteja com a gramática muito certinha. Mas foi uma grande idéia. Não foi?

E tem palavras que a FICHA DE DESCOBERTA delas dá para formar outras palavras maiores ainda, juntando uma sílaba com a outra.

E uma das idéias mais bonitas no “método Paulo Freire”, é que ele não é uma coisa acabada, como se fosse um jeito pronto de aprender. Um desses “modelos” em que não se pode mexer de maneira nenhuma.

Nada disso. As pessoas que vão ensinar-e-aprender com ele, são convidadas a serem inventivas. A saberem criar, a saberem inventar algo novo, alguma coisa original, ao mesmo tempo em que elas aprendem. Elas podem lidar com o “método” como se ele fosse uma idéia que pode ser sempre melhorada.

Assim, em cada lugar as pessoas que vão ensinar-e-aprender a ler-e-escrever podem pensar como fazer para o Método Paulo Freire ser mais “do jeito da gente do lugar. Ser mais da maneira de se trabalhar e brincar e aprender com as palavras, dum jeito que seja o mais bem entendido pela gente do lugar. Da maneira de cada CULTURA, como também podemos dizer.

Agora nós vamos mostrar como é que o ensino com o “método” do Paulo Freire funciona mesmo, mostrando isso para vocês de uma forma mais completa.

Vejam só.

Vocês lembram que nós contamos antes como algumas professoras lá em Goiás criaram uma maneira de o trabalho com os alunos ficar mais do jeito das pessoas do campo lá na região delas?

Já na hora do CÍRCULO DE CULTURA o que era mostrado nas figuras tinha o tema de uma família de gente que vive e trabalha no campo. Como todo mundo lá, naquele tempo.

Aparecia nas figuras um casal: o marido se chamava Benedito e a mulher chamava Jovelina. Então os TEMAS GERADORES saíam também das conversas na roda de cultura sobre a vida daquele casal.

Onde eles viviam?

Como eles viviam?

Do quê eles viviam?

Como era a casa deles e o quintal?

Como eles trabalhavam?

Eles tinham filhos? Quantos?

Como era o nome deles?
Eles tinham “patrão” ou a terra era deles?

E tudo ia se pensando e tudo ia sendo conversado e imaginado.

E pensando sobre a vida de um casal que aparecia nas figuras do “círculo”, pouco a pouco as pessoas da “roda” iam pensando era sobre a vida delas mesmas. Pois ali era tudo gente trabalhadora de lavoura e de criação de gado.

Muito bem.

E quando chegava a hora de começar a “trabalhar com as palavras” a primeira figura que era mostrada era o rosto do BENEDITO, com o chapéu de palha na cabeça. Aparecia o rosto e logo debaixo o nome dele escrito: BENEDITO.

Então o “animador do círculo” ia dizendo que aquele era o mesmo Benedito de quem se falou antes, pensando a vida da gente do campo. E ele lia devagarzinho muitas vezes o nome dele, mostrando bem cada sílaba, cada fonema.

BE-NE-DI-TO BE-NE-DI-TO BE-NE-DI-TO BE-NE-DI-TO

E logo depois vinha o rosto da JOVELINA. Vinha o rosto bonito dela com um lenço colorido amarrado na cabeça. E era a mesma coisa com ela.

JO-VE-LI-NA JO-VE-LI-NA JO-VE-LI-NA JO-VE-LI-NA

Então, antes de aparecerem os nomes dos dois nas FICHAS DE DESCOBERTA, eles vinham escritos num cartaz, desse jeito, cada nome no seu:

BE – NE – DI – TO
be bi ba bo bu
ne ní na no nu
dí de da du do
to te ta tu ti

JO – VE – LI – NA
jo ju ja ji je
ve ví va vu vo
li le la lo lu
na ne na nu no

Daí o “animador do círculo de cultura” ia chamando a atenção de todos os alunos pros “pedaços” que formam a palavra BE NE DI TO e formam palavra JO VE LI NA.

Tudo no mundo não se divide nos seus pedaços, nas suas partes? Pois as palavras também. E ele repetia várias vezes, bem devagar, apontando cada fonema com o dedo, e mostrando as partes que formam cada nome ou cada palavra mostrada no cartaz.

E então era a hora de mostrar as “famílias dos fonemas”. Pois as sílabas das palavras também têm as suas famílias.

A família do BE: BE BI BA BO BU. E a família do NE? Pois é fácil: NE NI NA NU NO

E depois todos iam lendo juntos, acompanhando a mão do animador passando debaixo de cada sílaba. E assim ia.

Vocês sabem como é que o pessoal lá de Goiás chamava esses cartazes com as famílias dos fonemas? Chamavam de “letrume”. Isso mesmo: “letrume!”

E depois vinha a hora das fichas de descoberta. E do jeito como o pessoal lá de Goiás fazia, elas até podiam ser mostradas uma do lado da outra. E isso ajudava a formar palavras, criando cada uma com os fonemas e misturando os de uma com os da outras.

Era muito divertido e era muito criativo. As pessoas pensavam que estavam brincando com as palavras. Mas elas estavam descobrindo e aprendendo. Era assim:

ba be bi bo bu

ja je ji jo ju

na ne ni no nu

va ve vi vo vu

da de di do du

la le li lo lu

ta te ti to tu

na ne ni no nu

a e i o u

a e i o u

Vejam só quantas palavras a gente pode ir criando, quando vai juntando os fonemas e as letras das duas fichas de descoberta: a do BENEDITO e a da JOVELINA.

Do BENEDITO sai: BOTA, DADO, DEDO, DITO, NADA, NU, TATU, TODO, TUDO, TINA, BEBIDA, DANADA, BANANA, BOTINA, NÓDOA, BAÚ, DIANA, DOIDO, e quantas outras!

Um homem muito forte, negro, bonito e inteligente, que ia ao CÍRCULO DE CULTURA com um filho pequeno no colo, logo no primeiro dia em que lhe apresentaram a ficha de descoberta ME-NI-NO, ele levantou-se da cadeira e apontou na lousa duas sílabas, rindo muito, rindo alto, rindo de alegria: NINA, NINA, NINA....repetia. E foi logo respondendo a quem lhe perguntou o que tinha ocorrido com ele: “É o nome de minha mulher!” Isso foi lá no Centro do Poço da Panela. Lembram-se que já falamos desse lugar, da primeira experiência de Paulo?

Quem consegue juntar mais sílabas e formar mais palavras?

De JOVELINA sai: VIVA, VALE, JILÓ, JANELA, JAVALI, NOVO, VELA, VIAJA, VAI, VEIO, LUVA, ELA, OVO, UVA, LIANA, VIVEU, NEVAVA, LUA, VOVÔ, NELE ... e o que mais?

E juntando os fonemas e as letras das duas fichas de descoberta, vamos ver quantas palavras velhas e novas vocês conseguem formar. Uma delas pode ser de quatro sílabas: NOVIDADE. E lá vai outra: BANANADA. Já são palavras grandes, de quatro sílabas.

E imaginem que já dá até para formar frases inteiras; Querem ver.

BANANADA DO DITO NA JANELA

LIANA VIVEU NA LUA

VALE VIVER A VIDA!

JOVELINA VIAJA DE NOVO

BOTA O NOVO NA VIDA!

E assim vai. Todos os dias, quando as pessoas do “círculo de cultura” se reúnem para aprender a ler e a escrever palavras, aprendendo a ler e escrever o mundo, elas começam pensando um pouco sobre a vida delas, sobre o que aconteceu antes e sobre o que está acontecendo agora. Sobre como era antes a vida, como é hoje e como podia ser.

Quando o professor-animador (e ele tem que ser muito animado mesmo!) Escreve no quadro-negro ou então coloca na parede uma cartolina com uma nova PALAVRA GERADORA, uma nova PALAVRA SEMENTE, ele não vai logo fazendo a ficha de descoberta e ensinando a formar palavras não. Ele começa perguntando Pra todo mundo da “roda” o que é que elas pensam quando olham aquela palavra que ela acabou de mostrar e de dizer em voz bem alta. Em voz de alfabetizador animado, que é pra todo mundo ouvir bem.

A palavra ACAMPAMENTO, por exemplo. Quanta coisa se pode conversar olhando para ela!

E a palavra TRABALHO. Não é mesmo?

Foi até bom ter aparecido aqui a palavra TRABALHO. Sabem porque?

Porque ela tem duas sílabas um pouco mais difíceis que as sílabas da palavra semente: TIJOLO, ou a palavra BONECA. E porque? Quem sabe porque?

Porque elas têm mais de duas letras. Mais de uma-vogal-e-uma-consoante, como: TI JO LO. A palavra TRABALHO na ficha de descoberta vai ficar assim:

tra ba lha
tre be lhe
tri bi lhi
tr bo lho
tru bu lhu

Logo na primeira linha já tem uma palavra bonita formada: TRABALHA, TRA-BA-LHA.

E olhando para a ficha de descoberta, outras palavras podem ir sendo criadas. Vamos lá, nós começamos e vocês continuam: TRALHA, TRILHO, TRIBO, BULHA, BOLHA ...

Pronto. E segue o trabalho de aprender a ler-e-escrever. Pois todos os dias as pessoas do "círculo de cultura" vão aprendendo a formar novas palavras e frases. E, ao mesmo tempo, elas vão aprendendo a pensar novas idéias. Ou a pensar as velhas idéias com pensamentos novos.

Elas vão reconhecendo as letras, as sílabas e vão aprendendo a "desmontar" e a "remontar" palavras e até mesmo frases. E, conversando, conversando cada vez mais fundo os assuntos da vida de todos os dias, as mulheres e os homens vão aprendendo a "desmontar" e a "remontar" os seus pensamentos. Vão ficando mais críticos. Vão aprendendo a ler melhor as palavras... e o Mundo!

Juntando as sílabas das primeiras fichas de descoberta com as que vão aparecendo a cada dia, ficam muitos fonemas. Vão aparecendo muitas sílabas boas para se construir palavras juntando umas com as outras. Igual como aconteceu com as de BENEDITO e JOVELINA.

Aí já dá para formar:

FUI NA ROÇA
O DIA É CLARO
O TRABALHO É UM BEM
A TERRA DEVE SER DE TODOS
AS CRIANÇAS APRENDEM NA ESCOLA
O POVO VIVE E LUTA

E tantas e tantas frases mais.

Com o tempo as pessoas vão aprendendo a passar das palavras e das pequenas frases para as frases grandes e até mesmo para pensamentos bem completos. Elas começam a saber ler e escrever "períodos inteiros". E isso é uma maravilha! Tem gente dos círculos de cultura que dizia que era "como nascer outra vez!" E era.

Uma delas pode escrever assim:

**NUM DIA CLARO EU FUI NA ROÇA, VI O DITO NO TRABALHO. O
TRABALHO É UM BEM. DA TERRA E DO TRABALHO SAI A
LAVOURA E A VIDA. A TERRA É DE TODOS. PARA A TERRA SER
DE TODOS O POVO DAQUI VIVE E LUTA!**

Foi assim como um dia o professor Paulo Freire e a sua equipe de outros professores, lá no Nordeste criaram um jeito mais vivo e mais inventivo de se aprender a ler pensando, e de se escrever tendo idéias e dialogando elas com as outras pessoas.

E é assim que as pessoas grandes e as pessoas pequenas podem viver-e-aprender e podem aprender-a-saber.

Podem aprender isso num círculo onde todos são iguais e onde o que cada um sente, o que cada um pensa e o que cada um diz é sempre importante para todas as outras e para todos os outros. Aprender a ler e a pensar em uma “roda de conversa” onde todo mundo escuta todo mundo e fala para toda a gente em volta.

Onde o professor tanto ensina quanto aprende. Onde os alunos tanto aprendem quanto ensinam. Onde ninguém precisa ter medo do que vai falar, porque tudo o que cada pessoa tem pra dizer já é um saberzinho bom de se ouvir e de se aprender.

Uma roda de companheiros que fazem e comem juntos o “pão das palavras” e o “bolo das idéias”. E onde todos ensinam e todos aprendem com o que cada pessoa coloca dentro do círculo de todos. Um lugar assim foi sonhado pelo professor Paulo.

Quinto passo do caminho: do CÍRCULO para o MUNDO, da ESCOLA para a VIDA!

E assim o trabalho continua.

Logo nas primeiras vezes, lá no Nordeste, Paulo Freire e a equipe dele imaginaram uma maneira de ensinar pessoas adultas a aprenderem a ler-e-escrever. Pessoas do campo e da cidade que nunca puderam aprender a escrever-e-ler quando era crianças.

E eles sonharam fazer isto em um tipo bem diferente de ESCOLA. Ela não deveria ser mais aquele lugar com algumas salas-de-aulas onde a gente vai aprender a ler-escrever-e-contar. Onde a gente fica quieta, ouvindo e anotando, e enchendo a cabeça com uma porção de nomes e de números. Ela não é só isso. Ela deve ser diferente disso!

Ela devera ser um lugar onde as pessoas se reúnem para aprenderem a ser cada vez mais ELAS MESMAS, aprendendo a ler-escrever-e-contar e muitas outras coisas bonitas e gostosas de se saber!. É isso aí.

A gente SE EDUCA aprendendo cada vez mais essas quatro experiências tão importantes para toda a nossa vida e a vida de todas e de todos nós. Vamos lá! Vamos ver como são “as quatro coisas que se deve aprender”:

APRENDER A FAZER, APRENDER A CRIAR, APRENDER A CONTRUIR COM OS OUTROS.

É isso aí, gente!

Aprender a criar, a saber fazer alguma coisa boa e útil para nós e para todos. Aprender um ofício, ou aprender o que é preciso para mais na frente se aprender um ofício.

Aprender a estar junto com as outras pessoas – os companheiros e as companheiras – e saber semear uma roça de milho, e saber cuidar de uma terra, e saber construir uma casa, e saber inventar uma cidade, e saber ensinar os outros, aprendendo com eles.

Aprender aquilo que vocês já viram antes: aprender a construir do MUNDO DA NATUREZA, o nosso MUNDO DE CULTURA. Mas sabendo lidar com a NATUREZA com todo o carinho, com todo o respeito. Sabendo que ela é e deve continuar sendo sempre a nossa grande CASA COMUM. O LAR DE TODOS NÓS!

APRENDER A APRENDER, APRENDER A CRIAR OS SEUS PRÓPRIOS CONHECIMENTOS.

É isso mesmo! Aprender a aprender, ao invés de amontoar na cabeça conhecimentos já prontos.

Pois na cabeça do professor Paulo e na nossa cabeça também, o motivo da educação, na escola ou fora dela, não é ir enchendo a nossa cabeça de idéias prontas. Não é fazer as alunas e os alunos irem empilhando na cabeça um mundão de coisas prontas, como se a gente fosse só um “depósito de pensamentos”.

Nada disso!

O importante é saber APRENDER A APRENDER. É saber ouvir os outros, a começar pela professora e todos os companheiros e todas as companheiras, para ir aprendendo a criar os nossos próprios pensamentos. A construir as nossas idéias. A saber ler nos livros e nas revistas, saber conversar com as outras pessoas, saber assistir a televisão pensando por nossa conta. Sabendo o que a gente sente, o que a gente pensa, aquilo em que a gente crê.

E, assim, aprender a construir nossos conhecimentos. Aprender a arar a terra da nossa inteligência múltipla, a semear com cuidado as sementes das palavras e das idéias, a tratar bem da plantação do nosso conhecimento. A saber colher com cuidado e a viver com sabedoria o que a gente aprendeu semeando e colhendo, com a gente mesmo e entre as outras pessoas da nossa vida.

O saber é sem fim! Vocês se lembram dessa frase?

Pois bem, aprender é grande aventura da vida de todos nós. Desde muito pequeninos estamos sempre aprendendo. E podemos seguir aprendendo coisas e idéias novas durante a vida inteira. Estudar e aprender é para isto!

APRENDER A CONVIVER, APRENDER A PARTILHAR, APRENDER A VIVER COM OU OUTROS

Ah! Aprender a conviver em paz e amor com as outras pessoas!

Aprender a partilhar a vida e partilhar tudo o mais!

Aprender a ser participante de todas as coisas boas e importantes da vida de todos os dias, aqui no lugar onde cada um de nós vive. E também dentro de todo o Mundo onde nós vivemos juntos.

Paulo Freire falava muito em “educar a consciência”, em “educar para a liberdade”, em “educar para a participação”, em “educar a pessoa cidadã”. Todas essas frase querem dizer: “que a gente aprenda a aprender-e-ensinar uns aos outros tudo o que é preciso para sabermos e querermos criar a PAZ. Para querermos e sabermos pensar juntos como está o nosso Mundo e como podemos transformar este mundo em um lugar de:

LIBERDADE

JUSTIÇA

SOLIDARIEDADE

IGUALDADE

HARMONIA

AMOR

PAZ

e FELICIDADE!

Vejam vocês quantas outras PALAVRAS SEMENTE!

APRENDER A SER, APRENDER A SER VOCÊ MESMO

É isso aí! E esse “aprender” resume os outros três de antes.

Aprender a ser. Aprender a pensar lá fundo, cada vez mais, quem sou eu? Como eu sou? Como eu posso fazer para ser mais ainda tudo o que pode haver de bom em mim? Quem é o meu outro? Meu irmão, meu companheiro? Minha irmã, minha companheira?

Aprender a crescer de verdade, de dentro para fora. Aprender a ir virando “gente grande” sem esquecer tudo o que existe de bom na criança que sempre a gente continua sendo pela vida afora.

No fim das contas: aprender o amor; Aprender a amar.

Eis a idéia e a proposta que deixou para todas nós e para todos nós o professor Paulo.

Ele que depois de haver feito tanta coisa boa disse, vocês se lembram? Que ele gostaria de ser lembrado como uma pessoa que amou muito as outras pessoas. E amou o Mundo e a água, e as plantas os bichos. E amor a vida que existe em tudo e em todos nós!

Pronto!
Acabamos de contar pra vocês um pouquinho da vida do professor Paulo Freire.
E mostramos um pouquinho do trabalho que ele fez quando criou um jeito bonito e feliz de as pessoas grandes e as crianças aprenderem a ler. A ler “palavras” e a ler “o mundo e a vida”.
Vocês gostaram?
O professor Paulo era um homem de escrever muito. Ele deixou muitos livros escritos sobre a educação e a felicidade de todas as pessoas do Mundo.
E, vejam só, uma vez ele escreveu uma poesia.
Dessa poesia vamos escrever aqui um pedacinho. Ele escreveu esse poema pensando na “gente grande” que ia ler. Será que vai ser difícil entender o que ele quis dizer?
E, quem sabe? Alguém de vocês acaba este livro escrevendo também uma bonita poesia para o professor Paulo Freire.
Lá vai:

Canção Óbvia

Escolhi a sombra desta árvore para
Repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com homens
com mulheres e crianças
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais;
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
(.....)
Estarei esperando a tua chegada
Como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

E aqui está o recado que a Nita Freire deixou para nós.

Gente, sou eu, Nita, de novo falando com vocês. Na verdade escrevendo, mas “escrevendo” é o mesmo que falando para quem está lendo, não é mesmo?
Esta poesia tão linda de Paulo está em um livro dele, a **pedagogia da indignação**, na página 5. Foi um livro do Paulo que eu organizei quando ele já não estava mais aqui entre nós.
É uma poesia linda! Linda mesmo, não é?
E vejam mais uma coisa: as cores das estrofes da poesia, que ele escreveu em Genebra, em 1971, vão mudando! Ele fez assim, exatamente nessas cores que vocês estão vendo

4

e lendo! Fazer seus textos assim, bem caprichados e bonitos de se ver era o jeito de Paulo escrever, um dos seus lados criança. Mesmo quando escrevia livro para gente grande ia separando partes dele com letras das cores que ele gostava ou entendia que era boa para aquilo que ele estava dizendo! Quando a gente é pequena gosta do colorido...faz escritos com as cores que a gente gosta! O lado criança que nunca morreu em Paulo era assim!

Por isso a poesia do Paulo foi escrita aqui da mesma maneira deixasse igualzinha a como Paulo fez nos manuscritos, e com as cores dela. Manuscritos? Isto significa "escrito com as próprias mãos" Ele defendia o uso do computador na escola, mas nunca sequer tentou datilografar ou digitar um texto seu, preferia escrever com a própria mão!

Se o Carlos fosse escrever esta poesia uma parte dela ficaria assim:

Esperarei por ti como o jardineiro
meu corpo será queimado pelo sol
meus olhos verão o que nunca tinham visto
meus ouvidos escutarão ruídos nunca antes
despercebidos
na difusa sonoridade de cada dia.

Bom, agora eu pergunto. E se vocês fossem escrever uma poesia parecida com esta. Como é que ela ficaria? Quem é que tem coragem de tentar?

Três (ou 3, ou terceiro)

BRINCANDO E JOGANDO, PARTILHANDO E CRIANDO COM PALAVRAS E COM IDÉIAS

Primeiro jogo

O JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE

Brincando se aprende tanta coisa! Brincando se aprende também a saber, a compreender, a entender das coisas que não se sabia, não se entendia, não se compreendia.

E estudando também se pode até brincar. Não é assim?

Vamos pensar em um fazer-e-criar. Vamos jogar juntos um jogo que o professor Paulo Freire não inventou. Mas um jogo que a gente pode inventar pensando nele e nas palavras dele.

Esse jogo pode ser brincado de duas maneiras:

Primeira maneira: com professora brincando nele.

Se vocês acharem difícil aprender a jogar, convidem as professoras e os professores a virem jogar também. Mas digam para eles que "na roda do círculo de cultura do jogo" todo mundo é igual. E todo mundo, sendo assim, é aluno-e-professor e é professor-e-aluno. Assim, todo mundo neste jogo ensina aprendendo e aprende ensinando.

Segunda maneira: sem professora brincando nele.

Se vocês acharem que dá para aprender o jogo e dá pra jogar sem precisar da ajuda de professoras, então toquem em frente. Quando vocês tiverem aprendido bem, chamem os professores e ensinem a eles. Professora boa é quem gosta de estar sempre aprendendo.

Então, vamos lá! Vamos juntos?

Esse é o **JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE**.

E ele se divide em quatro partes:

começa assim

vai indo assim

continua assim

acaba assim.

Então, todo mundo pronto? Lá vai a primeira parte!

começa assim

Começa com uma coisa que vocês já sabem. Se não estão sabendo, voltem algumas páginas atrás e aprendam de novo. Para aprender todo o tempo é bom.

Pois o jogo começa com a procura das PALAVRAS SEMENTES.

Se vocês fizeram antes aquela parte da: **procura das palavras geradoras**, vejam agora se vocês conseguiram reunir umas 20 palavras.

Não é tão difícil! Basta sair conversando com as amiguinhas e os amiguinhos, então, ir escrevendo em uma folha de papel as palavras que apareceram mais vezes. Ou também as palavras mais bonitas. As palavras que vocês juntos acham as mais interessantes. As palavras que os meninos e as meninas gostam de falar mais aí onde vocês vivem.

Isso quer dizer o seguinte: conversem muito e escrevam nas folhas de papel as palavras que “falam” as coisas da vida das crianças do lugar onde vocês vivem. As palavras da “cultura da vida das crianças do lugar”.

Vamos imaginar que um grupo de meninos e de meninas de um assentamento em Goiás fez a “pesquisa do universo vocabular das crianças daqui”.

Vamos imaginar que as palavras anotadas foram estas:

ABACATE
ACAMPAMENTO
ALEGRIA
AMIGO
BICICLETA
BOLA
BONECA
BRINQUEDO
CADERNO
CASA
CAMPO
CAMINHO
COMIDA
CRIANÇA
DIVERTIDO
DIFERENTE
ESCOLA

ESTRADA
FAMÍLIA
FUTEBOL
GRAMADO
HORTALIÇA
INVENÇÃO
INVENTAR
JOGAR
LAVOURA
MÃE
MARAVILHA
MENINA
NATAÇÃO
NADA
ORAÇÃO
PAULADA
PROFESSORA
QUEBRADO
RECREIO
RISADA
RISONHO
ROÇADO
SAÚDE
SOFRIMENTO
SAÚDE
SOZINHO
TELHADO
TRABALHO
URUBU
VACA
VIDA
XADREZ
VÓVÓ
VIZINHO
ZEBRA

Deu muita palavra, não é mesmo? Então vocês escolheram 20 “palavras semente das crianças aqui deste lugar”. Escolheram 20 palavras de todas as que elas procuraram. Que elas “levantaram”.

*Mas, quando vocês forem escolher as suas **palavras semente**, podem ficar mais de 20, se as pessoas que forem brincar forem mais de 5 pessoas. Porque o bom é que depois cada criança fique com quatro palavras. 4×5 dá 20, não é? Mas se forem muitas e cada uma ficar só com 3 ou com 2, não faz mal. Podem ficar mais palavras, se quem for brincar com o jogo foi mais de cinco meninas e meninos. Se forem muitas, é só “dar uma olhada” nelas e imaginar quais as que servem para formar mais palavras com as fichas de descoberta.*

Bom, quando a lista das palavras semente ficar pronta, vocês vão fazer umas fichinhas de papel, mais ou menos do tamanho de uma carta de baralho. Isso pode ser feito cortando uma folha de papel branco. Mas pode ser recortando também de uma cartolina.

Em cada ficha vocês vão escrever o nome de uma palavra semente. Bem claro e com letra bem boa. Cada ficha então vai ficar mais ou menos assim:

MENINO

Pronto. Se forem 20 palavras vão ser 20 fichas. Vinte palavras = vinte fichas. Ora bolas!
E aqui termina o: **começa assim.**

vai indo assim

Agora o nosso **JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE...** vai indo assim.

Todas as pessoas que vão participar devem estar com uma folha de caderno, ou uma folha dessas de “papel almaço”. Se tiver professora no meio, dêem uma folha para ela também. E agora, todo mundo com muitas idéias na cabeça e um lápis ou uma caneta na mão. Além da professora, se alguma outra “gente grande” quiser entrar no jogo, deixem ela participar. Gente grande também pensa, só que às vezes pensa demais. Eles também têm idéias e de vez em quando até se lembram de brincar.

Bom. Agora as FICHAS DAS PALAVRAS SEMENTE que foram escritas com palavras devem ser viradas de cabeça para baixo. E devem ser bem embaralhadas. Foram?

Então está na hora de colocar todas elas num montinho só, de cabeça para baixo ainda. Certo?

Agora uma de cada vez, todas as pessoas do jogo vão tirando uma ficha do monte. Não precisa esconder. Se quiser pode até mostrar as suas fichas com palavras para as outras pessoas. Sabem de uma coisa? Antes de passar para o outro momento do jogo, se alguém quiser pode até trocar uma ficha-de-palavra-semente como um outro participante do jogo. Só não pode se arrepender depois.

Pronto? Lá vai! Se forem 5 pessoas no jogo, cada uma ficou com 4 fichas. Já vimos isso, não é mesmo?

E agora?

Bem, agora vem uma hora muito interessante.

Cada uma usando o lápis na mão e as folhas de papel na sua frente, vai criar a FICHA DE DESCOBERTA, como diria o professor Paulo. Mas aqui no nosso jogo vamos chamar essas fichas de: FICHA DE JARDINEIRO. Porque é com ela que iremos **semear palavras** e criar frases. E também para ficar como no final da poesia do Paulo. Cada participante do JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE vai criar as suas FICHAS DE JARDINEIRO de cada palavra que tirou do monte ou que trocou com alguém.

Por exemplo, se alguém ficou com as palavras: ACAMPAMENTO, BICICLETA, CASA e MARAVILHA, vai fazer as suas FICHAS DE JARDINEIRA assim.

a cam pa man ta

ba ca cla ta

e cem pe men te

be ce cle te

i cim pi min ti

bi ci cli ti

o com po mon to

bo co clo to

u cum pu mun tu

bu cu clu tu

a e i o u

a e i u

ca sa	ma ra va lha
ce se	me re ve lhe
ci si	mi ri vi lhi
co so	mo ro vo lho
cu su	um ru vu lhu
a e	a e i o

Quando todo mundo do jogo tiver feito as suas FICHAS DE JARDINEIRA, numa boa, uns podem mostrar para os outros. Se tiver uma criança menor que não saiba fazer bem, pode pedir a uma companheira do jogo pra ajudar, Ou até mesmo pode pedir a uma professora.

Bom, está todo mundo com as suas PALAVRAS SEMENTE e com as suas FICHAS DE JARDINEIRA prontas? Então podemos começar a outra parte.

E então aqui acaba a parte do jogo chamada: **vai indo assim.**

E começa a parte mais interessante

E ela se chama:

continua assim

Essa é mesmo a parte mais demorada e mais divertida. E é porque ela é a mais criativa. E criar é a brincadeira melhor da vida da gente!

Pois agora é a hora de cada participante do jogo ir formando quantas palavras puder, E como é que vai ser isso? Muito fácil. Vai ser do mesmo jeito como se fazia nos CIRCULOS DE CULTURA lá do MÉTODO PAULO FREIRE.

Cada criança vai formando palavras com as SEMENTES das suas fichas. Que sementes? Ora, as sílabas das palavras. As sílabas em A, em E, em I, em O e em U. E também as letras sozinhas. As vogais: A E I O U. Se alguém quiser formar uma palavra no plural, pode inventar um S, escrevendo no final da sua palavra. Assim MENINO pode virar MENINOS. E se alguém quiser inventar um verbo, como as sílabas não têm um R no final, pode inventar esse R. Então RODA pode virar RODAR.

E tem mais uma coisa. Se alguém quiser criar uma palavra que os outros acharem que não existe, também pode. Pode mesmo, desde que depois ele explique para todas as outras pessoas do jogo como é ela e o que é que ela quer dizer. Por exemplo, da palavra PALAVRA eu posso resolver inventar o verbo PALAVRAR. Ele não existe no dicionário, No dicionário existe APALAVRAR, mas não existe PALAVRAR. Mas se eu inventar esta palavra e ela ficar bonita e eu explicar pros outros o que ela quer dizer, tudo bem.

Professor tem mania de implicar com palavra que não existe. Com palavra que eles acham que a gente fala errado. Mas nesse jogo, digam para os professores que todo mundo pode inventar o que quiser. Pode, desde que fique bonito e inteligente.

PAULO Freire era até capaz de gostar da idéia. Vocês se lembram de quando ele era pequeno e inventou com a professora dele a palavra: PALAVRAMUNDO?

Pois bem, quem sabe a gente inventa a palavra PRIMAVERANDO? Ou a palavra MENINOVIDA? Ou mesmo a frase: ESTÁ PRIMAVERANDO NA PALAVRA MUNDO DO MENINOVIDA?

Vamos lá! É olhar para as sílabas de cada FICHA DE JARDINEIRO e ir formando palavras. O tamanho delas nem importa. Pode ser palavra de duas letras, como "SÓ". Pode ser palavra de duas

silabas, como “PLANTA”. Pode ser palavra de três fonemas, como “SEMENTE”. E pode ser até palavra de mais de três ou quatro silabas, como “PAPELADA”, “ESCONDERIJO”. “BRINCADEJANDO”

Vamos lá, pessoal!

Comecem formando palavras com os fonemas de cada ficha.

Depois podem ir misturando silabas ou fonemas de uma ficha com as das outras. Quanto mais palavras vocês forem criando, tanto melhor.

Assim, vejam só, da palavra A-CAM-PA-MEN-TO podem ir saindo essas palavras:

CAMPO, MANTA, EPA!, MENTE, COMENTO, MINTO, MONTE, TIPO, PATO, PATOTA, TOPO, TUCUM... e quantas mais?

E da pequenina palavra CASA?

Sai CASE, SECA, COSE, SUCO... e quais outras?

E misturando sílabas e letras de uma ficha e de outras, quantas palavras vocês seriam capazes de formar?

Então, embaixo de cada FICHA DE JARDINEIRA, cada um de vocês vai escrevendo com letra bem boa as palavras que for descobrindo juntando as sementes das outras. As palavras que lembra ou que você inventa, quando junta as partes das palavras semente.

E se vocês forem pensar muito, e olharem com cuidado os pedaços-semente das palavras das FICHAS DE JARDINEIRA, vocês vão ser capazes de formar até FRASES. Isso mesmo, do mesmo jeito como lá nos “círculos de cultura”.

O MENINO SEMEIA PALAVRAS!

A MENINA BRINCA DE BONECA

O ACAMPAMENTO FAZ FESTA EM JANEIRO

A TERRA DEVE SER DAS PESSOAS QUE PLANTAM COM AS MÃOS

E por aí vai.

E vocês lembram? Quem tiver coragem pode até inventar a sua frase com palavras que existem no “meu dicionário”, mesmo que não existam ainda na “nossa língua”.

Por exemplo:

TÁ CHUVENDANDO NA LAVOUREIRA DO ASSUNTAMENTO!

E agora vem uma coisa muito importante! Ela é a coisa mais importante nesse jogo. Sabem o que é?

É que esse jogo não é feito para ninguém ganhar de ninguém.

Ele é um jogo imaginado para cada um ajudar o outro a todos ganharem juntos!

Isso mesmo. No primeiro momento parece que cada um está jogando pra ganhar dos outros. E porque?

Porque para cada palavra que alguém formar, ganha um ponto.

E para cada frase que conseguir criar, ganha tantos pontos quantas palavras ela tiver. Se tiver 3 palavras, ganha 3 pontos. Se tiver 4 palavras, ganha 4 pontos, e assim por diante.

E cada um vai somando os pontos que for ganhando.

Mas aí vem a hora de todo mundo esquecer quantos pontos cada um ganhou. Até mesmo os professores do jogo vão esquecer. Vão mesmo!

Pois o que vale no JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE é quantas palavras no final todos juntos vão conseguirem formar com os pedaços-semente das palavras geradoras. Das PALAVRAS SEMENTE.

Isso é o que se chama: “um trabalho de equipe”.

Bom trabalho e boa sorte, equipe de companheiras e companheiros de equipe!

Que vocês saibam semear o trigo das palavras juntos.

Preparar a terra das idéias juntos.

Semear as sementes de palavras de pensamentos junto.

Cuidar da lavoura do aprender a saber juntos.

Colher as espigas do trigo do saber junto.
Fazer o pão das idéias e dos sentimentos juntos.
E comer do pão da amizade juntos, como companheiros.

Bom, quando vocês tiverem formado as palavras escritas nas suas folhas, podem trocar de folha com alguém ao lado, ou em outro lugar da “roda do jogo das palavras semente”.

Então cada criança pode ver se ainda dá para formar novas palavras nas folhas com as FICHAS DE JARDINEIRA da folha de alguém do jogo que passou para ela.

E quando vocês tiverem criado muitas e muitas palavras e algumas frases, então acaba a parte do nosso jogo chamada: **continua assim**.

E aí vem a última parte.

acaba assim

E o JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE acaba assim.

Todos os participantes vão enfrentar um desafio bem mais difícil, Mas bem mais divertido também, porque ele é ainda mais criativo. Sabem o que é?

É juntar todas as palavras “descobertas”, “criadas” e “inventadas” por cada uma de vocês e por todo mundo, até aqui, e então construir alguma coisa com elas.

Mas “construir” o quê?

Ora, qualquer coisa maior e mais criativa do que uma boa e longa frase.

Será que dá?

Claro!

Por exemplo: uma poesia ou uma estória com as palavras que formaram antes.

Vamos ver como é que isso pode acontecer.

Cada uma de vocês e cada um de vocês formou as suas palavras com as sílabas das suas palavras semente. Não foi assim?

Cada um de vocês foi formando palavras, formando frase, e contando quantos pontos foi ganhando, não é mesmo?

Depois, cada um de vocês, cada uma de vocês esqueceu esses pontos e ajudou as outras pessoas do jogo a formarem mais palavras ainda, trocando as folhas uns com os outros, Ou nem foi preciso fazer isso?

Bom, então cada pessoa do jogo tem uma porção de palavras já formadas. Quantas elas são? E todas juntas têm muito mais palavras e frases ainda, Certo?

Se vocês já aprenderam na escola e já sabem separar os tipos de palavras segundo as suas famílias na nossa língua, então podem ir juntando todas as palavras e depois ir distribuindo:

Primeiro os **substantivos**, como: mesa, cadeira, menino, lavoura, casa, e reforma agrária.

Depois os **adjetivos**, como: grande, baixa, estudioso, verde, bonita, justa, solidária, verdadeira, amiga.

Depois os **verbos**, como: amar, criar, brincar, crescer, fazer, ocupar, plantar, resistir colher, gostar.

Depois de tudo vocês podem juntar as palavras de outros tipos, chamadas **pronomes, advérbios, conjunções e preposições e interjeições**:

Por exemplo: eu, meu, sua, nosso, deles, nós, eles, antes, depois, com, para, e, mas, longamente, através, oba! Epa! ... e assim por diante.

Fizeram isso? Como é que pode ser feito? Um jeito de fazer é assim: numa folha nova de papel vocês vão escrevendo em colunas as palavras que todas e todos criaram, umas em baixo das outras:

substantivos	adjetivos	verbos	os outros tipos
acampamento	feliz	ocupar	com
casa	fértil	semear	livremente
futebol	trabalhador	soletrando	através
lavoura	colorida	criamos	depois
menina	azul	esperei	oba!
trabalho	solidário	produzirá	muito

*Uma lista assim só com as palavras que vocês criaram.
Se for difícil fazer estas COLUNAS DAS FAMÍLIAS, não é preciso.*

*E agora vem o mais momento mais criativo.
É a hora de pensar uma poesia, um conto, uma história, ou seja lá o que for.
Então? Podemos começar?*

É a hora de ir juntando as palavras que vocês criaram, escrevendo numa folha de papel, ou numa cartolina, com uma letra grande e bem clara. Se para completar uma frase faltar uma palavra que não tem na lista de todas as que vocês formaram, ou nas COLUNAS DAS FAMÍLIAS, não faz mal. Escrevam essa palavra nova com uma cor diferente. Por exemplo, se vocês estiverem escrevendo a poesia ou a história com lápis preto, escrevam esta palavra “emprestada” com um lápis vermelho.

*O que vocês vão criar agora pode ser uma poesia.
Ela pode ser bem simplezinha. Por exemplo:*

A casa de Zeca é azul.
Tem parede, porta e janela.
Ela fica na cidade
De Cachoeira do Sul.
Zeca gosta muito dela
E cuida do jardim da casa
Com cuidado e com vontade!

*Vamos lembrar de uma poesia de um livro que também foi escrito para crianças. Ele se chama: **SEMENTE**. Então, vejam uma poesia bem simples dele. E será que vocês são capazes de escrever juntos uma poesia meio parecida com ela.*

Num lugar
Bem profundo
A semente
Guarda isto:
um mundo.

A semente
Escondida
Esconde um ser
Pequenino:
A vida.

Você já pensou
(e pensou por quê?)
Que uma semente
Algum dia

já foi ... você?

Vejam. Ela foi escrita com palavras que não saíram todas das FICHAS DE JARDINEIRO ou de JARDINEIRA, das PALAVRAS SEMENTE criadas e imaginadas para o nosso jogo. Mas vejam como todas elas são palavras simples. Nenhum delas é uma palavra dessas como: “prolegômeno”, “sustentabilidade” “intangível”, “abstrato”, ou “anticonstitucional”.

O que pode ser escrito nessa parte final do jogo, com a participação de todos e das palavras de todos, pode ser também uma pequena estória.

Ela podia começar assim.

Um dia de sol muito quente o Pedro passou na casa do Zeca e disse para ele: “Zeca, está um dia tão quente! Vamos tomar um banho lá no poço do riacho?”.

E o Zeca disse: “Vamos, Pedro! Eu estava ajudando o meu pai, mas já acabei”.

E lá se foram os dois amigos...

Vocês podem até criar uma estória maior e mais completa do que esta, não é mesmo? Palavras, frase e idéias vocês vão Ter à vontade. Pois além das que vocês formaram na outra parte do nosso jogo, vocês podem “trazer novas palavras” para completar uma frase, quando for preciso.

E o jogo pode acabar com vocês juntos escrevendo uma idéia, uma idéia, ou uma proposta de vida para vocês e para todos os outros amigos do lugar onde vocês vivem, na cidade ou no campo.

Por exemplo, vejam o que podem escrever meninas e meninos que moram em uma comunidade rural:

A nossa vida aqui na comunidade onde nós moramos é feita por todas nós e por todos nós. Somos nós que fazemos cada dia dela, cada momento, cada pedacinho de cada dia, de cada semana, de cada mês e de cada ano.

Se a vida aqui vai ser boa ou não vai, depende de todos nós. Depende do que a gente sonhar, do que a gente pensar e do que a gente fizer, todos juntos.

Se nós queremos aprender a conviver com amizade e com solidariedade, isso também depende de todos nós: das mulheres e dos homens, da gente grande e das meninas e dos meninos também.

Ela é como uma roça de milho plantada com as mãos de bastante gente

Cada um faz a sua parte. E depois todos colhem juntos os frutos da terra que todos ajudaram a semear e a cuidar.

Assim deve ser a vida aqui onde nós vivemos.

Quando vocês tiverem conseguido escrever uma poesia, uma estória ou uma proposta com as palavras e as frases do JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE, escrevam em uma cartolina, bem bonita, Podem também fazer uns desenhos. Sejam criativos.

Se tiver muita gente jogando, fica difícil escrever alguma coisa juntos, com 8 ou 10 pessoas. Então vocês podem dividir a equipe em duas ou três. Cada uma fica com menos gente e fica mais fácil.

Quando cada equipe acabar de escrever a sua POESIA, a sua ESTÓRIA, ou o seu PENSAMENTO, ela escreve bonito em uma folha de cartolina, desenha, decora tudo bem bonito e mostra para as pessoas das outras equipes. Pode mostrar também para os professores e outras “gentes grandes”.

E essa história, acaba?

Segundo jogo

QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?

Muito bem. Todo mundo sabe quem é. Ou pelo menos pensa que sabe. Sabe mesmo? Ou pelo menos deveria saber. Só que do mesmo jeito como cada um é uma pessoa parecida com outras mas sendo única, original, diferente de todas, assim também cada um sente e pensa quem é de um jeito que pode ser semelhante ao das outras pessoas, mas que será sempre diferente, pessoal, original. Não é mesmo? Somos iguais. Somos diferentes.

E este é um jogo de pensar juntos quem somos nós em nossas diferenças: quem sou eu? Como eu sou? Quem sou, quem somos, quando entre três irmãos, quando entre um grupo de amigos, quando em minha turma da escola, quando no meu time de futebol, quando estou neste ou naquele lugar, vivendo isto ou aquilo com esta ou aquela “gente”? Quem sou eu? Quem somos nós?

Como o JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE e como o jogo que vem aí, depois deste, este segundo jogo é também um jogo **com** palavras. Um jogo **de** palavras. A gente joga com o que pensa e pensa com o que lê. Vamos lá?

Primeiro momento: construindo o jogo, todos juntos

Este momento do jogo é muito fácil e nem demora muito. Vocês conhecem bem as cartas de um baralho, não? Pois bem, agora é só pegar umas cartolinas e começar a cortar **fichas** do mesmo tamanho das cartas de um baralho, ou mesmo um pouco menores. Elas devem ser fichas para cada pessoa que vai jogar. E podem jogar de duas pessoas (mas não é uma boa) até dez ou mesmo doze pessoas (mas aí demora um pouco mais e logo vira um jogo de paciência também, o que não é uma má idéia).

Se forem quatro pessoas jogando, serão quarenta fichas. Se forem seis pessoas no jogo, serão 60 fichas. Bom, e assim por diante.

Muito bem. Todas as fichas foram recortadas e agora formam um monte único de fichas de cartolina em branco. E agora vem um momento importante. Ele é assim: cada pessoa toma 10 fichas do monte. Cada um pode ir para um canto sossegado e então vai escrever em cada ficha uma palavra só, como: PENSATIVO, ou como: BRINCALHÃO, ou algumas palavras, como: AMIGO DOS BICHOS, ou: CHEIO DE SONHOS. São palavras ou grupos pequenos de palavras que cada um acha que “tem a ver comigo”, “diz quem eu sou”, “é o meu jeito de ser”, “faz parte da minha maneira de ser”, “é a minha cara”, “é como eu sou”, “é uma característica de minha identidade”.

Já que cada um vai escolher palavras que compõem o “retrato de quem eu sou”, elas podem ser as mais livres possíveis. Assim, alguém que nasceu em Pernambuco, como o Paulo Freire, pode escrever em uma das fichas: PERNAMBUCANO. Quem gosta muito de comer pode escrever: COMILÃO. Quem gosta de estudar e estuda muito: ESTUDIOSO. Quem acha que é uma pessoa transparente, confiável pode escrever: SINCERO. Quem acha que tem muito medo pode escrever: MEDROSO, mas também pode escrever: CUIDADOSO COM A VIDA. Quem acha que anda de bem com a vida pode escrever: FELIZ, ou DE BEM COM A VIDA. Quem gosta muito de ler pode escrever: LEITOR, ou AMANTE DOS LIVROS, assim como quem não sai da frente da tela do computador pode escrever: INTERNAUTA. E assim por diante: CORINTIANO, ALTO E MAGRO, DESCONFIADO, CONFIANTE, CRISTÃO, BUDISTA, PENSADOR, BOM DE BOLA, TRANQUILO, PACIFISTA. Por favor, escrevam com a melhor letra possível, pois todos os outros têm que ler e entender o que está escrito.

Cada ficha poderia ficar mais ou menos assim:

E quando todos tiverem acabado de escrever em 10 fichas as palavras que de uma maneira ou de outra fazem parte do seu “retrato falado” (ou “escrito”), acaba o primeiro momento do jogo. E começa então o:

Segundo momento: construindo quem eu sou

*E este segundo momento já começa com um desafio. E qual é ele? É o seguinte. Cada um dos participantes do jogo vai ter que escolher, das dez fichas onde escreveu o que compõe a sua identidade, a sua maneira de ser, o seu jeito de viver, apenas cinco. Isto mesmo. Das minhas dez características escritas, quais são as cinco que são “mais quem eu sou” e quais as cinco que são “menos”? Então cada um vai guardar na mão, como se fosse um jogo de baralho, as “cinco mais” e vai colocar num monte comum, colocado no meio da roda dos jogadores, as “cinco menos”. Então, vamos lá: se forem 6 jogadores, vão ficar 30 fichas escritas (e viradas de cabeça pra baixo) no “monte comum” e 30 nas mãos dos jogadores, cinco com cada um. Então já deu pra sentir que a metade das fichas com as palavras que “dizem-quem-é-você” está em sua mão, e a outra metade está no monte onde estão também as metades das fichas-com-palavras dos outros participantes do jogo: **QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?***

Agora é quando começa mesmo o jogo do jogo.

Começando por qualquer um, cada participante tira do monte uma ficha. Cada um na sua vez, é claro. Ele tira a ficha do monte, olha e vê se ela por acaso é uma das 5 fichas que ele mesmo escreveu e colocou no monte de todos. Se for, muito bem. Ele recuperou uma das suas palavras-quem-sou-eu. E se ele tirou uma ficha escrita por um outro participante? Tudo bem. Ele vai ler com atenção a palavra ou as palavras escritas ali e vai sentir e pensar se ela também não poderia corresponder “numa boa”, a uma característica da sua personalidade. Se corresponder, ele guarda aquela ficha. Mas tem um problema. Ele vai ter que devolver ao monte uma outra. Será que aquela que foi escrita por uma outra pessoa corresponde melhor a ele do que a que ele mesmo escreveu? Pode bem acontecer, não?

Se não corresponder, então é fácil: ele pode fazer duas coisas.

- 1) Ele pode simplesmente devolver a ficha, colocando ela virada para cima, de modo que todos possam ver qual é;*
- 2) Ele pode mostrá-la a um outro participante, se ele achar que a palavra escrita nela tem algo a ver com ele, com a sua maneira de ser, com o seu jeito de ser.*

Se o jogador a quem a palavra foi apresentada achar mesmo que “tem tudo a ver comigo”, ele pode ficar com ela e, da mesma maneira, devolver ao monte das cartas abertas qualquer uma das suas fichas-palavras. Então, quando chegar a vez dele naquela rodada, ele não joga, pois ele já jogou antecipadamente.

Quando o segundo participante da rodada for jogar, ele agora tem duas escolhas. E vai ser assim daí em diante. Ele pode pegar uma carta do primeiro monte, o “de cabeça pra baixo” e esperar que saia uma ficha-palavra dele mesmo, ou uma escrita por outra pessoa, mas cujo “adjetivo” sirva numa boa para ele também. Ou ele pode escolher uma das cartas do segundo monte, o “de cabeça pra cima”.

E assim o jogo vai indo. Cada participante procura ir completando o desenho de “quem-sou-eu”, recuperando as suas próprias fichas-palavras, ou aceitando fichas-palavras de outros jogadores, mas que de repente ele descobre que servem para ele também. Dizem também quem ele é. As rodadas vão seguindo. Cada um escolhe uma carta dos dois montes, ou aceita a carta que foi oferecida pelo outro participante, quando ele acha que ela até corresponde ao seu jeito de ser”. E, depois, logo em seguida cada um devolve ao monte aberto as fichas que não quer, ou apresenta para um dos participantes. O jogo não tem vencedores. São bons os jogos que de repente não têm vencidos nem vencedores. Ele tem pessoas que vão acabando antes e pessoas que vão acabando depois. Quando cada um completa as 10 fichas-palavras, ou recuperando as sete que deixou no monte comum, ou aceitando as que foram oferecidas a ele ou que ele retirou do monte-aberto, ele coloca as 10 fichas diante dele, começando pela que acha que mais tem

tudo a ver com ele e seguindo assim com cada uma. Elas podem ser dispostas em linha reta, podem formar duas linhas de cinco, ou podem formar duas colunas de cinco. Por exemplo:

ALEGRE	PENSATIVO
SINCERO	AVENTUREIRO
CURIOSO	AMIGO
PREGUIÇOSO	PRESTATIVO
SONHADOR	PREOCUPADO COM O DESTINO DO MUNDO

Outro exemplo:

ESTUDIOSA	SONHADORA
ROMÂNTICA	VERDADEIRA
PREOCUPADA	PRONTA PRA AJUDAR OS OUTROS
COMILONA	ALEGRE
CASEIRA	AMANTE DE MÚSICA JOVEM

Terceiro momento: somos iguais, somos diferentes!

A maioria dos jogos que as crianças, os adolescentes e os jovens do mundo quase inteiro conhecem e jogam, são **jogos de competição**. São **jogos competitivos**, jogos de um contra o outro, de um time contra o outro, de “todos contra todos”.

Claro, a gente pensa que tem que ser sempre assim mesmo. Pois na cabeça da gente, jogar é pra concorrer. É para enfrentar o outro, para “entrar com tudo e vencer”. Ser o primeiro, ser o melhor, ser aquele que derrotou quem perdeu, ser o vitorioso!

Nem sempre foi assim!

Nem sempre é assim!

Nem sempre precisa ser assim!

Nem sempre deve ser assim!

Nem sempre é bom porque é assim!

Se vocês se lembrarem bem, mesmo nos desenhos animados e nos filmes de aventuras, muitas vezes os melhores são aqueles em que um bando de meninos inventa uma equipe e faz alguma grande coisa com todo mundo junto.

Todos fazem, todos lutam, todos criam, todos vencem. Não é assim? Não pode ser bem assim? Alguns jogos e alguns esportes são bem mais de cooperação de todos com todos do que de competição de uns contra os outros. Equipes que se unem para escalar altas montanhas. Quando apenas dois chegaram “lá no topo”, na verdade todos os que foram chegaram juntos. Todos venceram. Todos conquistaram uma grande e inesquecível vitória! E que belos abraços cada um dá em todos os outros”!

Também é assim nestes jogos-com-palavras inspirados nas idéias e nos sonhos de paz do professor Paulo Freire. Vocês lembram o **JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE?** Ali tem um momento em que parece que alguém ganhou e alguém perdeu. Mas ele é só um momento do jogo inteiro. Porque logo em seguida todos devem se unir, criar juntos, trabalhar-jogando juntos para criar algo que não daria para fazer nem com “cada um na sua” e nem com “cada um contra os outros

Aqui no **QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?** Também é assim.

Vamos voltar uns passos atrás. O jogo vai acabando quando cada participante tem nas mãos 10 fichas que ele considera (e é ele e ninguém mais quem deve decidir aí) que formam “o retrato do meu jeito de ser”. Cada um que acaba espera os outros acabarem. Quando todos consideram que completaram as suas séries do “meu retrato com palavras”, um momento do jogo acaba de acabar. Alguns conseguiram recuperar pouco a pouco as fichas-palavras que escreveram. Mas basta alguém achar que uma ficha-palavra de um outro jogador cabe bem para dizer “como eu sou”, para que o que escreveu fique com uma ficha a menos das suas. Não é mesmo?

Assim, pode bem acontecer que alguns jogadores tenham que aceitar palavras escritas por outros, para completarem a sua relação de palavra-adjetivos que “têm a ver comigo”. Tudo bem, melhor ainda. Eu posso ter escrito numa ficha-palavra: **SOU ALGUÉM NUMA BOA! E** de repente cai nas minhas mãos uma ficha escrita por outro participante escrita assim: **ESTOU DE BEM COM A VIDA!** Ora, essa outra frase tem tudo o ver com o que eu escrevi na minha. E eu até posso achar que a idéia das palavras da pessoa que escreveu ela é melhor ainda do que a minha. Porque não? Então eu fico com a dele. E ele, se tiver sorte e se quiser, que fique com a minha. E por aí vamos.

Muito bem. Então este é o outro momento do jogo.

Acabou-se o monte das cartas “de cabeça pra baixo” e o monte das cartas “de cabeça pra cima”. Cada uma deve ter nas mãos 10 fichas com palavras que de uma maneira ou de outra, escritas por ela mesma ou por outra, dizem como cada participante do jogo é. Ou como pensa que é. Ou como imagina que seja. Ou ...

Agora é toda a equipe de jogadores que deve construir uma outra pessoa. Não importa agora se ela existe ou não. Certamente em algum lugar longe ou perto ela existe mesmo. Mas ela vai ser criada como um “tipo de gente”, através de um diálogo entre todas e todos. A proposta é a seguinte: todos juntos devem criar com as fichas-palavras a resposta a uma pergunta como: “como eu gostaria mesmo de ser?”. Ou, então, a pergunta: “como eu gostaria que fosse o meu melhor amigo ou a minha melhor amiga?” Ou, de uma maneira mais aberta: “se eu pudesse escolher mesmo, como eu gostaria que fossem os meus amigos?”.

Parece fácil, mas não é tanto. E porque? Porque a construção desta pessoa desejada deve ser feita com a participação de todos. Se todos disserem: “eu gostaria de ser e gostaria que os meus amigos fossem exatamente como está nas minhas 10 fichas,” é bem possível que este momento do jogo terminasse logo. Ou não terminasse nunca, pois bem poderia acontecer de cada um defender a “sua pessoa” de tal maneira que não se chegaria a um acordo nunca.

Claro, entre 6 ou 8 meninos e meninas participantes do jogo, é bem provável que tenham sido desenhados com palavras 6 ou 8 pessoas excelentes. Muito legais mesmo, E mesmo que algumas sejam bem diferentes das outras. E este seria um bom momento de se aprender que nem para ser, nem para pensar, nem para sentir e nem para viver existe um jeito único de se ser gente. Não é mesmo? Somos iguais e nem é só porque todos temos um nariz, duas orelhas, uma boca e dois olhos. Somos iguais, somos semelhantes, somos parecidos por coisas e motivos bem mais profundos do que estes.

Mas somos diferentes. Vendo as mesmas coisas do mundo, vemos de modo diferente. E pensando sobre elas os nossos pensamentos, pensamos idéias e lembramos lembranças diferentes. Mesmo quando convergimos nisto ou naquilo, cada um chega “naquilo” vindo pelos seus próprios caminhos e vivendo “aquilo” de uma maneira que pode ser mais ou menos como as dos outros, mas é sempre também própria, pessoal, original.

Pois bem. Para desenhar com apenas 10 palavras alguma coisa parecida com: “como eu gostaria de ser”, ou “como eu queria que fossem os meus amigos e as minhas amigas”, a equipe de participantes do jogo pode começar por uma boa conversa. Uma conversa sobre quais seriam as qualidades (as virtudes, os atributos, os jeitões, as maneiras de ser, etc, etc) que desenhariam da melhor maneira a pessoa que se deseja ser ou com quem se deseja brincar, criar alguma coisa, estudar junto, conviver, enfim.

É possível que de uma boa conversa de que todos participem, saiam já algumas idéias comum a todos, ou a quase todos. Quando houver um acordo a respeito de uma palavra-qualidade, quem tem a ficha-palavra com ela escrita, coloca no meio do círculo da mesa, ou no chão, em volta de todos, cada um com as fichas de suas 10 palavras na frente. Vamos imaginar que a primeira “qualidade” seja: **SINCERO**. Todos os que tiverem essa palavra colocam a sua ficha no centro. Se forem duas ou três, podem ficar formando um primeiro montinho. Quem achar que não tem a mesma palavra, mas uma que quer dizer a mesma coisa, ou algo muito parecido, pode propor aos outros jogadores da equipe se ela vale também. Por exemplo, aqui estão palavras da mesma “família-de-sentido” de **SINCERO**: **CONFIÁVEL, FRANCO, VERDADEIRA, ALGUÉM EM QUEM A GENTE ACREDITA**.

Uma maneira até de se começar esta conversa-de-construção-de-alguém é muito simples. É só contar as palavras-qualidade que aparecem mais de uma vez. Começar vendo se tem alguma que aparece 8 vezes, se são oito jogadores, ou 6 vezes, se são seis jogadores. Se todo mundo escolheu uma palavra (**FRANCO**) ou um fraseado de palavras (**ALGUÉM EM QUEM A GENTE ACREDITA**) iguais, ou bem sinônimas (todo mundo sabe o que é sinônima?) então pronto, quase não há o que debater sobre ela. Ela já é uma boa primeira das 10.

Depois se vai atrás das que aparecem 5 vezes, quando são seis, ou 7, quando são oito participantes (ou 3 quando são quatro, ou 9 quando são dez, é claro!). Depois as que aparecem 4 vezes em seis, ou seis em oito. E assim por diante, até alguém da equipe dizer: “ora, mas esta palavra ou as parecidas com ela só aparecem 3 vezes e nós somos seis pessoas; é só a metade). Então se dialoga, então se trocam idéias. Sempre que houver um acordo, lá vão as fichas-palavra dela para o conjunto do meio.

Mas até mesmo palavras que não apareceram nenhuma vez (o que vai ser difícil de acontecer), ou uma vez só, na escolha de um participante sozinho, podem ser lembradas como um bom “traço”, um bom “jeito” ou uma boa “qualidade” para a pessoa que, juntos, todos da equipe estão “desenhando”.

De repente são 10 palavras, dez “atributos de identidade” (isso é palavra de psicólogo, mas dá bem pra entender). Pronto, está feito.

Mas alguém do grupo pode dizer que não concorda inteiramente. Então ela pode tirar uma das palavras que sobram no seu monte do “quem sou eu”, e colocar ao lado de alguma outra que tenha meio o que ver com ela. Qualquer um que queira pode fazer assim também. Então, quando “ele” estiver pronto, com todas as suas palavras-qualidade, no centro da mesa pode aparecer um desenho mais ou menos assim

	SINCERO	BOM COMPANHEIRO*	
CARINHOSO	ALEGRE	PRESTATIVO	AMIGO, BOM
	TRANQUILO	BOM DE PAPO	MUSICAL
BONITO	ANIMADO	GENEROSO	ESTUDIOSO
	SIMPLES	INTELIGENTE	NATURISTA

* Neste “monte de fichas-palavra” podem estar também: **AMIGO DO PEITO, UMA PESSOA PREOCUPADA COM O OUTRO, UM CARA NUMA BOA COM A VIDA, ALGUÉM BOM DE SE ESTAR COM ELE, AMIGÃO**.

Atenção todo mundo! Este último momento do jogo pode ser “brincado” de outras maneiras. Uma delas é um pouco mais íntima e só é bom jogar assim quando as pessoas do grupo de jogadores se sente muito a vontade. Ela pode ser assim:

Uma das pessoas do jogo se escolhe ou é escolhida pelos outros para ser “desenhada” por eles com as palavras-qualidade. Assim, de um por um, cada participante da rodada coloca na frente dela uma ficha com a palavra que acha que tem tudo (ou tem alguma coisa) a ver com ela. Coloca e, ao mesmo tempo, diz para ela e para todos porque

acha que escolheu. Isto pode ser feito em uma rodada só, e numa turma de 6 participantes a pessoa escolhida vai receber outras cinco palavras-qualidade. Pode até ser que algumas sejam as mesmas que ela escolheu, ou tenham tudo a ver com uma das suas palavras escolhidas. Também se pode continuar, seguindo em mais outras ou mais duas ou três rodadas. Ao final a pessoa escolhida ainda pode fazer a sua escolha. Ela pode deixar junto das suas as palavras escolhidas pelas outras jogadoras e os outros jogadores da equipe. Se ela achar que é bem o caso, pode fazer isto ao mesmo tempo em que diz para os outros porque deixa algumas fichas-palavra e devolve outras. Aí ela estará criando o re-desenho do desenho que as outras pessoas fizeram, completando o primeiro “desenho com palavras dela sobre ela mesma”.

Que tal inventar ainda outras maneiras de seguir jogando? Seguir jogando e trocando idéias sobre como as pessoas se veem, como elas acham ou imaginam que são. Como os outros imaginam quem e como sejam outras pessoas. Com o nós, afinal, nós “construímos com palavras” e fazemos isto também com os outros.

Este jogo-de-construção-com-palavras pode ser um bom exercício para a gente compreender o que nos torna iguais aos outros, semelhantes, aos outros, diferentes dos outros. Como podemos ser e conviver com outros pelo que temos de “comum” com eles e também com o que temos de “só nosso”, ou de “diferente”.

E ele pode ser um bom momento também para aprendermos um pouco mais uma sábia lição. Sabem qual é ela? Ela é a certeza de que somos todos importantes uns na vida dos outros. Não é por causa de um nome importante de família, não é por causa de títulos, de poderes ou de seja lá o que for. Somos essenciais na vida uns dos outros pelo simples fato de que somos outras pessoas, outros seres humanos.

Sempre que desejamos o bem de cada pessoa e de todos aqueles com quem compartilhamos momentos da nossa vida, gente de muito perto, de menos perto, de meio longe, ou de muito longe, sempre que nós um desejo de semear a paz e conviver em paz com os nossos outros, somos para eles uma pessoa da maior importância, do maior valor. E se é tão bom viver isto com quem achamos que parece muito com a gente, às vezes é melhor ainda quando aprendemos a viver este mesmo sentimento com as pessoas que parecem serem um pouco ou até mesmo muito diferentes de como nós achamos que somos, de como nós pensamos, de como nós vivemos.

Uma vez, na capa de um disco de cd de um amigo meu estava escrita uma coisa que eu li, copiei e nunca mais esqueci. Um escrito simples, quase uma poesia. Não sei o nome inteiro de quem escreveu, pois lá só estava: Ricardo. Mas é o bastante, não. Nunca conheci o Ricardo, nunca estive com ele um momentinho só que fosse. Mas acho que devo agradecer a ele a vida inteira por isto que eles escreveu um dia, e que agora eu escrevo aqui, para vocês.

Cada um que passa em nossa vida
Passa sozinho, porque cada pessoa
é única para nós.
E nenhuma substitui a outra.
Cada um que passa em nossa vida,
Passa sozinho, mas não vai sozinho,
e nem nos deixa sós.
Leva um pouco de nós mesmos e
deixa um pouco de si mesmo.
Há os que levam muito, mas não há os
que não levam nada.
Há os que deixam muito, mas não há os
que não deixam nada.

Esta é a mais bela e valiosa
responsabilidade de nossa vida,
a prova mais profunda de que cada um é
importante e de que ninguém se aproxima
do outro por acaso.

É isso aí! E agora podemos ir para o jogo da **CARTA DA VIDA**. Vamos lá?

Terceiro jogo **A CARTA DA VIDA**

Começo do jogo:

Conhecendo algumas coisas antes do jogo começar

Vocês logo vão ver que este jogo não é bem um jogo no sentido comum da palavra “jogo”. Vão ver que como os outros dois, ele é um jogo-de-criar-juntos, mesmo que pareça um jogo-de-competir, em alguns momentos.

Vocês vão ver também que este **JOGO DA VIDA** vai poder ter outros nomes, conforme o assunto principal de cada vez que se joga-cria. Por exemplo, ele vai poder se chamar: **JOGO DAS CRIANÇAS, JOGO DOS VALORES, JOGO DA TERRA**. E vocês logo vão saber porque.

Dependendo da situação, os dois outros jogos deste livro podem ser brincados-criados por duas, quatro, seis, oito, dez e até um pouco mais de crianças ou de jovens. Este também. Mas se der vontade, ele pode ser vivido também por uma turma bem maior.

Acho que todos vocês já ouviram falar sobre uns “documentos” dirigidos a todos os povos, a todas as pessoas do Planeta Terra. Eles são escritos sempre por pessoas adultas. Os adultos (como eu, na verdade) gostam de pensar que todo assunto sério tem que ser pensado e resolvido por eles. Bom, estes “documentos universais” às vezes tomam o nome de **declaração**, às vezes de **manifesto**, às vezes até de **carta**.

Talvez o “documento Universal” mais importante e mais conhecido seja a **Declaração dos Direitos Humanos**. Ela é reconhecida no nosso mundo inteiro. Foi assinada por representantes de todos os países da Terra e fala dos direitos que todas as pessoas do Planeta possuem, sejam elas quem forem: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, mulheres e homens, pessoas negras, amarelas, brancas, da África, das Américas, da Europa ou de qualquer outro lugar (até os que vivem nos gelos). Ricos e pobres (e nem deveria haver no mundo tantos pobres e tão poucos ricos!).

Todas, todas as pessoas. Porque basta você ser um **SER HUMANO** para ser, como todos os outros seres humanos, alguém que merece todos os direitos proclamados na **Declaração Universal dos Direitos Humanos**.

Vamos lembrar vários artigos dela. Não vão ser todos, mas os mais importantes para nós. Então vamos escolher aqui só os artigos que dizem coisas mais próximas ao nosso jogo. Vamos lá:

Declaração Universal dos Direitos Humanos

artigo 1

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados como estão de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros

artigo 2

Toda a pessoa possui todos os direitos e liberdades proclamados nesta **Declaração**, sem distinção alguma de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de qualquer outra índole, origem nacional, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição.

artigo 3

Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança de sua pessoa.

artigo 4

Ninguém será submetido à escravidão, nem à servidão; a escravidão e o comércio de escravos estarão proibidos sob todas as suas formas.

artigo 5

Ninguém será submetido a torturas e nem a penas ou tratamentos cruéis, inumanos ou degradantes.

artigo 6

Todo o Ser Humano tem direito, em todas as partes, ao reconhecimento de sua personalidade jurídica.

artigo 7

Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, possuem iguais direitos à proteção da lei. Todos têm direito a uma igual proteção contra toda a discriminação que infrinja esta **Declaração** assim como contra toda a provocação a tal discriminação.

artigo 9

Ninguém poderá ser arbitrariamente detido, preso ou desterrado

artigo 12

Ninguém será objeto de ingerências arbitrárias em sua vida privada, sua família ou seu domicílio ou sua correspondência, nem de ataques à sua honra ou à sua reputação. Toda pessoa tem direito à proteção da lei contra tais ingerências ou ataques.

artigo 13

Toda a pessoa tem direito a circular livremente e a eleger a sua residência em um território de um Estado.

1

artigo 14

Toda pessoa tem direito a sair de qualquer país, inclusive o seu próprio país, e a regressar ao seu país.

artigo 15

Toda a pessoa tem direito a uma nacionalidade

Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade e nem do direito de mudar de nacionalidade

artigo 16

Os homens e as mulheres, a partir da idade núbil, possuem o direito, sem restrição alguma por motivos de raça, nacionalidade ou religião, a casar-se e fundar uma família; e desfrutarão de iguais direitos quanto ao matrimônio, durante o matrimônio e em caso de dissolução do matrimônio.

Apenas mediante o livre e pleno consentimento dos futuros esposos poderá ser contraído um matrimônio.

A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e possui o direito à proteção da sociedade e do Estado.

artigo 17

1. Toda a pessoa possui direito a uma propriedade individual.

2. Pessoa alguma será privada arbitrariamente de sua propriedade.

artigo 18

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou de crença, assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou a sua crença, individual ou coletivamente, tanto em público quanto de maneira privada, pelo ensino, pela prática ou pela observância.

artigo 19

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui o de não ser molestado por causa de suas opiniões, o de investigar e receber informações e opiniões e de difundi-las, sem limites de fronteiras, por qualquer meio de expressão.

artigo 20

Toda pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas.

Ninguém poderá ser obrigado a pertencer a uma associação.

artigo 21

Toda a pessoa tem direito a participar do governo de seu país diretamente ou por meio de representantes livremente escolhidos.

Toda a pessoa tem direito de acesso, em condições de igualdade, às funções públicas de seu país.

A vontade do povo é a base da autoridade do poder público; esta vontade se expressará mediante eleições autênticas que deverão celebrar-se periodicamente por meio de sufrágio universal e igual, e por voto secreto ou outro procedimento equivalente que garanta a liberdade do voto.

artigo 22

Toda a pessoa, como membro da sociedade, possui o direito à segurança social, e a obter, mediante o esforço nacional e a cooperação internacional, à parte a ela devida da organização dos recursos de cada Estado, a satisfação de seus direitos econômicos, sociais e culturais, indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

artigo 23

Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de seu trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção frente ao desemprego.

Toda a pessoa tem direito, sem qualquer discriminação, a um salário igual por um trabalho igual.

artigo 24

Toda a pessoa possui direito ao descanso, ao desfrute do tempo livre, a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas remuneradas.

artigo 25

Toda a pessoa tem direito a um nível de vida adequado que lhe assegure, assim como à sua família, a saúde e o bem-estar e, especial, à alimentação, o vestuário e a moradia, a assistência médica e aos serviços sociais necessários; ela possui, de igual maneira, direito aos seguros em caso de desemprego, enfermidade, invalidez, viuvez, velhice ou em outros casos de perda de seus meios de subsistência por circunstâncias independentes de sua vontade.

A maternidade e a infância possuem direitos a cuidados e assistência especiais. Toda as crianças, nascidas de matrimônio ou fora de matrimônio, possuem iguais direitos à proteção social.

artigo 26

Toda a pessoa tem direito à educação. A Educação deve ser gratuita, pelo menos no que concerne à educação elementar e fundamental. A instrução elementar deverá ser obrigatória. A instrução técnica e profissional deverá ser generalizada; o acesso aos estudos superiores deverá ser igual para todos, em função dos méritos respectivos.

A educação terá por objeto o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o favorecimento e o respeito dos direitos humanos e as liberdades fundamentais; deverá favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos étnicos ou religiosos; e promoverá o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a realização e a manutenção da paz.

Os pais terão direito preferente a escolher o tipo de educação que deverá ser dada aos seus filhos.

artigo 27

Toda a pessoa tem direito a tomar parte na vida cultural da comunidade, a gozar das artes e a participando progresso científico que dele resultem.

Toda a pessoa tem direito à proteção de seus interesses e dos materiais que lhe correspondam em razão de produções científicas, literárias ou artísticas de que seja autora.

artigo 28

Toda a pessoa tem direito a que se estabeleça uma ordem social e internacional em que os direitos e os deveres proclamados nesta Declaração se tornem plenamente efetivos.

artigo 29

Toda pessoa tem deveres para com a sua comunidade, dado que apenas nela ela pode desenvolver livre e plenamente a sua personalidade.

No exercício de seus direitos e no desfrute de suas liberdades, toda a pessoa estará sujeita apenas às limitações estabelecidas pela lei com o único objetivo de assegurar o

reconhecimento e o respeito dos direitos e liberdades dos demais, e de satisfazer às justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar geral de uma sociedade democrática.

artigo 30

Nada da presente Declaração poderá ser interpretado no sentido de conferir direito algum ao Estado, a um grupo ou a uma pessoa, para empreender ou desenvolver atividades ou realizar atos tendentes à supressão de qualquer dos direitos ou liberdades proclamados nesta Declaração

*Antes da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** havia bem poucos documentos escritos pelos adultos para serem conhecidos e obedecidos pelas pessoas de todo o mundo.*

*Depois dela foram aparecendo muitos e muitos outros. Nos últimos anos mesmo foram escritos e publicados vários. Alguns falam sobre a **Paz**, outros falam dos direitos dos **povos indígenas**, outros dos direitos das **mulheres**. Temos também declarações e manifestos, cartas e outro documentos em defesa da **natureza**, do **meio ambiente**. Sabem, nos últimos anos surgiram até mesmo **declarações universais** de direitos da **plantas** e dos **animais**. E está muito certo, não? São documentos querendo lembrar a todos os povos e todas as pessoas sobre o que podemos fazer, juntos, para que a vida não desapareça, para que a Terra reverdeça outra vez, para que haja **PAZ** e as pessoas aprendam a serem solidárias, justas e fraternas.*

*Um desses documentos ganhou este belo nome: a **CARTA DA TERRA**. Vale a pena conhecer com atenção esta Carta a todos os povos da Terra. Logo vocês vão ver como ela pode ajudar no jogo que vem vindo por aí. Vamos fazer assim. Escrevemos aqui o “preâmbulo” da **CARTA DA TERRA**. Ele é a parte em que se comenta a situação atual do nosso Planeta.*

*Depois, vamos escrever os artigos da **Carta**, chamados aqui de “princípios”. Seria bom escrever todos eles com os complementos que acompanham cada um deles, mas então ficaria muito longo. E a “carta” pode estar escrita de um jeito meio difícil de se entender, porque foi escrita por pessoas adultas e para elas lerem. Mas eu acho que dá bem para se compreender. Vamos ler aqui os **princípios** escritos na carta, , sem os comentários, menos nos quatro primeiros e no último, para vocês verem como são os comentários de cada “compromisso” da **Carta**. Está bom assim?*

A CARTA DA TERRA

preâmbulo

No nosso diverso mas crescente mundo interdependente, é urgente que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns aos outros, com a grande família da vida e com as gerações futuras. Somos uma só família humana e uma só comunidade terrestre com um destino comum.

A humanidade é parte de um vasto universo evolutivo. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. O bem-estar dos povos e da biosfera depende da preservação do ar limpo, das águas puras, dos solos férteis, uma rica variedade de plantas, animais e ecossistemas. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum primordial a toda a humanidade. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A comunidade terrestre encontra-se em um momento decisivo. Com a ciência e a tecnologia chegaram grandes benefícios, mas também grandes prejuízos. Os padrões dominantes de produção e consumo estão alterando o clima, degradando o meio ambiente,

esgotando os recursos e causando a extinção massiva das espécies. Um aumento dramático da população tem incrementado as pressões sobre os sistemas ecológicos e sobrecarregado os sistemas sociais. A injustiça, a pobreza, a ignorância, a corrupção, o crime e a violência e os conflitos armados aprofundam o sofrimento do mundo. São necessárias mudanças fundamentais nas nossas atitudes, valores e estilos de vida.

A escolha é nossa: cuidar da Terra e uns aos outros, ou participar da destruição de nós mesmos e da diversidade da vida.

À medida que se desenvolve uma civilização global, podemos escolher edificar um mundo verdadeiramente democrático, garantindo o cumprimento da lei e os direitos humanos de todas as mulheres, homens, meninas e meninos. Podemos respeitar a integridade de diferentes culturas. Podemos tratar a Terra com respeito, rejeitando a idéia de que a natureza é somente um conjunto de recursos a serem utilizados. Podemos perceber que nossos problemas sociais, econômicos, ambientais e espirituais encontram-se interligados e cooperar no desenvolvimento de estratégias integradas para solucioná-los. Podemos decidir equilibrar e harmonizar os interesses individuais com o bem comum, a liberdade com a responsabilidade, a diversidade com a unidade, os objetivos a curto prazo com as metas a longo prazo, o progresso econômico com o florescimento dos sistemas ecológicos.

Para realizar estas aspirações, devemos reconhecer que no desenvolvimento humano não se trata unicamente de Ter mais, senão também de ser mais. Os desafios que a humanidade está enfrentando só podem ser superados se todas as pessoas adquirirem consciência de sua interdependência global, se identificarem elas mesmas com um mundo mais amplo e decidirem viver de acordo com responsabilidade universal. O espírito de solidariedade humana e de afinidade com toda a vida será fortalecido se vivermos com reverência às fontes de nosso ser, com gratidão pelo presente da vida e com humildade com respeito ao lugar que ocupa o ser humano na ordem mais extensa das coisas.

Tendo refletido sobre estas considerações, reconhecemos a urgente necessidade de uma visão compartilhada de valores básicos que proporcionará o fundamento ético para uma comunidade mundial emergente. Nós, portanto, afirmamos os seguintes princípios para o desenvolvimento sustentável. Comprometemo-nos como indivíduos, organizações, empresas de negócios, comunidades e nações a implementar estes princípios inter-relacionados e criar uma sociedade global em apoio ao seu cumprimento.

Juntos, com esperança, comprometemo-nos a:

1. PRINCÍPIOS GERAIS

1. *Respeitar a Terra e a Vida,*

reconhecendo a interdependência e o valor intrínseco de todos os seres; afirmando o respeito à dignidade inerente de toda pessoa e fé no potencial intelectual, espiritual e ético da humanidade.

2. *Cuidar a Comunidade da Vida em toda a sua diversidade,*

aceitando que a responsabilidade para com a Terra é compartilhada por todos; afirmando que esta responsabilidade comum toma diferentes formas para indivíduos, grupos e nações, dependendo de sua contribuição aos problemas existentes e dos recursos que tenham à disposição.

3. *Esforçar-se por edificar sociedades livres, justas, participativas, sustentáveis e pacíficas,*

afirmando que a liberdade, o conhecimento e o poder coadjuvam responsabilidade e necessidade de auto-restrição moral; reconhecendo que as verdadeiras medidas do progresso são um nível decente de vida para todos e a qualidade das relações entre as pessoas com a natureza.

4. *Garantir a abundância e a beleza da Terra para as gerações atuais e futuras,*

aceitando o desafio perante cada geração de conservar, melhorar e ampliar sua herança natural e cultural, e transmiti-la a salvo às gerações futuras; reconhecendo que os benefícios e responsabilidades sobre o cuidado da Terra devem ser justamente compartilhados entre as atuais e futuras gerações.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. **Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam e renovam a vida.**

6. **Prevenir o dano ao ambiente, como o melhor método de proteção ecológica, e, quando o conhecimento for limitado, tomar a senda da prudência,**

7. **Tratar todos os seres vivos com compaixão e protegê-los de crueldade e de destruição desnecessária.**

III. UMA ORDEM ECONÔMICA JUSTA E SUSTENTÁVEL

8. **Adotar padrões de consumo, produção e reprodução que respeitem, e protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.**

9. **Garantir que as atividades econômicas apoiem e promovam o desenvolvimento humano de forma eqüitativa e sustentável.**

10. **Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, econômico e ecológico.**

11. **Honrar e defender o direito de toda pessoa, sem discriminação, a um ambiente que favoreça sua dignidade, saúde corporal e bem estar espiritual.**

12. **Impulsar em nível mundial o estudo cooperativo dos sistemas ecológicos, a disseminação e aplicação do conhecimento e o desenvolvimento, adoção e transferência de tecnologias limpas.**

IV. DEMOCRACIA E PAZ

13. **Estabelecer o acesso à informação, à participação inclusiva na tomada de decisões, e à transparência, credibilidade e responsabilidade no exercício do governo.**

Afirmar e promover a igualdade de gênero como pré-requisito do.

14. **Criar com o conhecimento os valores e as habilidades necessárias para forjar comunidades justas e disponíveis a fim de que sejam parte integral da educação formal e da aprendizagem ao longo da vida de todos.**

14. **Criar uma cultura de paz e cooperação.**

Procurar a sabedoria e a paz interior;

Praticar a não-violência, implementar estratégias integrais para prevenir conflitos violentos e utilizar a resolução colaborativa de problemas para manejar e resolver conflitos;

Ensinar a tolerância e o perdão, promover o diálogo e a colaboração intercultural e inter-religiosa;

Eliminar as armas de destruição massiva, promover o desarmamento, proteger o ambiente contra os danos severos causados pelas atividades militares e converter os recursos militares para propósitos pacíficos;

Reconhecer que a paz é a integridade criada por relações equilibradas e harmônicas consigo mesmo, com outras pessoas, com outras culturas, como outras vidas, com a Terra e com o grande todo do qual somos parte.

UM NOVO COMEÇO

(atenção, esta é a parte final da carta)

Como nunca antes na história da humanidade, o destino comum nos chama a redefinir nossas prioridades e a buscar um novo começo. Tal reação é a promessa destes princípios da **Carta da Terra**, os quais são o resultado de um diálogo a nível mundial à procura de um fundamento comum e valores compartilhados. O cumprimento desta promessa depende da ampliação e aprofundamento do diálogo global. Requer uma mudança interior – uma mudança no coração e na mente -. Requer que tomemos ações decisivas para adotar, aplicar

e desenvolver a visão da **Carta da Terra** local, nacional, regional e globalmente. Diferentes culturas e comunidades encontrarão suas próprias e distintas formas de expressar a visão e teremos muito que aprender uns com os outros.

Todo indivíduo, família, organização, corporação e governo têm um papel crítico a desempenhar. Os jovens são os atores fundamentais para a mudança. Deve-se forjar sociedades em todos os níveis. Nossos melhores pensamentos e ações surgirão da integração do conhecimento com amor e compaixão.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do Mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, e desenvolver e implementar os princípios da **Carta da Terra** mediante negociação para adotar um documento de caráter vinculador baseado na *Minuta do Convênio Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* da UICN. a ADOÇÃO DO Convênio promoverá às normas jurídicas, às políticas ambientais de desenvolvimento sustentável um marco de referência legal integrado.

Podemos, se é a nossa vontade, aproveitar as possibilidades criativas diante de nós e inaugurar uma era de renovada esperança. Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova referência à vida, por um compromisso firme de restauração da integridade ecológica da Terra, pelo avivamento da luta pela justiça e pelo outorgamento de poder aos povos, pelo cumprimento dos compromissos de cooperação na resolução dos problemas globais, pelo manejo pacífico da mudança e pela jubilosa celebração da Vida.

Teremos êxito porque devemos fazê-lo.

*A **CARTA DA TERRA** é um documento muito importante. Ela é uma entre as muitas outras que nos últimos anos têm sido escritas e divulgadas.*

*Do mesmo jeito como aconteceu com a **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, ela foi traduzida e publicada em muitas línguas. Assim, pessoas adultas e também meninas e meninos de todo o mundo podem ler a carta e aprender com ela o que se pode fazer para “salvar o Planeta e nos salvar também”. Vocês viram como mesmo tão preocupados com o que está acontecendo, a “carta” começa com a palavra “esperança”, e no final ela vai falar de “um novo recomeço”. Ainda há tempo. Sempre é tempo! Se existe alguma coisa boa que podemos fazer todos juntos, então podemos estar sempre aprendendo e recomeçando.*

*Deu pra sentir que a **CARTA DA TERRA** tem muita palavra difícil e complicada, do mesmo jeito como a **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. As pessoas adultas são assim mesmo. Elas escrevem entre elas e para elas, e quase sempre esquecem que as crianças também sabem ler e gostam de ler. E também estão vendo o que acontece em nossa casa comum, chamada PLANETA TERRA.*

E as crianças e os adolescentes também estão preocupadas com o que está acontecendo por toda a parte. E elas também têm muitas idéias sobre o que deveria ser feito para criamos juntos um mundo verde e bonito, feliz, justo e em PAZ. Tudo o que nos pudermos recomeçar a fazer juntos em nome da VIDA é para o bem da vida presente. Mas para as crianças e os adolescentes tudo o que nós fizemos para tornar o mundo mais verde, mais vivo e mais harmonioso, haverá de ser também em nome do futuro. Do tempo em que vocês serão pessoas adultas como Paulo Freire foi durante tanto tempo.

Uma vez me contaram uma frase que foi escrita por um cacique de uma das tribos de índios que havia nas pradarias da América do Norte, dentre as poucas que existem ainda. Ele escreveu um dia numa carta isto, vejam só:

**Nós não herdamos a Terra dos nossos pais.
Nós apenas a tomamos emprestada aos nossos filhos.**

E é isto o que vocês estão convidados a fazer agora.

*E o jogo da **CARTA DA VIDA** é a resposta de vocês a este convite. Vamos aceitar o desafio dele? Porque não?*

*Ora, muito bem, as pessoas adultas estão sempre se reunindo aqui e ali e escrevendo ótimas “cartas” sobre os **direitos humanos**, sobre os **direitos dos animais** (existe mesmo uma), sobre os*

direitos das plantas (existe também), sobre a **Terra** e sobre tantos outros assuntos. Os homens e as mulheres importantes do mundo (mas quem neste mundo não é importante?) se encontram em vários cantos do Mundo para escreverem “cartas”, “declarações” e “manifestos” que depois as outras pessoas adultas lêem e pensam o que podem fazer. Então, se as pessoas adultas podem, porque é que as crianças não podem escrever também as suas “cartas a todas as pessoas e povos da Terra?”

Vocês já pensaram nisso?

Este é um jogo-de-criar-juntos onde o que se faz é: pensar palavras, inventar palavras (neste jogo pode!), juntar palavras e criar frases, trocar idéias sobre palavras e frases ... e ir escrevendo, passo a passo, uma **CARTA DA VIDA**. Isto mesmo! Uma carta para todas as crianças e os adolescentes da Terra sobre o que todas as pessoas (dos netos aos avós) poderiam fazer em favor das crianças, em favor de todas as pessoas, em favor de todos os povos, em favor de tudo o que é vivo e comparte com a gente uma mesma casa comum, a nossa Terra. E, afinal, em favor da própria Terra.

Vamos lá! Primeiro vamos conhecer as **regras do JOGO DA CARTA DA VIDA**. E nisso não tem jeito de escapar. Todo o bom jogo tem as suas regras. Senão, como saber como jogar? E se os jogadores não chegarem a um acordo sobre o jogo, como ir com ele do começo ao fim?

Meio do jogo:

Proposta do JOGO DA CARTA DA VIDA

Trabalhando primeiro “cada um na sua” e, depois, “todos em equipe” e “todos juntos”, os jogadores-criadores deverão escrever uma “carta” dirigida a todas as pessoas do Mundo. Esta carta deve ter pelo menos 10 artigos, ou 10 princípios, ou 10 sugestões. Ela pode começar direto com o 1º artigo, ou pode ter um “preâmbulo”, como vocês viram na **CARTA DA TERRA**. Parece difícil, mas não é tanto. Se eles fizeram, porque é que vocês não podem fazer também? Eles escreveram como pessoas adultas. Vocês vão escrever como crianças.

Uma carta que dia como a Terra e tudo o que existe nela de vivo e de bom pode ser protegido dos perigos com que nós próprios, seres humanos estamos cada vez mais ameaçando a **TERRA** e a **VIDA NA TERRA**. Uma carta muito simples e boa de ler, que contasse em 10 artigos como a nossa Terra poderia ser de novo reverdecida e repovoada de **VIDA**. Que dissesse como, em nosso nome e de tudo o que é vivo e comparte conosco um mesmo **MUNDO DA VIDA**, nós todos, deveríamos aprender a convivemos em **PAZ**. Como poderíamos fazer alguma coisa para criarmos juntos um **MUNDO DA VIDA** fecundo e feliz.

Um mundo onde nós, todas as pessoas e todos os povos da Terra vamos viver todos os dias em **PAZ** e em harmonia. Uma carta que indique como as pessoas poderiam se unir para fazerem tudo o que puderem para acabar com as guerras, com a fome e com tudo o que impede todas as pessoas de serem livres, de serem mais solidárias, de serem mais amorosas e também mais justas. Uma **CARTA DA VIDA** que convide as pessoas pequenas e grandes de nossa casa, de nossa rua, de nosso bairro, de nossa cidade, de nosso País e de todo o mundo, enfim, a se unirem para aprenderem a viver de uma maneira bem mais livre, mais justa, mais solidária e mais harmoniosa.

E como fazer esta carta? Vocês se lembram do **JOGO DAS PALAVRAS SEMENTE**? Pois o nosso **JOGO DA CARTA DA VIDA** é parecido com ele. Ele também se divide quatro partes: **começa assim, continua assim, vai indo assim** e, no fim de tudo, **termina assim**. Então:

Começa assim

E começa com “cada um na sua”.

Todo mundo com uma folha de papel na frente. Vocês conhecem a Rosa dos Ventos? Pois então desenhem uma na folha. Ela pode ser simplezinha. Duas cruzes que se cruzam desta maneira:

Muito bem. Mas desenhem a **Rosa dos Ventos** de um jeito que dê para escrever uma palavra na ponta de cada linhas, de cada direção. Será que vocês conhecem os pontos cardeais e os pontos colaterais da **Rosa dos Ventos**? Vamos recordar. Quem tiver uma bússola por perto fica fácil, pois o

desenho que está nela é o da **Rosa dos Ventos**. Os pontos cardeais são: Norte, Sul, Leste e Oeste. Os pontos colaterais ficam entre eles: Nordeste (entre Norte e Leste); Sudeste, entre Leste e Sul; Sudoeste (entre Sul e Oeste) e Noroeste (entre Oeste e Norte).

Muito bom.

Pois agora o começo do **JOGO DA CARTA DA VIDA** é em silêncio e “cada um na sua”. Pensem em um dos 10 artigos da **CARTA DA VIDA** que vocês vão escrever. Agora procurem imaginar 8 palavras que serviriam para escrever este artigo. Não é preciso pensar muito a fundo. Basta imaginar e deixar que algumas palavras apareçam na lembrança de vocês. Por exemplo, para escrever sobre como a Terra é a nossa casa comum e como devemos nos preocupar por cuidar dela com zelo e carinho, eu lembrei agora destas palavras, que fui escrevendo na ponta da seta de cada ponto da **Rosa dos Ventos**:

TERRA
CASA
UNIVERSO
ÚNICA
CUIDADO
CARINHO
VIDA
PERIGO

Ora, colocando as minhas 8 palavras em volta da minha ROSA DOS VENTOS o meu desenho ficou assim:

Agora cada um e cada uma de vocês têm 8 palavras lembradas ou imaginadas, escritas nas pontas de uma **Rosa dos Ventos**.

Então ainda em silêncio e “cada um na sua”, vocês vão pensar o seguinte: que frase-artigo eu poderia escrever para a **CARTA DA VIDA** usando as minhas 8 palavras e mais as que eu precisar para juntar as minhas umas com as outras? Parece difícil, não é? Mas nem é tanto. Vejam bem: é uma frase simples, uma recomendação, um apelo ou seja lá o que for, dirigido a todas as pessoas do Mundo em “nome da VIDA”. Tem que ser escrita ocupando todas as 8 palavras escolhidas. Mas junto com elas vocês podem escrever outras. Assim, com as minhas 8 palavras vejam o artigo que eu inventei:

CARTA DA VIDA

Artigo primeiro.

Em todo o **Universo**, por enquanto a **Terra** é a nossa **única casa**. Vivemos nela e só contamos com ela para viver. Por causa do que os homens têm feito com ela, a **Terra** está em **perigo**. Devemos aprender a mudar a nossa maneira de lidar com a nossa **casa**, o Planeta **Terra**. Devemos aprender cuidar dela com **carinho**. Devemos fazer assim, em nome da **Vida** e em nosso nome também. Devemos aprender a tratar a Terra com o **cuidado** que ela merece, pois todo o que temos vem dela.

Acho que deu pra sentir que foi preciso lançar mão de outras palavras, principalmente de verbos, para conseguir escrever uma boa frase que possa valer como um artigo da **CARTA DA VIDA**. Todas as minhas 8 palavras geradoras estão nela. Algumas aparecem mais de uma vez, como a palavra **casa**. Lembrei de outras, principalmente de vários verbos, para dar liga nas minhas palavras e fazer elas virarem uma bela frase sobre “O Mundo, a Vida e Nós”.

Quando cada pessoa da turma de jogadores-criadores conseguir escrever as suas 8 palavras e conseguir formar a sua frase-artigo, então termina a primeira parte de nosso **JOGO DA CARTA DA VIDA**.

E então começa a segunda parte. E ela se chama:

Meio do jogo:

O trabalho em equipe

E aqui também termina a parte do jogo em silêncio e “cada um na sua”.

Porque daqui em diante o jogo-de-criar-uma-carta-para-as-crianças-do-mundo-inteiro vai ser continuado em equipe. Muito bem. Se for grupo pequeno de até umas 8 pessoas quem está jogando, pode formar uma equipe só. Se for uma turma maior, por exemplo, uma turma de umas 20 pessoas, podem ser formados 4 grupos de 5 cada um.

As equipes de jogo-trabalho podem estar em volta de uma mesa ou mesmo sentados no chão (é até melhor). Esta parte começa quando cada um lê para os outros as suas 8 palavras. Quando um dos jogadores acaba, logo começa o outro e assim vai até chegar no último da equipe de jogadores.

*Aí começa um trabalho de diálogo mais difícil. Pois vocês vão trocar idéias sobre as palavras escolhidas. E esta “troca” deve chegar num ponto em que de todas as palavras escolhidas pelos participantes da equipe, restem apenas 16 palavras. E elas deverão ser escritas em cada uma das pontas de uma nova **rosa dos ventos** com 16 direções. Beleza, não?*

Se forem 5 pessoas em uma equipe e se cada uma lembrou ou inventou 8 palavras, serão então 40 palavras. Se for uma equipe maior, de 8 pessoas, temos que $8 \times 8 = 64$ palavras. E tanto faz serem 4, 5, 7 ou 8 pessoas, sempre a equipe deve sair com 16 palavras só. Se forem 40 no começo, quantas vão “ficar de fora?”

Esta é uma boa hora de se aprender a dialogar. E esta sempre foi uma palavra tão querida em Paulo Freire!. A hora de saber ouvir o outro. De dar a todos e a cada uma pessoa da equipe o seu tempo de falar e o seu direito de ser ouvida com toda a atenção. A hora de saber convencer os outros do valor das minhas idéias, mas sem impor nada a força, mesmo que seja só com a “força das palavras”. E a hora de reconhecer que de vez em quando os outros podem ter tido uma idéia melhor do que a nossa. Por que não?

*Bom, quando depois de boas conversas cada equipe (ou uma equipe só) tiver conseguido desenhar a **rosa dos ventos de 16 pontas** e tiver escolhido uma palavra para cada uma, dentre as que foram antes escritas nas **rosas dos ventos** dos participantes, está terminada a segunda parte do **JOGO DA CARTA DA VIDA**.*

*E então começa agora a outra parte do **trabalho em equipe**.*

E o trabalho agora é um pouco mais difícil. Vamos ver.

*Cada um começa a ler para os outros, na ordem da “rodada” que vocês escolheram, a sua frase com as suas 8 palavras. Todos os outros ouvem com muita atenção. Quem tiver alguma dúvida pode perguntar a quem acabou de ler. Porque é que ele escolheu “isto ou aquilo” para a frase-artigo que ele escreveu para a **CARTA DA VIDA**.*

*Quando todos tiverem lido as suas frases, começa a parte mais difícil (aprender é difícil, mas saber dá tantas alegrias!) e a mais criativa. Seria muito fácil escolher as boas frases escritas por cada participante e ir colocando elas em ordem, de modo a começar a compor a **CARTA DA VIDA**. E*

a equipe pode começar fazendo isto. E para fazer isto, mais uma vez vai ser preciso “negociar sentidos”.

*Pode ser que cada um queira ver a sua frase dentro da **CARTA DA VIDA**. Pode ser que todos se empenhem em convencer os outros de que a sua frase é a melhor. Logo vocês verão, se tomarem este caminho, que ele não vai muito longe. Se cada participante tentar apenas convencer os outros, um jogo-de-cooperação vai virar um joguinho comum de competição, como já existem tantos por aí.*

*Talvez o melhor seja uma boa conversa sobre: “como é a **CARTA DA VIDA** que nós queremos escrever juntos?”. Ou: “qual a melhor ordem dos artigos, para ela ficar bem bonita, bem boa de ser lida e bem fácil de ser compreendida por outras crianças?” Quando isto tiver sido bem conversado e houver um acordo, então se pode começar a escolher as frases.*

Agora é que vem um desafio novo.

71

Ele é assim. As frases-artigos que a equipe considerar que estão boas assim como já foram escritas antes, podem ir indo para a Carta, direto. Vão ser o “artigo primeiro”, “artigo segundo”, “artigo nono” e assim por diante. Mas nenhuma frase anterior deve ficar de fora. Assim, as que as pessoas da equipe acharem que não estão boas ainda, deverão ser trabalhadas pelos que quiserem ajudar o seu autor original a melhorar a sua frase-artigo.

E é para isto que as 16 palavras da **rosa dos ventos da equipe** vão servir agora.

Pois é escolhendo alguma das palavras escritas ali que as frases poderão ser completadas. Poderão ser melhoradas, até ficarem “no ponto de irem para a carta”.

Nada como um bom diálogo quando se cria alguma coisa juntos. Assim, passo a passo, palavra a palavra, conversa a conversa, quando a equipe conseguiu escrever, uma debaixo da outra, como vimos na **Carta da Terra**, as suas 10 frases-artigos, a **CARTA DA VIDA** está quase pronta e o jogo pode acabar.

E então chegamos ao nosso último momento do jogo.

Fim do jogo, recomeço da vida

A CARTA DA VIDA escrita e pronta

E aqui temos duas maneiras de acabar o jogo: as duas maneiras, a mais ligeira e a maneira mais lenta.

Primeira maneira mais ligeira.

Se for uma equipe só, quando a **rosa dos ventos da equipe** estiver pronta e quando a **CARTA DA VIDA** também estiver concluída, escrita com a participação de todas e de cada um, a equipe poderá dedicar-se a ilustrar a sua carta com desenhos originais ou com recortes de revistas.

Segunda maneira mais ligeira:

Se forem mais de uma equipe, elas se reúnem em seguida em um círculo maior e apenas cada pessoa escolhida em sua equipe lê para as pessoas das outras as suas 16 palavras e a sua **CARTA DA VIDA**. **Se forem 4 equipes de 5 pessoas, quando as 4 tiverem acabado de ler para as outras, pode haver uma conversa final a respeito. E o JOGO DA CARTA DA VIDA pode parar por aí.** Se for o caso, as cartas e as rosas dos ventos, escritas com boa letra e com desenhos ou recortes, podem ficar dependurados em uma parede.

Boa idéia, não?

Maneira mais lenta.

Esta maneira lenta só vai ser boa se houver bastante tempo. E pode ser assim, pois o **JOGO DA CARTA DA VIDA** pode durar um dia inteiro ou até mais. Porque não?

Bom, quando houver mais de uma equipe, a maneira mais lenta é assim: cada pessoa escolhida pelos outros de sua equipe lê para todos as suas 16 palavras e a sua **CARTA DA VIDA**. Até aí é como na “segunda maneira mais ligeira”.

Mas agora vem a diferença. Pois o grupo de “todo mundo reunido” vai trocar idéias para escrever “numa boa”, a sua **CARTA DA VIDA**. Se forem 4 equipes e cada uma apresentou uma “carta” com 10 artigos, vão ser 40 artigos reunidos. Pode ser que haja mesmo alguns bem parecidos uns com os outros. Ótimo.

Então pode ser o caso de as pessoas decidirem qual é a “proposta” que está melhor. Qual a que está mais compreensível, mais bem escrita, mais “dentro do assunto” daquele artigo. É uma outra ótima e difícil hora de aprender a ouvir, a querer compreender o ponto de vista dos outros, de saber argumentar sem se impor, de cooperar, ao invés de competir, e de chegar a um artigo bom e que represente da melhor maneira o pensamento de todos.

Do mesmo jeito como acontece em várias outras “cartas de princípios”, em outros “manifestos em favor disto ou daquilo”, em muitas “declarações”, a **CARTA DA VIDA** no final pode muito bem ficar com mais de 10 artigos. O grupo todo resolver quantos e qual a ordem deles.

Pronto! Ai esta! Nem tão fácil e nem tão difícil. Vocês escreveram com as suas palavras e com as suas idéias, uma carta que bem poderia ser distribuída pelo mundo inteiro (teria

Vocês até poderiam até colocar suas cartas na Internet, por que não? E outras crianças, outras pessoas daqui e dali poderiam “entrar” na carta e sugerir novos artigos. Novas idéias, não é mesmo?

E com este terceiro jogo com palavras e com idéias, chegamos ao final desta outra parte do nosso livro. Falta uma última parte ainda, e ela é uma carta também.

Carta do Professor Paulo Freire a todas as crianças do Mundo

Queridas crianças como eu fui um dia, nos quintais lá do Recife, onde eu nasci,

Sim. Eu também já fui criança como vocês agora são. Isso foi lá no Nordeste, em Pernambuco, no Recife. Logo no começo o livro **Paulo Freire: o menino que lia o mundo vocês viram como** essa minha primeira história foi contada.

Depois eu fui crescendo. Cresci. Virei menino grande e depois virei adulto. Casei e tive filhos que foram crianças também como vocês são agora. E os meus filhos tiveram filhos que são os meus netos. E os meus netos também cresceram e um dia eles vão ter também filhos que serão crianças como eu fui e como vocês são agora. Casei-me uma segunda vez, mas não tive filhos com minha nova mulher. Ela teve quatro filhos do seu primeiro casamento com Raul e seus filhos lhe deram um neto e uma neta.

A vida é assim. Ela é tão bonita porque a vida gera a vida e da vida de uns sai a vida dos outros. E é por isso que somos todos pais e filhos, irmãos e irmãs uns dos outros, mais dos que pensamos. É bem por isso que devemos nos sentir irmãos uns dos outros mesmo que alguns “outros” não sejam os meus parentes.

E depois que eu fiquei mais velho, quando os meus cabelos e a minha barba foram ficando da cor das areias das praias de Pernambuco, eu aprendi que a vida da gente quase toda é uma saudade de voltar a ser a criança que a gente foi um dia. Mas, afinal, não é bem sobre as minhas saudades de um professor de barbas brancas que eu quero conversar com vocês.

Vocês lembram que no começo do livro sobre a minha vida se fala tanto sobre árvores, flores e frutos, passarinhos e outros bichos. Então, é sobre elas também que eu quero começar falando nesta carta.

Aqui no lugar onde eu estou agora, eu escrevo sentado numa dessas cadeiras antigas debaixo da sombra fresca de uma mangueira tão grande e tão bonita que ela até parece ser eterna. Então, é com a imagem da árvore que eu começo esta conversa com vocês.

Uma árvore como esta, tão verde, tão carregada de frutas (e que mangas mais doces!) e tão grande e tão forte, foi um dia uma semente. Ela caiu de uma outra árvore sobre a terra. Ou ela foi semeada aqui onde estou, por alguém que depois cresceu também. E, quem sabe? Um dia ficou grande e foi embora e nem imagina o que a semente que ele semeou na terra depois virou, com o tempo, uma árvore pequenina que ele cuidou com carinho.

E depois, quando ele já havia ido embora, ela continuou a crescer sozinha até se tornar nesta mangueira tão grande. Uma grande árvore cheia de frutas e de pássaros, e que me faz uma sombra tão boa nessa manhã quente de fevereiro.

A árvore cresceu sozinha. Mas a semente sem a terra secaria e morreria sem fazer nascer nada. E a semente e mais a terra não fariam nascer e crescer uma árvore deste

tamanho sem a água. E sem a terra e as árvores que crescem nela não existiria a água que molha a terra e dá vida à árvore. E sem o sol não haveria o que torna a terra escura e fértil.

E sem as estrelas todas do Universo e mais tudo o que há nele, não haveria um lugar para o Sol, que é a nossa estrela-mãe. E que é uma pequenina estrela entre muitas e muitas e muitas outras que por todo o espaço há.

E é neste imenso Universo o lugar onde a nossa casa e o nosso barco, chamado Planeta Terra, existe e navega.

E tanto em todo o Universo quanto em nossa casa-Terra tudo está tão ligado a tudo, que eu penso às vezes que as asas de um beija-flor são tão importantes quanto o brilho das maiores estrelas. Pois tudo o que importa, para que a todo o equilíbrio e a harmonia do Universo amanheçam e anoiteçam em cada dia da “vida do mundo” e das nossas vidas também.

Assim também acontece com cada uma e com cada um de nós.

Cada uma, cada um de nós é uma pessoa só no meio de bilhões de outras (será que vocês imaginam o que é: “bilhões”? Eu quase não consigo imaginar!) Quem mora numa cidade pequenina, dessas que não têm mais do que umas mil pessoas é uma pessoa entre outras quase mil pessoas. E o que pensar de quem mora em uma dessas cidades como Recife, com mais de dois milhões de pessoas? Mas cada um de nós vive entre muitos, depende de muitos, mas é único.

Entre todas as outras pessoas, você que me lê agora é uma pessoa única. Nunca houve um outro “você” como você. E nunca vai haver. Somos tão iguais, tão parecidos uns com os outros. Mas somos tão diferentes de todos!

Podemos viver aprendendo a cada dia a conviver! Pois quando sabemos conviver uns entre os outros com o coração cheio de amor e de vontade de criar para todos uma vida de paz e de boniteza, então o que nos faz sermos diferentes é também o que nos aproxima. O que nos torna irmãos uns dos outros. E também aquilo que torna possível a gente sonhar que pode construir para nós e para as pessoas que virão viver depois de nós em nosso mundo, um lugar bom de se nascer e de se viver.

Do mesmo jeito como essa mangueira que me acolheu na sombra dela, cada um de vocês foi uma semente. Uma pequenina semente semeada algum dia no milagre da vida. Também vocês precisaram do equilíbrio da harmonia do Universo pra estarem agora podendo ler esta carta. Precisaram do que vem da terra e da água, do ar, do fogo, do sol e das estrelas.

E precisaram também do cuidado de bons jardineiros. E antes de todos os outros, eles foram a mãe e o pai de vocês. Professores da escola e professores da vida também foram e continuam sendo jardineiros na vida de vocês. Tudo ajuda e todos ajudam. Mas quem aprende como crescer, como ir aprendendo a ser cada vez mais ela mesma, é cada um de vocês.

Como acontece com um pé de feijão ou como uma árvore grande como esta mangueira cada um de nós cresce de dentro pra fora. Cada um de vocês, é o verdadeiro guia de seu próprio destino. As outras pessoas podem apontar o caminho, mas só vocês podem escolher como e por onde caminhar. As outras pessoas ensinam a vocês. Mas quem aprende é cada uma. Cada um de vocês é quem aprende por sua conta e com a sua sensibilidade e o seu esforço.

Vocês não acham que é assim?

Eu acredito tanto que é deste jeito, que eu passei uma boa parte da minha vida dizendo que ninguém ensina a ninguém e também ninguém aprende sozinho.

Ora, alguém bem que poderia dizer: “mas como é que isso é possível? Pois se ninguém aprende sozinho é porque tem que ter alguém que sabe para ensinar alguém que não sabe!”

Pode bem ser, mas só que de um jeito diferente. Mesmo a criança mais pequenina, mesmo um índio, mesmo um sertanejo dos fundos do Mato Grosso, todas as pessoas sempre sabem alguma coisa.

Sempre as pessoas sabem muitas coisas importantes sobre elas mesmas e sobre o seu mundo. Sabem mais do que elas pensam. E mais do que nós pensamos quando imaginamos o que elas sabem. Todos nós temos dentro de nós o nosso saber.

Quando aprendemos alguma coisa não é nunca como se a gente fosse um desses computadores quando eles recebem dentro deles um novo “programa”. Não somos máquinas, somos seres humanos.

Somos pessoas carregadas de quatro coisas muito importantes. E que começam com a letra S: **sentimentos** (as nossas emoções, a nossa sensibilidade), **saberes** (o que aprendemos e sabemos), **sentidos** (a maneira como vivemos a cada momento os nossos sentimentos e saberes, enlaçando eles como os **significados** que damos à nós mesmos, à nossas vidas, ao nosso mundo. Sentimos e pensamos, sabemos e aprendemos com tudo o que somos: sentimentos, emoções, vontade, inteligência.

E é com tudo o que somos que estamos sempre procurando responder a perguntas que professor algum, por mais sensível e sábio que ele seja, pode responder por nós: “quem sou eu?”; “qual o sentido da minha vida?”; “como eu devo ser e que vida eu devo querer viver?”

Tudo isso eu posso aprender lendo bons livros ou boas revistas. Posso aprender ouvindo outras pessoas: meus pais, meus irmãos mais velhos, meus amigos, meus professores, meus vizinhos. Posso aprender brincando com minhas amigas e meus amigos. E aí até parece que não se está aprendendo nada. E é quando mais se pode estar aprendendo.

Convivo com os outros: leio, escuto, aprendo.

Mas quem aprende sou eu. Quem aprende é cada uma e cada um de vocês.

Cada um convive com outros, e a verdade é que se ninguém ensina ninguém, e também ninguém aprende sozinho. Todos nós sempre sabemos alguma coisa. Sempre estamos criando nossos próprios saberes. Isso que nós podemos chamar também de: nossos conhecimentos.

Algumas pessoas podem ter estudado mais do que outras, por mais tempo. Elas podem ter dentro delas “mais saberes” ou “mais conhecimentos”.

Mas isto não é uma coisa que se compare. Pois cada um de nós tem dentro de si mesmo os seus conhecimentos, os seus saberes, os seus valores. Assim, quando estamos conversando como nossos pais ou com nossos amigos, ou quando estamos ouvindo um professor e fazendo nossas perguntas a ele, sempre estamos aprendendo alguma coisa nova.

Mas estamos ensinando alguma coisa a eles. Sempre que eu aprendo, eu também ensino e sempre que eu ensino alguma coisa eu também aprendo alguma coisa em troca.

E esta aí foi a coisa mais bonita que eu aprendi em minha vida de professor. Que tudo o que eu sei aprendi com outros, ensinando a eles também. Que tudo o que eu aprendi foi algo que eu construí de dentro para fora. Mas foi sempre uma espécie de troca. Nunca aprendi nada sozinho, sempre alguém escreveu o livro que eu li. Sempre alguém me disse uma coisa nova que eu não sabia ainda.

Mas eu só aprendi coisas novas a vida inteira porque estava sempre aprendendo-e-ensinando, e estava sempre ensinando-e-aprendendo. Estava sempre ouvindo-e-falando e estava sempre **dialogando**. Gosto muito mesmo desta palavra: **diálogo**.

E gosto de todas as que saem da árvore da semente dela: **dialogar, dialogando, dialógico**. Esta palavra quer dizer: ouvir-e-dizer; ouvir com atenção a outra pessoa para aprender com ela e, depois, dizer com carinho o que eu quero dizer para ensinar alguma coisa a ela.

Dialogar quer dizer: compartilhar com os outros as minhas emoções, os meus sentimentos, os meus saberes e os meus valores.

Que dizer aprender pouco a pouco a dividir a vida com outras pessoas. Respeitar em cada uma o que ela é, o que ela sente, o que ela sabe. Reconhecer que ela é diferente de mim e saber que eu posso ser amigo dela e aprender com ela justamente porque nós não somos iguais. Somos diferentes, mesmo quando somos muito parecidos.

E o que há de bom na nossa conversa, no nosso **diálogo**, é que através dele podemos estar todos os dias ensinando e aprendemos **uns com os outros**, e também **uns entre os outros**, e ainda **uns para os outros**.

Isto mesmo. E porque?

Porque tudo o que eu aprendo e passo a conhecer, só tem valor mesmo se sai de mim, de dentro de mim, e vai aos outros. E., assim, é um saber partilhado com as outras pessoas. Eu gosto de pensar que esta é a diferença entre o infeliz “saber solitário” e o feliz “saber solidário”. Não é mesmo?

Vocês vivem em um tempo em que se falam muitas palavras como: “competência”, “concorrência”, “competição”, “sucesso”, “o melhor de todos”, “o que venceu os outros” e assim por diante.

Eu prefiro outras palavras. Prefiro palavras como: “consciência”, “comunicação”, “cooperação”, “solidariedade”, “os que se unem para fazer o melhor”, “os que se venceram a si mesmos, partilhando a vitória com os outros”.

Eu sempre pensei que a gente não deve nunca pensar assim: “o que é que uma menina de 6ª série precisa aprender para passar para a 7ª série?”. Eu sempre preferi perguntar assim: “o que é que uma menina de 10 anos deve aprender para viver da maneira mais feliz e mais fecunda possível, esta maravilha que é ela ser uma menina de 10 anos?”

Vejo muitas vezes até professores perguntando assim: “o que é que um menino precisa fazer na escola para ser o melhor de sua turma?” Ora, pra que ser apenas “o melhor da minha turma?”

Eu prefiro perguntar para os professores e para vocês: “o que é que os meninos e as meninas de uma turma precisam aprender e fazer para criarem uma turma tão solidária e tão amiga que eles nunca mais esqueçam dela?”

E eu prefiro perguntar também: “ao invés de se estudar só para ser uma pessoa de sucesso e para vencer na vida, porque não estudar e aprender para fazer de sua vida uma vida cheia de paz, cheia de amor, cheia de espírito de solidariedade, cheia do desejo de compartilhar e partilhar com os outros e de criar com as outras pessoas um mundo de paz?”

Um mundo afinal justo e livre, solidário e feliz?

Pensem nisto. Pensem, minhas queridas crianças do mundo inteiro, com toda a calma e todo o carinho. Ouçam a voz do seu coração. Ouçam o seu coração com toda a atenção, porque nele está o melhor professor de vocês. Ouçam os seus sentimentos e as suas emoções, não tenham medo de chorar, de dizer que estão com medo ou inseguros.

Ouçam também o que diz a sua intuição, isto é prestem atenção naquilo que o seu corpo sente, que lhe dá um friozinho na barriga, que você quanto mais olha mais quer olhar, que seu peito palpita, que seus pelos se arrepiam e vocês têm uma vontade danada de saber do que se trata. Confesso a vocês: nunca desprezei as minhas intuições, ficava curioso, queria entender o que eu estava vendo, saber como era a coisa por dentro, de verdade! Pensava, pensava e sempre os meus pressentimentos acerca de se um fato ou uma idéia era de um jeito ou de outro, sempre confirmaram o que a minha intuição estava me “soprando no ouvido”.

Outra coisa: vão atrás para entender melhor, mais profundamente tudo o que dizem ser óbvio : “Isto é óbvio!!!”, corram atrás!. Sabem, o meu Método de Alfabetização de Adultos partiu de uma coisa tão óbvia: eles e elas são analfabetos da palavra escrita, mas sabendo falar não são analfabetos orais. Assim, entendi que as palavras geradoras, as palavras sementes deveriam e precisariam ser estas que eles falam, ficava mais fácil escrevê-las porque os alfabetizandos e as alfabetizandas sabem o que essas palavras significam! Quanta

7.

coisa podemos aprender, saber, quando seguimos o que o nosso corpo nos diz ou pela intuição ou pela obviedade do fato e procuramos entender isso de verdade, descobrir a razão de ser disso através da ciência.

Foi assim que eu construí o meu saber: partindo da intuição, pensando, escutando o povo, pensando, estudando outros educadores e filósofos, pensando mais e mais, sempre pensando sobre tudo o que via, ouvia e observava. Isso cansa, é verdade, mas foi assim que eu compus uma compreensão nova de educação. Acho que valeu a pena! Faria tudo isso outra vez para ajudar cada pessoa do mundo a se tornar mais pessoa, mais gente, SER MAIS, pois foi esta a minha luta por aí!

Depois, conversem com os seus amigos sobre esta minha carta e sobre o que ela fez vocês sentirem e pensarem.

E se vocês acharem que aprenderam um pouquinho que seja lendo a minha carta, escrevam para mim. Façam isso e me ajudem a aprender também com vocês. Não é preciso mandar a carta pelo correio. Aqui para onde eu vim e onde eu estou agora, é um lugar que está sempre bem perto de vocês. Bem junto e até bem dentro do coração de vocês.

Um abraço com toda a ternura,
Do amigo de vocês,

Paulo Freire